



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

JOÃO AIRTON DE MATOS PONTES

**DA SUFICIÊNCIA À GRADUAÇÃO:
PERCURSOS DA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO CEARÁ – 1950 A 1970**

FORTALEZA

2013

JOÃO AIRTON DE MATOS PONTES

DA SUFICIÊNCIA À GRADUAÇÃO:
PERCURSOS DA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO CEARÁ – 1950 A 1970

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação. Linha de pesquisa: História e Memória da Educação. Núcleo temático: História da Educação

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- P858d Pontes, João Airton de Matos
Da suficiência à graduação: percursos da formação da educação física no Ceará -1950 a 1970 /
João Airton de Matos Pontes. – 2013.
155 f. il., enc.; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.
Área de Concentração: História e Memória da Educação.
Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.
1. Educação Física – Fortaleza (CE) – História. 2. Professores de Educação Física – Formação
–Fortaleza (CE). I. Título.

CDD 613.70981

JOÃO AIRTON DE MATOS PONTES

DA SUFICIÊNCIA À GRADUAÇÃO:
PERCURSOS DA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO CEARÁ – 1950 A 1970

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação. Linha de pesquisa: História e Memória da Educação.

Defesa em: 22 de Julho 2013

Banca Examinadora

Professor Doutor José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Doutor Rui Martinho Rodrigues
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Doutor Francisco Ari Andrade
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Doutora Ariza Maria Rocha
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Professor Doutor José Edvar Costa de Araujo
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos.

(Marcel Proust)

A Solange, Denise, Germana e Leonardo,
certeza de amor e fraternidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fazer existir.

A minha família, pela união, incentivo e orações pelo meu sucesso.

Ao meu orientador, professor Dr. José Gerardo Vasconcelos, pelo apoio, coerência e incentivo nessa jornada.

Ao Prof. Dr. Ari Andrade, pela dedicação, amizade e simplicidade na transmissão dos ensinamentos.

Ao Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues, pela oportunidade do convívio com sua cultura exponencial.

Aos professores do NHIME, a gratidão pelo aprendizado e conquistas.

Aos colegas do NHIME, pela amizade sincera e harmônica.

Aos entrevistados, pela compreensão e cooperação para a conclusão deste estudo.

Aos colegas da Educação Física, na certeza de outras investigações sobre esse tema.

Aos colegas do mestrado e doutorado, pela possibilidade da descoberta de pessoas singulares e de grande conteúdo científico.

Aos colegas professores e funcionários da FACED, pela força em busca desse ideal.

Àqueles que colaboraram cedendo seus trabalhos e arquivos pessoais para consulta, o reconhecimento pela coerência ao não egocentrismo.

Àqueles que não mais estão no plano terrestre e torceram pelo nosso sucesso, os mais sinceros agradecimentos.

Aos professores Edvar Costa e Ariza Rocha, a gratidão pela participação na banca examinadora.

RESUMO

Este trabalho é um estudo histórico sobre o ensino e prática da Educação Física desde fase em que o educador físico era habilitado pela prova de 'suficiência' até a criação dos Cursos de Graduação em Educação Física, no Ceará, no período 1950 a 1970. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, sobre o processo histórico da formação do professor para ministrar aulas desse componente curricular em Instituições de Ensino Fundamental e Médio e nas Instituições de Ensino Superior. O objetivo geral do estudo foi compreender a dimensão histórica do processo de formação e prática dos professores de Educação Física, em Fortaleza, entre os anos de 1950 e 1970. Nessa perspectiva, procurou-se conhecer a dinâmica pedagógica dos processos de ensino e aprendizagem dos professores de Educação Física na cidade de Fortaleza, no período de 1950 a 1970; identificar os impactos, na dinâmica pedagógica da prática docente, ocorridos com a criação do Curso Superior de Educação Física, na cidade de Fortaleza, na década de 1970; conhecer e entender a 'grade curricular' desses cursos, à luz da proposta de um saber acadêmico para a formação de professores de Educação Física, para as escolas de ensinos Fundamental e Médio, em Fortaleza, no contexto das reformas educacionais, a partir da década de 1970. O trabalho foi fundamentado em pesquisa bibliográfica em autores que tratam da importância das atividades físicas e da Educação Física como disciplina curricular. Realizou-se ainda, uma pesquisa de campo, cujo instrumento de coleta de dados e informações foi a entrevista que, pela sua forma de estratégia, torna-se uma das ferramentas de relevância por estabelecer relações entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos no processo investigativo. Foi ainda utilizado o recurso da investigação na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel por se tratar de armazenamento de grande valor para a pesquisa de natureza histórica e com recorte local. Desse modo, foram utilizadas fontes múltiplas para colher as evidências, na perspectiva de responder as perguntas e objetivos propostos para a constituição de uma história da Educação Física especificamente do processo de formação dos profissionais da área no Estado do Ceará. A pesquisa viabilizou o conhecimento do percurso histórico da criação do primeiro Curso de Educação Física em Instituição de Ensino Superior do Ceará, ao mesmo tempo em que se vivenciaram os momentos que antecederam à implementação da legalização do curso superior, norteados através de lei e os percursos vividos pelos atores envolvidos no processo. Concluiu-se que o estudo pode subsidiar outras investigações sobre o tema, abordando outras linhas de raciocínio e técnicas na elucidação dos fatos. Acredita-se que a pesquisa possibilitou, também, discussões e entendimentos sobre a história da Educação Física do Ceará e mostrou que as leis foram importantes para o desenvolvimento da Educação Física, e regulamentação de sua prática e da atuação de seus professores. No Ceará, essa legalização se iniciou na década de 1960, com o curso da CADES, cuja influência política foi preponderante ao pleito.

Palavras-chave: Ensino Superior. Educação Física. Cursos de Graduação. Narrativa histórica.

ABSTRACT

This work is a historical study of the teaching and practice of physical education from the stage where the physical educator was enabled by the proof of 'sufficiency' to the creation of the Undergraduate Physical Education, Ceará, in the period 1950-1970. This is a qualitative, exploratory and descriptive, on the historical process of teacher to give lessons in this curriculum component institutions of primary and secondary schools and in higher education institutions. The general objective of the study was to understand the historical dimension of the training process and practice of physical education teachers in Fortaleza, between the years 1950 and 1970. In this perspective, we sought to understand the dynamics of the educational processes of teaching and learning of physical education teachers in the city of Fortaleza, in the period 1950-1970, to identify the impacts on pedagogical dynamics of teaching practice, which occurred with the creation of the Course Physical Education in the city of Fortaleza, in the 1970s, to know and understand the 'curriculum' of these courses, in the light of the proposal of an academic scholarship to train physical education teachers for the elementary and high schools East, in Fortaleza, in the context of educational reforms from the 1970s. The work was based on a literature in which authors discuss the importance of physical activity and physical education as a curriculum subject. Was also held, field research, whose instrument of data collection and information was the interview that its way of strategy, becomes one of the important tools for establishing relationships between the researcher and the subjects involved in the investigative process. It was even used in the resource research in Public Library Menezes Pimentel as it is great value for storage of historical research and crop location. Thus, multiple sources were used to gather evidence with a view to answering the questions and objectives proposed for the creation of a history of physical education specifically the process of training of professionals in the state of Ceará. The research enabled the knowledge of the historical background of the creation of the first Course of Physical Education in Higher Education Institution of Ceará, while it experienced the moments leading up to the implementation of the legalization of college, guided by law and pathways experienced by the actors involved in the process. It was concluded that the study can inform further research on the subject, including other lines of reasoning and techniques to elucidate the facts. It is believed that research also enabled discussions and understanding of the history of Physical Education of Ceará and showed that the laws were important for the development of physical education, and regulation of their practice and the performance of their teachers. In Ceará, the legalization began in the 1960s, with the course of CADES, whose political influence was predominant at the election.

Keywords: Higher Education. Physical Education. Undergraduate courses. Historical narrative.

LISTA DE SIGLAS

AI 5	Ato Institucional nº. 5
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CADES	Curso de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Secundário
CADES	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CEU	Clube do Estudante Universitário
CMADA	Conselho Municipal de Assistência ao Desporto
CND	Conselho Nacional de Desportos
CONSUNI	Conselho Universitário
DCE	Diretório Central dos Estudantes
FACED	Faculdade de Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEAC	Maternidade Escola Assis Chateaubriand
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PLAMEG	Plano de Metas do Governo
PSD	Partido Social Democrático
UDN	União Democrática Nacional
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNIFOR	Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....	18
3	PERCURSOS E ITINERÁRIOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....	29
3.1	As atividades físicas e os primeiros habitantes no Brasil.....	29
3.2	A Independência do Brasil e as ideias sobre a Educação Física.....	30
3.3	A Educação Física e os efeitos Pós Proclamação da República.....	39
3.4	Entendendo a Educação Física a partir de 1930.....	49
3.5	A Educação Física na década de 1960-1970.....	57
4	A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA NO CENÁRIO PEDAGÓGICO DA UFC: HISTÓRIA E REMINISCÊNCIAS DOS SEUS PROTAGONISTAS.....	62
4.1	Educação Física no Pici: início e seu precursor.....	62
4.2	A chegada dos primeiros professores ao Campus.....	70
4.3	A criação do Curso de Educação Física da UFC.....	96
4.4	A primeira integralização curricular do curso de Educação Física da UFC.....	101
5	O CURSO DA CADES E A SUFICIÊNCIA: FORMAÇÃO TÉCNICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	107
5.1	Os professores de Educação Física e a legalidade da profissão	107
5.2	A chegada do curso da CADES.....	112
6	A UNIVERSIDADE DE FORTALEZA: POSSIBILIDADE DE REALIZAR SONHOS.....	115
6.1	O início da construção.....	119
6.2	A formação da equipe pedagógica e o espaço físico.....	123
6.3	Os primeiros professores e os egressos do primeiro vestibular em Educação Física.....	123
7	ANSEIOS, ASPIRAÇÕES E REALIZAÇÕES DOS PRIMEIROS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE NÍVEL SUPERIOR DE FORTALEZA.....	136
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147

REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICE A – CARTA DE CONSENTIMENTO PARA EX-ALUNOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIFOR E PROFESSORES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFC.....	153
APÊNDICE B – LISTA DOS ENTREVISTADOS.....	155

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física tem sido alvo de muitos estudos e questionamentos, assumindo, inclusive, abordagens diversas que contribuíram de forma significativa para o entendimento da evolução desse campo de saber acadêmico. Em termos de prática de atividade física, ela passou a ser muito difundida na Europa por meio de seus métodos Ginásticos na Suécia no período de 1776 a 1860, na Áustria em 1848, na França em 1852 e na Dinamarca em 1885 (MARINHO, 1980).

As atividades físicas no Brasil aparecem desde a época do Império, como práticas obrigatórias nas Escolas Militares, institucionalizadas através de Decretos. É evidente que as práticas dessas atividades, no âmbito das escolas militares, muito influenciaram para que os colégios civis oficiais também as tornassem efetivas em seus estabelecimentos, a tomar como exemplo o Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro. Destaque-se que, em 1882 o Ministro Rui Barbosa já emitia pareceres que alertavam para a importância da prática da atividade física nas escolas públicas, para ambos os sexos, e que fosse oferecida para as Escolas Normais.

Foi a partir de 1920 que vários Estados realizam reformas educacionais e incluíram a Educação Física, utilizando-a com o nome de ginástica. A Educação Física, no âmbito escolar e naquele momento, estava envolta em preconceitos, ou seja, existia como lei, mas em contraponto deixava de ser cumprida (DARIDO, 2005, p. 2). A concepção emergente de Educação Física estava direcionada para os preceitos de bons hábitos de higiene e saúde, além de valorizar o desenvolvimento o físico e a moral, a partir do exercício. Naquele momento da história, a educação física e o esporte eram considerados concomitantes, não ocorrendo uma distinção teórica ou definição conceitual que as vissem em separado.

Foi no governo ditatorial de Getulio Vargas que a Educação Física teve um reconhecimento mais específico, quando foi criada a primeira escola civil de formação em Educação Física: a Escola Nacional de Educação Física.¹

Na condição de profissional da área de Educação Física, atuando no Ensino Fundamental e Médio, desde o ano de 1973, e no ensino superior a partir de 1994, obtendo o título de graduado na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), no período de 1976 a 1979, vivenciou-se a oportunidade de ser aluno de um dos remanescentes da Escola Nacional de

¹ A Escola Nacional de Educação Física, situada no Rio de Janeiro, foi criada através do Decreto 1.212 de 07/04/1939.

Educação Física, o professor ² José Eduardo Gomes Barreira, cuja amizade firmada naquele momento, manteve-se até o seu falecimento em finais do ano de 2011, o qual, pelo seu testemunho e relato oral, resgatou alguns elementos mais detalhados sobre o processo histórico da Educação Física no Estado do Ceará. Para situar a importância desse depoente na consolidação da Educação Física, traça-se uma breve trajetória de sua formação profissional para que, no decurso de delineamento deste processo de investigação, entendam-se as circunstâncias de criação do primeiro Curso Superior de Educação Física do Ceará.

O professor José Eduardo fez o vestibular para a Escola Nacional de Educação Física no Rio de Janeiro no dia 03/01/51. Relatou que o curso era de três anos, com aulas teóricas e práticas. Nas aulas teóricas as turmas eram juntas enquanto nas aulas práticas, os homens ficavam separados das mulheres, com 50 alunos em cada turma. Após concluir o curso, chegou ao Ceará, em 1954, e foi nomeado para lecionar do Colégio Liceu do Ceará, mas requereu a possibilidade de fazer concurso para ocupar uma cadeira para professor catedrático (denominação de professor titular àquela época).

O Curso de Educação Física, no Ceará, como formação de Ensino Superior, passou a existir oficialmente em meados do ano de 1973, com a criação da Universidade de Fortaleza. No entanto, nas escolas ela já existia em forma de atividades físicas em função da obrigatoriedade da lei 5. 692, criada em 11/08/1971, no governo militar. Registre-se que, até então, para o professor adquirir o direito para lecionar, teria que cursar a Escola Nacional de Educação Física, fazer um curso chamado ‘suficiência’, ou concluir com êxito o Curso de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Secundário (CADES), realizado pela Seccional do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em cada Estado. Esse Curso dava, ao professor, o direito de assumir a disciplina em uma escola, temporariamente, ou se efetivar através de um concurso público.

Acredita-se que o estudo ora proposto pode revelar inúmeros outros aspectos importantes sobre essa área de ensino no Ceará, além de constituir-se um capítulo da história política e educacional, que merece ser investigado; passadas mais de três décadas, o que permite um olhar retrospectivo mais sereno e uma problematização mais cuidadosa, servindo-se, aqui, do instrumental teorico-metodológico da pesquisa histórica.

A História da Educação Física no Ceará, ainda caminha em indagações, desde as primeiras décadas, por contratempos de toda ordem, mas eles tornam-se instigantes, na

² Registre-se que o professor José Eduardo Gomes Barreira é referência nessa área do conhecimento com atuação significativa no magistério superior, além de ter sido pioneiro em coordenar um curso superior de Educação Física no Estado do Ceará.

medida em que se apresentam flutuantes aos olhos, mentes e conversas de rememoração dos profissionais, com atores que ajudaram a construir sua história.

Em meados do século XX, a Educação Física era entendida, apenas, como atividade física, momento esse que a inseriu como um componente da história, na condição de atividade física, contemplada com os métodos ginásticos importados da Europa.

Anteriormente ao surgimento do primeiro Curso Superior em Educação Física, no Estado do Ceará, as escolas já dispunham de aulas e de profissionais da área atuando, apesar de serem apenas práticos. O registro passou a ser exigido, a partir da fundação da Universidade Federal do Ceará, no ano de 1950, que incluiu a formação de profissionais em diversas áreas do conhecimento, mas deixava em plano inferior a ideia e a vontade da criação de um Curso Superior de Educação Física.

Na década de 1970, a Universidade Federal do Ceará (UFC) iniciou as atividades físicas apenas para cumprir o que determinava a Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, tornando-a uma disciplina com caráter obrigatório, como prática esportiva, sendo ofertada a todos os alunos da Universidade. Com o fim da vigência daquela Lei, a discussão e a instituição de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no ano de 1996, a Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996), instituída no momento do processo de redemocratização da sociedade brasileira, abriu espaço, na UFC, para a criação do Curso de Educação Física, agregado à Faculdade de Educação.

É importante ressaltar que, após a criação pela Universidade de Fortaleza, do primeiro Curso Superior de Educação Física, outras instituições educacionais também contribuíram para o surgimento de Cursos Superiores de Educação Física. É importante, também, registrar que, na integralização curricular da maioria desses Cursos de Educação Física, a Educação Física foi contemplada como uma disciplina básica para o entendimento do processo de evolução e dos modelos e formas de atuação dessa atividade, nos dias atuais.

No entanto, os docentes que ministram essa disciplina, em função de apenas existirem registros históricos de uma Educação Física voltada para as raízes europeias, deixam involuntariamente de fomentar, nos discentes, os conhecimentos de uma Educação Física regionalizada, tão significativa para o conhecimento das necessidades das pessoas de cada localidade, em função de um resgate histórico cheio de nuances e com passagens, que podem enaltecer o trabalho dos professores que vivenciaram essa área do conhecimento, anteriormente. É importante, portanto, frisar que é intenção deste pesquisador, transformar este trabalho em um compêndio que possa ser adotado por Instituições de Ensino Superior de

Educação e ratifique a importância da matéria em Cursos de Formação dos futuros profissionais.

As reflexões aqui apresentadas instigaram a busca de esclarecimentos que podem ser descritos sem deixá-los necessariamente na obediência de uma cronologia, mas que podem nortear o estudo a partir dos questionamentos que forem surgindo.

O trabalho apresenta como objetivo geral: Compreender a dimensão histórica do processo de formação e prática dos professores de Educação Física, em Fortaleza, entre os anos de 1950 e 1970, e como objetivos específicos:

Conhecer a dinâmica pedagógica dos processos de ensino e aprendizagem dos professores de Educação Física na cidade de Fortaleza, no período de 1950 a 1970.

- Identificar os impactos, na dinâmica pedagógica da prática docente, ocorridos com a criação do Curso Superior de Educação Física, na cidade de Fortaleza, na década de 1970.
- Conhecer e entender a ‘grade curricular’ desses cursos, à luz da proposta de um saber acadêmico para a formação de professores de Educação Física, para as escolas de ensinos Fundamental e Médio, em Fortaleza, no contexto das reformas educacionais, a partir da década de 1970.

O estudo foi desenvolvido em cinco capítulos. No primeiro apontam-se os registros dos percursos e itinerários históricos da Educação Física no Brasil. O segundo retrata a Educação Física como prática no cenário pedagógico da Universidade Federal do Ceará: histórias e reminiscências dos seus protagonistas. No terceiro, enfoca-se o Curso de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Secundário (CADES), também chamado de ‘Curso de suficiência’. O quarto capítulo versou sobre a Universidade de Fortaleza, e a possibilidade de realizar o sonho da implantação de cursos voltados à formação do educador físico. No quinto capítulo, destacam-se os anseios, aspirações e realizações dos primeiros professores de Educação Física de nível superior de Fortaleza.

Assim, o estudo apresenta as atividades físicas dos primeiros habitantes do Brasil, os índios, destacando suas habilidades na corrida, equitação, caça, pesca e peritos nadadores. Nesse período, que aconteceram iniciativas políticas e médicas, no sentido de incentivar a escrita de trabalhos sobre essa atividade a exemplo de um Deputado de Minas Gerais, que apresenta uma emenda propondo um prêmio pecuniário para a pessoa que apresentasse no prazo de um ano, um plano de educação somente física ou moral ou intelectual.

Ressalta-se a edição de manuais e apresentação de trabalhos com o intuito de desenvolver ações sobre atividades físicas para o corpo e a mente. Outro fato de relevância foi

a promulgação do Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, através do Ministro Luiz Pereira Couto Ferraz, que incluía os exercícios ginásticos. Entretanto, o maior acontecimento para a Educação Física no Brasil Império foi o parecer de Rui Barbosa sobre a Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública, que tornou obrigatório o ensino da Ginástica e equiparou os professores dessa área aos demais. Após a proclamação da República, a Escola Cristã de Moços chegou ao Brasil com a finalidade de desenvolver o desporto, ao mesmo tempo em que os objetivos da ginástica se voltavam à promoção da saúde, como responsável pela imposição à família de uma Educação Moral.

Esta pesquisa em história da educação foi desenvolvida por meio de análise narrativa por entender que as experiências de vida e os saberes vivenciados pelos atores envolvidos no processo investigativo são fatores preponderantes para o fornecimento dos dados e informações importantes para a elaboração deste estudo. Nesse tipo de pesquisa, a busca é também por uma análise da motivação e do pensamento desses indivíduos, destacando que os depoimentos constituem-se uma forma clara de resgate desses dados. O narrador assume a condição de importância no processo investigativo e pode interagir sobremaneira para a elucidação dos fatos ocorridos no seu objeto de estudo. Nesse item o pesquisador deve admitir que é possível estar diante de uma verdade objetiva, relativa, lógica ou metafísica.

Para esse estudo adotou-se a pesquisa qualitativa na condição que a mesma assume na sua forma de obtenção dados no ambiente natural, procurando registros em contato direto. De acordo com (BILKEN; BOGDAN, 1994, p. 47), as ações podem ser mais bem compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Afirmam ainda, que a investigação qualitativa é descritiva.

Dessa forma, esses investigadores buscam analisar os dados em toda a sua dimensão e significados, obviamente, levando em consideração a forma original em que os fatos ocorreram. Na pesquisa qualitativa todo o contexto adquire posição de importância igualitária, exatamente porque pode se constituir em indícios para a pesquisa do seu objeto de estudo. No decurso de sua investigação, um detalhe pode concorrer para ajudar a elucidar os fatos. Entretanto, o investigador deve, também, levar em consideração o processo pelo qual os fatos foram se registrando.

“Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem considerar as experiências do ponto de vista do informador.” (BILKEN; BOGDAN 1994, p. 51). Diferente do que apontavam alguns estudiosos das ciências exatas, que

registravam ser científico, apenas, os estudos apresentados em suas áreas de conhecimento, pode-se destacar que esse conceito já pode ser considerado questionável, a partir do que explicitam Bilken e Bogdan (1994), quando afirmam que: “[...] a investigação científica implica um escrutínio empírico e sistemático, que se baseia em dados e a investigação qualitativa preenche esses requisitos.” (BILKEN & BOGDAN, 1994, p. 64). Registre-se que na pesquisa qualitativa o investigador está determinado a construir o conhecimento através dos registros dos dados, tendo como princípio básico a imparcialidade e a interação com os atores envolvidos no processo, na busca dos fatos que fundamentam o seu estudo.

Neste trabalho, será utilizada, também, a técnica da entrevista que, pela sua forma de estratégia, torna-se uma das ferramentas de relevância neste trabalho, por estar ao lado das relações entre as pessoas e pode ser empregada na coleta dos dados fornecidos pelos atores do processo investigativo. Segundo Lüdke e André (1986 *apud* SALES, 1996, p. 56), a entrevista é considerada como uma importante arma de comunicação e de obtenção de informações, que possibilita entender o que ocorre nas atividades científicas humanas.

A compreensão do objeto da entrevista possibilita que os dados coletados, em seu transcorrer, sejam analisados por dois aspectos: os de ‘natureza objetiva’, que se revelam nos fatos concretos e os de ‘natureza subjetiva’, como as atitudes, valores, opiniões, que só podem ser obtidos com a contribuição dos atores sociais envolvidos. (SALES, 1996, p. 58). Entende-se que a utilização da entrevista pode ser considerada como uma boa estratégia, pela relação de interação que ela favorece, entre o pesquisador e o entrevistado, por meio da intervenção e subjetividades que os participantes incluírem nos encontros.

A pesquisa vai ser desenvolvida investigando, inicialmente, o recorte temático aqui focado, em relação a três períodos: 1) anterior à criação da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, compreendido pelas décadas de 1950 e 1960, com o intuito exploratório; 2) o período da criação do curso superior e formação de profissionais de Educação Física na UNIFOR e ensino obrigatório da área na UFC, como unidade curricular imposta pela lei vigente, nas décadas de 1970 e 1980; 3) o período da expansão da área com a criação do Curso de Educação Física na UFC e os anseios dos primeiros alunos formados em Educação Física na Universidade de Fortaleza. Dessa forma, além de fontes documentais referentes a esse momento, a fonte oral obtida junto aos atores partícipes será também um forte elo condutor deste estudo.

Entende-se que esse recuo temporal seja imprescindível porque o processo de ensino de Educação Física, no momento que antecede à criação de um curso superior na área, foi de grande relevância para que fosse impulsionada a criação de instituições de ensino

superior particulares. Por outro lado, seria importante averiguar em quais circunstâncias políticas aconteceram os processos de iniciação, desenvolvimento e implantação, em função de intervenções de pessoas influentes da cidade de Fortaleza e ligadas ao contexto, o que exigirá uma conexão e confronto entre fontes documentais oficiais e orais, jornalísticas e imagéticas.

Será consultada a hemeroteca da biblioteca pública por se tratar de um recurso de armazenamento de uma das fontes de grande valor para a pesquisa de natureza histórica e com recorte local. Ressalta-se a possibilidade de se encontrarem, ali, fatos e depoimentos que, naquele período, talvez ficassem despercebidos em relação à sua importância na definição dos rumos da Educação Física no Ceará, mas à luz de uma busca histórica mais definida pode emergir outros atores e aspectos a ser considerados.

Há necessidade, portanto, de uma busca dos atores/personagens existentes na cidade de Fortaleza, que atuaram na formação dos professores, antes da implantação da primeira instituição de ensino superior de Educação Física no Ceará, durante todo o processo de sua instalação, bem como, no decorrer da formação dos futuros profissionais de Educação Física já com uma base voltada à cientificidade.

De maneira geral e como citado anteriormente, será desenvolvida uma pesquisa qualitativa, possibilitando uma abordagem metodológica sedimentada em fontes múltiplas para colher as evidências, capazes de responder as perguntas e objetivos aqui propostos para a constituição de uma história da Educação Física e, especificamente, do processo histórico de formação dos profissionais da área no Estado do Ceará. Outros aspectos metodológicos serão definidos e/ou redefinidos no processo de investigação.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Na revisão bibliográfica realizada para este estudo, foram encontrados alguns trabalhos de teóricos que muito ajudaram na busca de fundamentar o objeto deste estudo, dentre os quais se apontam obras importantes para o alcance dos objetivos desta pesquisa, que constituíram um repertório significativo, no que se refere às questões de ordem teórica e metodológica inscritas na pesquisa histórica, em particular, no que se refere ao seu vínculo com as diversas Ciências Sociais:

[...] por que pensar os acontecimentos e as críticas em função dos movimentos lentos e profundos da história, interessar-se menos pelas individualidades e primeiro plano do que pelos homens e pelos grupos sociais que constituem a grande maioria dos atores menos exibidos, porém afetivos, da história, preferir a história das realidades concretas – materiais e mentais – da vida cotidiana aos fatos que se apossam das manchetes efêmeras dos jornais, não é apenas obrigar o historiador – e seu leitor – a olhar para o sociólogo, o etnólogo, o economista, o psicólogo, etc., é também metamorfosear a memória coletiva dos homens e obrigar o conjunto das ciências e dos saberes a situar-se em outra duração, conforme outra concepção do mundo e de sua evolução. (LE GOFF, 1988, p. 16)

Aconselhados, ainda, por Le Goff (1988), é importante trilhar uma história nova, sem a preocupação com fatos pontuais, dispostos em ordem cronológica, mas suplantando o que se pode chamar de campo dos especialistas, no que tange à identificação de recortes temporais e ao manuseio e produção de fontes, quer sejam de natureza documental, hemerográfica, escrita e oral, arquitetônica e imagética. Para Le Goff (1988, p. 2):

No decorrer dos últimos anos, a história caminhou depressa, não só a que se faz no mundo, que os homens vivem, como também a história que os historiadores fazem. Porém, assim como a verdadeira história de uma invenção compreende a da sua difusão, a nova história continua com a extensão dos desbravamentos, a exploração em profundidade dos terrenos conquistados, o esboço das comparações, o aprofundamento da diversidade, etc. Passar de uma época de pioneiros a uma época de produtores nada tem de desonroso nem frustrante.

Nessa perspectiva, não seria de grande admiração afirmar-se que a história nova tem capacidade idêntica à história antiga, no que tange à narrativa e à capacidade de fazer ressurgir o passado. Tendo por base essa linha, pode-se afirmar, também, que a história do homem cotidiano pode ser analisada com o mesmo grau de importância que a de grandes homens. A história nova busca a possibilidade da não mudança em relação ao que as sociedades anteriores produziram: seus conhecimentos, costumes, a forma política das relações e outros.

Para Le Goff (1988), a história não se contentou com abrir, aqui e ali, novos horizontes, novos setores para si. Entretanto, um Pierre Goubert abriu para a história nova o campo da demografia histórica, o enfoque, desde o nascimento até a morte, de todos os indivíduos, de todas as famílias de uma região, durante um século, graças a investigação dos registros paroquiais. Fazendo um breve resgate da história nova, é notório que tenha surgido, em função de pensamentos contrários à forma de se fazer história, apenas com base positivista do século XIX, mais precisamente por volta de 1900.

A orientação recebida do Positivismo tinha sustentação na pressão política, porque o Estado arregimentava a organização de arquivos públicos. O que a história nova fortalece é a forma de se referir à ampliação do campo documental histórico, deixando em outro plano, apenas, os documentos que, muitas vezes, tinham embasamento, unicamente, nas escavações arqueológicas e textos escritos. Para a história nova, uma simples curva de preços, uma fotografia ou um filme pode se tornar num documento relevante.

Ratifica-se, então, que a história passa, na atualidade, por uma ebulição documental, no que foi sugerido pelo etnólogo inglês Evans-Pritchard, em uma conferência em Manchester no ano de 1961, estimulando os antropólogos a aprenderem com os historiadores, em particular em função da experiência destes em relação à crítica dos documentos e à percepção do tempo e da mudança.

Segundo Le Goff (1988), quando François Marie Arouet, conhecido como Voltaire, escreveu *Novas Considerações sobre a História* (1744), fazia alusões sobre a forma de escrever e fazer história, alertando que não conhecia os franceses e os sarracenos pela batalha de Charles Martel, mas que gostaria de conhecer essas nações indo mais além, conhecendo o número de habitantes na época de Carlos V, em relação ao governo de Filipe II, e ainda, quantos habitantes a Inglaterra tinha a mais do que na época de Henrique VIII?

Qual o estudo que se pode desenvolver a partir de uma simples lista nominal das pessoas que pagavam impostos em relação àqueles que não pagavam, ou ainda, como construir uma história levando em consideração as pessoas que nada tinham. Fica explícito que, nessa construção, muitos aspectos devem ser considerados como bastante significativos. Nessas indagações ficam implícitas que a história nova vai tornar perenes as informações sobre a busca de verdades, conhecendo os costumes, a história econômica, a evolução das leis, a história demográfica e tantas outras coisas.

É essa história que busca sustentação no econômico, no antropológico, no artístico, na história dos preços e da economia política (e não, na história política) que Chateaubriand, já no século XVI, denominava de história moderna. Heródoto, considerado o

pai da História, em enquete que buscava meios para que o tempo não abolisse o trabalho dos homens, percebeu que era importante registrar os costumes dos lídios, dos persas, dos massagetas e dos egípcios, para explicar o conflito entre os gregos e os bárbaros (LE GOFF, 1988).

O que, na verdade está sendo pautado, é um entendimento de que no estudo, por exemplo, de uma civilização, vários aspectos devem formar o conjunto desta pesquisa, que inclui as guerras, os atos oficiais dos governos, as instituições e os fatos gerais que às vezes não tem data precisa.

A função precípua atribuída à história nova é de vanguarda na obtenção dos dados para um trabalho profícuo, procurando sobrepor-se aos métodos antiquados de obtenção desses dados, o que representa uma inovação e acompanhamento dos processos e novas perspectivas na coleta das fontes.

Nem sempre as melhores fontes são aquelas que fornecem dados maciços, isso é, dados obtidos de fontes primárias, o que representa uma demonstração inequívoca de que o historiador deve se interessar pela história de todos os homens. Corroborando com esse raciocínio, o historiador não deve possibilitar ao computador o ‘fazer a história’, fato possível numa história com embasamento positivista. Nesse sentido, Le Goff (1988, p. 51) registra:

Sempre coube à história desempenhar um grande papel social, no mais amplo sentido; e nossa época, em que esse é mais que nunca necessário, a história nova, se lhes forem proporcionados os meios de pesquisas, de ensino (em todos os níveis escolares) e de difusão de que necessita, está em condições de desempenhá-lo.

O historiador busca a saída para a busca das análises da história das condutas de uma cultura inclusive das organizações de uma comunidade urbana ou rural ou ainda quer seja popular ou elitista. Nessa orientação da ‘história nova’, devem-se ampliar as possibilidades investigativas no estudo do passado, entendendo o seu resgate para além das análises do documento escrito ou oficial, evitando, assim, a limitação das fontes, que figuram na discussão da área, desde as escavações arqueológicas, às fontes orais, todas sendo de grande significado para um trabalho investigativo, porque para aquele historiador francês:

[...] a história vive hoje uma ‘revolução documental’ [...] a história desfruta tanto dessa conquista metodológica como de sua base universitária. Melhor que as outras ciências humanas – entre as humanidades que não conseguem se renovar e as ciências novas que encontram dificilmente a sua identidade –, a história, cujos profissionais dispõem de uma bagagem sólida de uma formação (LE GOFF, 1988, p. 29).

Outro registro dá conta de que os historiadores agiam como colecionadores, pois ambos armazenavam coisas e peças raras, negligenciando o que seria do espaço cotidiano. Fica óbvio que historiar, no passado, era sinônimo de colecionar. Essa prática, cada vez, mais impulsionava a história a um distanciamento das ciências sociais que, já na segunda metade do século dezanove, ganhavam destaque, tais como: a geografia, a sociologia e a economia e, isso não impulsiona a história nova a distanciar-se dos acontecimentos.

Torna-se, portanto, significativo afirmar que a história, como acontecimento de fatos e realizações, deve se preocupar com a evolução histórica das técnicas, dos costumes, da história política, dos reis ou, ainda, da história do próprio homem, mas acima de tudo, da história de todos os homens.

Conforme assegura Le Goff (1988, p. 219):

É um dogma de fresca data o de que a história seja a ciência do passado, que só encontre sua razão de ser, sua nobreza, sua justificação na laboriosa extração de seus recursos da montanha dos arquivos. É só no alvorecer do reinado positivista, por volta do fim do Segundo Império, que a Universidade, inspirada por Victor Duruy formula o princípio de tal dogma: a história só poderia tratar do abolido, do que passou. Se um estudante tivesse a audácia de escolher como tema de estudo ‘Victor Hugo em Guernesey’ ou ‘A administração da Prússia na época de Bismarck’, seria mandado tratar dos jogos florais na época da Pléiade, ou de Wallenstein.

Freitas (2002), afirma que não existem histórias sem sentido, porque, mesmo antes de ser escrita, ela se transforma no livro dos vivos. Dessa forma, a história oral surge como aliada à investigação de fatos que sedimentarão estudos e pesquisas em várias áreas do conhecimento. Assim sendo, os depoimentos podem apresentar-se numerosos, o que vai permitir operar com uma fonte com muitas informações, além de permitir um confronto das mesmas com possíveis divergências quanto à oferta de pistas para a descoberta do objeto do estudo.

A moderna história oral consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio de técnica de entrevista estando consolidada em diversos países. Ao utilizar essa fonte, oportuniza-se a inserção de mais registros, uma vez que, apenas na observação de documentos, pode ocorrer uma limitação dessas fontes, daí a necessidade da oralidade para a permissão de pontos de vista diferentes e alternativos (FREITAS, 2002).

A história oral permite, ainda, percorrerem-se caminhos alentadores, na busca de um objeto de estudo que, certamente, acarretará ricas observações e conclusões. Nessa perspectiva, citam-se os escritos de Auster (1991, p. 3):

Eu realmente acredito que existimos como seres humanos porque podemos contar histórias [...] as pessoas neurologicamente sãs contam a si mesmas as histórias de suas

vidas todos os dias. [...] há uma espécie de linha que seguimos e que nos liga ao ontem, ao hoje e ao amanhã.

Ao falarmos de história, a memória está intrínseca havendo uma alheia comparação ao fato biológico, as duas acontecem em processo osmótico. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, pelas quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2008, p. 419).

Na história oral, busca-se evitar a análise daquilo que o entrevistado pode ter escondido, omitindo como um fato inexistente, dando crédito aos fatos que, certamente, irão gerar divergências. Pode, por isso, dar grande contribuição para o resgate da memória, individual e coletiva, dado que a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando as evidências relativas aos fatos, como lembra Thompson (2002).

Para Le Goff (2008), a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida, quando estes existem, mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, quando estes não existem. Contudo, a habilidade do historiador permite fabricar o mel, na falta das flores habituais. Nesse contexto, a oralidade surge aqui como uma das fontes propícias aos estudos históricos, com o poder de aglutinar o conteúdo à finalidade da verdadeira essência na busca dos fatos reais do estudo. Thompson (2002, p. 23) afirma, ainda, que:

A história oral pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existiam entre professores e alunos; entre gerações; entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 2002, p. 23)

Entende-se que a fonte oral está fortemente presente em estudos realizados em inúmeros países e se solidifica por gerações, possibilitando o fortalecimento de pesquisas relativas ao passado, que podem ser somadas a outras fontes. Para Daolio (2004), as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações, porém é preciso apenas descobrir o acesso a elas.

Nesse sentido, é válido afirmar, conforme Thompson (2003, p. 6), que o diálogo entre presente e passado, talvez incluindo o futuro, é parte dos problemas que a pesquisa oral deve enfrentar. Na medida em que os depoimentos são gravados e, posteriormente, analisados

e publicados, é possível termos um conhecimento do objeto que está sendo estudado. Afinal, a memória detém elementos essenciais para a construção historiográfica.

Segundo Montenegro (1994), no momento em que os entrevistados narram acontecimentos que transcendem o fazer imediato das suas vidas, são sempre os elementos que têm aspectos comuns com experiências do cotidiano as marcas relembradas.

Para Hobsbawm (1996, p. 23), “[...] a história é feita pelo povo, como conclave que possibilita descobrir se existe, ou não, correspondência entre o que a história oficial estabelece, o que deve ser lembrado e o que de fato ficou gravado [...]”.

De acordo com Vieira *et al.* (1991), fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo tomou um dado rumo e não outro. Deve-se ter consciência da ação de pesquisa seguindo os vestígios e todos os registros possíveis para se chegar aos objetivos do estudo. Para compreender a vida social, importa ir além da mera análise de causas e efeitos factuais, isso é, de motivos, interesses e reações provocados pelas ações: importa enxergar cada evento como desempenhando um papel característico dentro do todo (POPPER, 1993).

É imprescindível, portanto, acrescentar que a narrativa cronológica esteja acompanhando os fatos, por se tratar de uma das linhas norteadoras de uma pesquisa histórica, daquilo que realmente tenha interferência na causa e efeito. Como afirma Tuchman (1995, p. 10), o historiador é constantemente atraído para atalhos e desvios fascinantes. Mas a arte de escrever – a prova do artista – é resistir a essa atração e apegar-se ao seu assunto. A tarefa do historiador, entretanto, é dizer o que aconteceu, dentro da disciplina dos fatos. O que a imaginação é para o poeta, os fatos são para o historiador. No desenvolvimento de uma pesquisa é viável e importante que o pesquisador se atenha aos detalhes que vão proporcionar mais veracidade e maior poder de convencimento.

Geralmente, quem escreve sobre os fatos passados não esteve no passado e não tem a convicção de ter recapturado o que na realidade aconteceu. Nesse caso, o historiador deve buscar provas o máximo possível fidedignas. A seleção das fontes torna-se de suma importância para o trabalho histórico e sua seleção corroborará com os dados apresentados. As fontes primárias surgem *a priori* como documentação básica sem, portanto, deixar de elencar também as fontes secundárias. Mesmo que o fato não seja controverso, terá sido visto e lembrado de diferentes pontos de vista por observadores. Se o acontecimento foi controverso, tem-se a obrigação extra de examinar os dois lados (TUCHMAN, 1995, p. 11).

No acolhimento da fonte primária, esta se destaca pela aproximação e intimidade com os fatos. O local onde os fatos foram registrados apresenta-se como outra fonte de

importância porque pode revelar detalhes que, somados e confrontados com os demais, podem ratificar os acontecimentos outrora acontecidos e pesquisados na contemporaneidade.

Tuchman (1995, p. 25) crê firmemente na ‘falácia absurda’ de que os fatos históricos existem independentemente do historiador. Essa afirmativa possibilita admitir que, em função dos fatos, podem acontecer, também, desdobramentos relacionados ao fato citado, que ajudarão na elucidação daquilo que se propõe investigar. A emoção também tem seu lugar na história, mormente quando se examina detalhadamente aquilo que foi registrado para, depois, ser amplamente examinado, principalmente, quando contempla as perspectivas do historiador.

Para aquele que busca a investigação dos fatos históricos, é importante que sempre esteja buscando as provas, o que dará veracidade a sua investigação, ou seja, cabe ao historiador dizer e elucidar, a partir das provas, o que aconteceu dentro dos fatos. Torna-se relevante, também, o detalhe corroborativo na afirmação da narrativa histórica e na elucidação dos fatos, o que auxiliará a descobrir verdades e impedirá que o historiador vislumbre as teorias que fundamentaram sua invenção.

A utilização desse detalhe na narrativa vai torná-la mais compreensiva, agradável e legível, ajudando a comunicação que é uma das principais intenções de quem a escreve. Na narrativa da investigação histórica, é importante evitar a escrita em termos abstratos, com apenas citações de locais sem o detalhamento que, ao confrontá-los com as demais fontes, ratificarão o estudo. As palavras têm um grande poder de influir na escrita da história e pode produzir, na mente do leitor, muitas formas de interpretações e entendimentos, o que implica que o historiador deve ser o mais exato possível na elucidação e apresentação dos fatos, procurando dizer, sempre, o que quer apresentar, utilizando palavras certas. Ao contrário do historiador, os romancistas, às vezes, criam os detalhes fantasiosos, ao se referirem a um personagem da história.

O historiador deve se ater fielmente àquilo que encontrou de real na pesquisa, ao investigar fatos nos jornais, sempre levando em consideração que as notícias veiculadas em determinado dia podem ser negadas, modificadas ou, até mesmo, consideradas sem ligação com o referido fato no dia subsequente. Outra observação importante pode sinalizar o que tange à narrativa que, apesar de ser simples, aparentemente, requer organização, composição e planejamento.

A mesma interpretação deve-se ter no momento de escrever história que, embora o resultado final para o leitor possa ser entendido como um processo simples e natural, às vezes, para prender a atenção sobre o fato e torná-lo mais importante, os motivos que o

causaram têm de ser colocados em ordem inversa – o fato primeiro e a causa depois. Um cuidado especial deve levar em consideração o material existente da história, no que pode existir em demasia e o que se pode inserir naquela história.

No caso específico deste estudo, o problema é selecionar o que de mais importante aconteceu, não se podendo colocar tudo, no que incorreríamos em exageros de informações. Dessa forma, o trabalho deve consistir em encontrar uma forma de narração, sem se afastar dos fatos acontecidos. Assim, será evitando que pesquisas futuras possam concluir que aquilo que foi narrado se distancia em muito dos acontecimentos.

Cabe ao historiador a tarefa de dizer sobre o que é a história humana e quais são as forças que realmente nos impulsionam. Com isso não se diz que a história exclui o esquálido e o depravado, mas, ocupando-se da realidade e sujeitando-se a certa disciplina, da forma como vem sendo realizada, constata-se uma ocupação proporcional a o todo (TUCHMAN, 1995, p. 46).

Os historiadores oferecem condições ao leitor para que olhem para o passado, analisando o homem na construção de sua história, vivenciada em determinada época, praticando ações de todas as formas humanas possíveis e, às vezes, contempladas por eles próprios. Nesse contexto, os historiadores para se fazerem entender, têm a leveza e a flexibilidade do leitor de poderem escrever história e suas narrativas em linguagem cotidiana. Na tentativa de tornar a narrativa do fato o mais perto possível de verossímil, o historiador, na condição óbvia, deve buscar as fontes reais e apresentá-las de forma mais clara e simples aos leitores.

A seleção daquilo que se vai colocar na narrativa deve ser o mais feita honestamente, fiel àquilo que foi encontrado e jamais tendenciosa, em função do direcionamento que o pesquisador deseja atingir. O historiador deve se preocupar com a verdade e com os dados a revelam, procurando deixar de lado a promoção de sua história narrativa. Deve-se considerar que a narrativa de fatos em que os atos humanos estão sendo revelados, são, por si, incertos, portanto suscetíveis de não serem interpretados como cíclicos, em que cada momento tem uma importância única.

Isso implica em ratificar que nenhum homem se comporta em padrões, pois todos sofrem influências e pressões, no que difere da natureza, onde se podem prever determinadas ações do cotidiano. Pode-se afirmar que todo ser humano, na sua manifestação comportamental, é diferente dos demais, em função de sua personalidade e dos momentos históricos vivenciados, exatamente por serem compostos de uma série de variáveis impossíveis de reprodução, que impedem uma programação de seus atos.

Quem pesquisa historicidade deve procurar contemplar seus subsídios em proporções menores e cíclicas, na busca de conclusões sedimentadas e verídicas, deixando à margem a história volumosa de imediato, no que evitaria incorrer em erros daqueles que se preocupam em estabelecer significados para a história e não, com o que aconteceu.

O historiador não pode ser objetivo quanto ao período em que se insere o seu tema. Nisso ele difere (para sua vantagem intelectual) dos ideólogos mais típicos, que acreditaram que o progresso da tecnologia, da ‘ciência positiva’ e da sociedade tornou possível ver seu presente com a indiscutível imparcialidade do cientista natural, cujos métodos eles acreditam (erroneamente) compreender (HOBSBAWM, 1996).

Na busca da pesquisa, o investigador tenta aproximar-se da realidade dos fatos, instigando o entrevistado a fazer seu resgate e retenção destes na memória. Isso é explicitado por Le Goff (2008), quando refere que, em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória de longo prazo e, temporariamente, na memória ativa. Assim, torna-se relevante destacar que a memória sempre será requisitada para elucidação de fatos, implicando em quaisquer que sejam as formas de requisitá-la como explicita Jack Goody *apud* Le Goff, (2008, p. 423):

1. a memória étnica nas sociedades sem escrita, ditas ‘selvagens’
2. o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-História à Antiguidade;
3. a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito;
4. os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias;
5. os desenvolvimentos atuais da memória.

Observa-se, então, que a cultura dos homens sem escrita é diferente da dos homens considerados letrados, mas nenhuma deixa de possuir a essência histórica, mantendo raízes familiares, tradições, etnias e suas origens. Numa sociedade formada por homens sem escrita, há quem detenha sua história armazenada em suas mente, são os chamados ‘homens memória’ ou ‘genealogistas’.

Evidentemente, os fatos narrados por essas pessoas, podem não ter uma cronologia, uma vez que falta a escrita dessa ação. Isso, porém, não invalida a fonte que pode ser essencial ao processo. Nas sociedades sem escrita, a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo, que se funda nos grupos de origem; o prestígio das famílias dominantes, que se exprime pelas genealogias; e o saber técnico, que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa (LE GOFF, 2008).

O advento da escrita possibilitou, portanto, que as comunidades pudessem registrar os atos religiosos, atos de dedicatórias de bens e de outros gêneros e as genealogias, que se tornaram precípuas naquele momento histórico. Fato que merece registro sobre a temática, refere-se à invenção da escrita do calendário e as distâncias pelas civilizações do Egito, China e Mesopotâmia, ratificando o registro de tal feito para a humanidade, que se tornou de importância extrema.

Ressalta-se que o modelo de efetivação da memória oral ou escrita, tem influência de acordo com a sociedade e o momento em que transcorre a história. A passagem da memória oral para a escrita é, de certo modo, difícil de entendimento, mas os textos podem auxiliar o pesquisador a decifrar nos seus relatos o que se afirmava na narrativa.

Alicerçado nessa afirmativa é importante ressaltar o que disse Homero: “a memória é o antídoto do esquecimento.” Tanto o é que, reportando-se ao século 477 a.C encontra-se o relato do episódio de ‘Simônides de Céos’, no desastre do banquete oferecido por um nobre da Tessália. Após sair para verificar se dois jovens o chamavam, não os encontrou. Ao retornar o teto da casa havia afundado sobre Scopos e seus convidados foram esmagados. Após a tragédia todos foram identificados, porque Simônides com sua grande memória, conseguira lembrar-se do local onde eles estavam sentados.

Para Le Goff (2008, p. 440), a importância da memória é retratada, também, por Santo Agostinho quando afirma:

Chego agora aos campos e às vezes às vastas zonas da memória, em que repousam os tesouros das inúmeras imagens de toda a espécie de coisas introduzidas pelas percepções; em que estão depositados todos os produtos do nosso pensamento, obtidos através da ampliação, redução ou qualquer outra alteração das percepções dos sentidos, e tudo aquilo que nos foi poupado e posto à parte ou que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou.

Requerer a memória como fator agregador na pesquisa histórica e como forma de registro cabe, também, citar a Idade Média, momento em que era regra venerar os velhos, porque seriam dotados de boa memória, além de possuidores de prestígio e, acima de tudo, de muita utilidade. Isso ficou consolidado no episódio em que São Luis estava nas Cruzadas e os canônicos de Notre-Dame quiseram lançar um imposto sobre seus servos do domínio de Orly. Estes se recusaram, ainda, a pagar, mas foi necessária a intervenção da regente Blanche de Castille, nesse conflito. Para se chegar a uma solução, os dois partidos arrolaram a testemunhar os homens idosos. Aqueles que viveram na Idade Média chegaram a denominar os tempos modernos como tempo da memória, admitindo que aos detentores de uma boa

memória, talvez diferenciados e importantes, e definindo que uma memória com lembranças fidedignas pode durar cem anos.

Observa-se que a oralidade, ao lado da escrita, subsidiou a literatura medieval em meados dos séculos XI e XII, enquanto na alta Idade Média, a memória escolar adotou o mesmo processo, obrigando os alunos a registrarem na memória os textos sagrados, o que aconteceu em todo o mundo. Foi ainda na Idade Média, mais precisamente no século XI, que a palavra *mémorie* surgiu, enquanto no século XIII, essa mesma palavra sofreu alteração para memorial, que serviu para a definição de contas financeiras e, posteriormente, alterada mais uma vez para *mémoire*, adjetivando um dossiê administrativo.

Depois do século XII, já no movimento escolástico, a oralidade teve mais ênfase no meio estudantil do que a escrita. Mas, a retórica também teve destaque nesse momento, bem como a teologia. Aqui, merece destaque a definição de memória por Le Goff (2008, p. 447), segundo o qual “[...] memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocam-se as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças às suas semelhanças com as passadas.” Fazendo um recorte para a contemporaneidade, vamos encontrar nos estudos de Jean Piaget,³ que memória e inteligência caminham em uma interseção, ou seja, ambas se apóiam.

Nas sociedades, há quem ofereça subsídio para um resgate de sua história, exatamente quando, às vezes, se busca exauridamente pela memória, que é exposta oralmente, podendo-se constituir em memória coletiva ou individual. Nesse caso, em se tratando de memória coletiva, Le Goff (2008) orienta que cabe aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica.

³ Jean Piaget após concluir o doutorado em Ciências Naturais trabalhou com Édouard Claparèd no Instituto de Ciências Educativas Jean Jacques Rousseau, aplicando testes de inteligência para crianças. A pesquisa psicogenética tinha como objetivo demarcar a elaboração do conhecimento pelo sujeito, no qual existe um organismo ativo em constante interação com o meio, estabelecendo com esse uma relação de equilíbrio, utilizando, para tanto, as operações mentais.

3 PERCURSOS E ITINERÁRIOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

O resgate histórico de fatos e ações daqueles que nos antecederam na Educação Física, torna-se relevante no processo de sua construção histórica. Assim, podemos observar que o tempo também contribuiu para proporcionar uma narrativa desses fatos numa perspectiva cronológica.

3.1 As atividades físicas e os primeiros habitantes do Brasil

Registros sobre as atividades físicas dos habitantes do Brasil, antes do seu descobrimento, mostram que os índios, por necessidade de habitação, alimentação e defesa contra as feras e outras tribos utilizavam o corpo como ferramenta para suprir essas necessidades.

É inequívoco que esse homem tinha de fazer longas caminhadas em busca de alimentos, recorrendo à caça e à pesca, como também, era obrigado a realizar longos trajetos a remo, em canoas, além da fabricação de suas ocas, necessitando, assim, cortar galhos e troncos de árvores. Dessa forma, pode-se imaginar que esse homem nato das terras brasileiras tinha um bom desenvolvimento muscular. Esse aspecto físico dos indígenas ficou destacado na obra de Marinho (1980a, p. 155), quando destaca os relatos do Padre Simão de Vasconcelos e de Jean Lery, que aqui estiveram àquela época “[...] os nossos índios eram membrudos, corpulentos, bem dispostos, robustos, forçosos [...]”.

Para ratificar o que disseram alguns historiadores, sobre os índios, torna-se importante destacar suas diferentes atividades, referidas por Marinho (1980, p. 156):

A caça e a pesca figuravam entre as necessidades do gentio que delas tirava o sustento. daí serem exímios no manejo do arco e da flecha, suas armas de ataque e defesa à distância, a ponto de ter o Padre Simão afirmado que eram tão destros no seu uso que podiam 'acertar a um mosquito voando'.

Em relação à natação e à canoagem, a história destaca que os índios brasileiros desenvolveram grande habilidade nessa atividade. Conforme Marinho (1980a, p. 156), os Paumarís, que constituíam a mais conhecida das tribos Aruaks do Purus, eram “índios essencialmente fluviais, peritos nadadores e canoeiros insignes.” Sobre os Taramambezes, que habitavam o Maranhão, ele afirma que eram ainda mais hábeis, pois sem embarcação

percorriam muitas léguas e, quando muito, usavam um pequeno remo, tendo grande capacidade para ficarem embaixo d'água por muito tempo.

O historiador Lery citado por Marinho (1980a, p. 156) salienta que: “[...] os gentios usavam canoas feitas de uma casca de árvore, propositadamente arrancada de cima para baixo, que chegava a comportar quarenta e cinco pessoas.”

É interessante ressaltar que os historiadores citados por Marinho, (1980), além de sê-los com destaque, também testemunharam tais façanhas e ratificam a coragem e a força física dos índios brasileiros, exaltadas em várias lendas, poemas e romances. O testemunho dos historiadores, porém, é o único que nos merece a devida fé.

A equitação era também muito praticada pelos índios de algumas tribos. Como destaca Prado *apud* Marinho (1980a, p. 156), no Sul de Mato Grosso os índios da tribo Guaicurus, utilizavam muito a equitação para guerrear, pois “[...] a violência com que iam, rompiam e atropelavam os inimigos e eles, com a lança, matavam quantos encontravam adiante.”

Sobre a coragem dos índios brasileiros e a forma com que empreendiam seus combates Lery citado por Marinho (1980a, p. 157) destaca:

A trezentos passos uns dos outros se saudaram a flechadas e desde o início da escaramuça voaram as setas como moscas. Se alguém era ferido, como vimos muitos, depois de arrancá-las corajosamente do corpo, quebravam as setas, e, como cão raivoso, mordiam-lhes os pedaços; nem por isso deixavam, entretanto, de voltar ao combate. Estes americanos são tão ferozes e encarniçados em suas guerras que, enquanto podem mover braços e pernas, combatem sem recuar nem voltar as costas. Finalmente quando chegaram ao alcance das mãos alçaram as clavas descarregando-as com tal violência que quando acertavam na cabeça do inimigo o derrubavam morto como entre nós os magarefes abatem bois.

3.2 A Independência do Brasil e as ideias sobre a Educação Física

Após a independência brasileira ser proclamada, o Deputado Padre Balchior Pinheiro de Oliveira, da Província de Minas Gerais, apresentou, em 1823, uma proposta para que fosse elaborado um tratado de educação e, em 31 de julho do mesmo ano, o deputado pela província do Ceará, José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, apresentou a seguinte emenda:

Art. 1º. – A pessoa que apresentar, no prazo de um ano, contando da promulgação deste projeto, um plano de Educação Física, moral e intelectual, se for cidadão do Brasil, dar-se-á uma medalha distintiva;

Art. 2º. Criar-se-á um segundo prêmio pecuniário para aquele que apresente um plano de educação somente física, ou moral, ou intelectual. (MARINHO, 1980a, p. 158).

Apesar da iniciativa do deputado cearense e dos vários debates e votações, o projeto relevante não teve andamento, pois foi alegado que ele apresentava um grande número de emendas. Ficou acordado, então, que deveria voltar para a comissão para uma nova redação, o que não aconteceu.

Segundo Marinho (1980a, p. 158) com o título ‘Tratado de Educação Física – Moral dos Meninos’, Joaquim Jerônimo Serpa, editou o primeiro livro do gênero, em 1828, um compêndio que tinha como base as obras de Mr. Garden.

O autor entendia como conceito de educação, a saúde do corpo e a cultura do espírito, corroborando com as ideias de Platão, que assegurava que o homem é corpo e espírito. Refletindo, ainda, sobre as ideias de Platão, o referido filósofo se manifestou sobre a educação do homem grego, com a afirmativa de que: “[...] dos 07 aos 16/17 anos, a ginástica e a música se encarregam da harmonia do corpo e da alma.” (MARINHO, 1980a, p. 33).

O planejamento da Educação Física, elaborado por Joaquim Jerônimo, se destinava a meninos que eram divididos em duas fases, de acordo com a evolução: a) do nascimento aos sete anos de idade e b) dos sete aos quatorze.

No que se refere aos exercícios para os recém-nascidos, estes deveriam ser realizados com movimentos, apenas, dos braços, os quais não deveriam ser fortes, bruscos ou prolongados.

Outro aspecto de importância é que os exercícios deveriam ser executados em ambos os lados, estimulando a criança a se tornar ambidestro,⁴ e dividia esses exercícios em duas categorias:

I – exercícios para o corpo, como corrida, dança, nado, lutas e saltos, elementos indispensáveis à preparação para a vida;

II – exercícios de memória, como xadrez.

É importante destacar que a proposta chamava à atenção dos professores para não incorrerem no erro de priorizarem a educação moral em detrimento da educação física.

Em relação ao tema Educação Física, outro trabalho surgiu no ano de 1845, uma tese apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo como autor Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, com o título “Algumas Considerações sobre a Educação Física” (MARINHO, 1980a, p. 158). O referido trabalho trazia como enfoque a necessidade e a importância dos exercícios para a saúde e o vigor, bem como, a influência do moral sobre o físico e vice-versa.

⁴ Ambidestro = pessoa que executa determinados movimento com a mão ou pé direito, e tem o mesmo desempenho com a mão e o pé esquerdo.

Conforme Marinho (1980a, p. 158), no ano seguinte, Joaquim Pedro de Melo também defendeu, na Faculdade de Medicina, mais uma tese sobre Educação Física com o tema “Generalidades acerca da Educação Física dos meninos.”

Passados sete anos, o então Presidente da Província das Amazonas, Toureiro Aranha, no ano de 1852, através de documento oficial apresentou um regulamento para a instrução pública, determinando que a instrução compreenderá a Educação Física, moral e intelectual. Registrava, ainda, que “[...] o sexo feminino deveria ter a mesma educação e instrução intelectual, mas modificadas, além das prendas do próprio sexo, e não fariam exercícios ginásticos.” (MARINHO, 1980a, p. 160).

O que permeia nessas afirmativas é uma discriminação à participação da mulher nas atividades físicas, acreditando-se que, sofrendo influência do período romano, em que as mulheres eram proibidas de assistirem às demonstrações de ginástica nos circos, em função dos acrobatas se apresentarem nus. Naquele momento da história, o corpo esbelto e forte, caracterizava a fortaleza e a simbologia de superioridade e afirmação perante as autoridades e o público.

Destaca Marinho (1980a, p. 160) que, ainda em 1852, Gonçalves Dias, recebeu a missão do Imperador para visitar as principais províncias do Norte e, no seu retorno, apresentou um relatório a respeito da Educação Física, que ficou assim registrado:

Vê-se, pois que os professores alguma coisa, ainda que pouco, fazem, quanto ao desenvolvimento intelectual dos meninos; no do físico absolutamente nada, nem mesmo os primeiros exercícios de ginástica, ou jogos que fortifiquem o corpo; no do moral, quase nada; porque a educação é para eles negócio de pouca importância.

No mesmo ano de 1852, Antonio Francisco Gomes, obteve o grau de doutor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo a tese intitulada “Influência da Educação Física do Homem.” (MARINHO, 1980a, p. 160). Este trabalho destacava que na Educação Física, como parte integrante da educação, estaria implícita também a prática de exercícios. No entanto, tais práticas deveriam ser evitadas perto dos horários das refeições.

Marinho (1980a, p. 159) registra o trecho relevante do relatório de 1860, sobre os exercícios físicos:

Os exercícios ginásticos que desejo ver quanto antes introduzidos nas escolas promovendo a Educação Física da mocidade que as frequenta, sendo das necessidades bem urgentes do ensino público primário, ainda ficaram adiados por falta de espaço e de acomodações nos prédios atuais.

Ainda em 1860, o capitão José Ferreira da Costa foi nomeado instrutor de Ginástica do Depósito de Aprendizagem de Artilheiros,⁵ situado na Fortaleza de São João. O programa desenvolvido nessa escola tinha como prática obrigatória a ginástica, a esgrima e a natação. Os alunos dessas disciplinas eram examinados e consta em Ata, com data de 1875, que um aluno foi reprovado.

Em 1867, o Dr. Eduardo Pereira de Abreu, escreveu ‘os Estatutos Higiênicos sobre Educação Física, Intelectual e Moral do Soldado’ e o dedica o livro ao Conde d’Eu. O trabalho é considerado de alto nível para a época e trata da importância da Educação Física para o soldado, afirmando que ela pode ser aplicada em escolas e isoladamente. Admite, entretanto, que na escola é mais vantajoso, desde que as atividades sejam homogêneas, não apenas por causa da idade, mas também, pelo exame médico. Acrescenta, ainda, a influência que tem o físico sobre o moral do soldado e destaca a importante aproximação de intimidade que deve existir entre o médico e o instrutor.

Além dessas importantes observações, o trabalho classifica os exercícios em elementares e de aplicação, indicando a criação de escolas de natação e mostrando a importância da antropometria⁶ e da espirometria⁷, como instrumentos necessários aos exames tropa. Aponta, ainda, a necessidade de apresentar as conclusões, após esses exames, e acrescenta: “[...] as qualidades físicas, tão apreciadas pelo estrangeiro na escolha de seus soldados, para nós é uma irrisão ou banalidade.” (MARINHO, 1980a, p. 159).

Em 1868, no Rio de Janeiro, a fundação do Clube Ginástico Português e, em 1870 o Ministro Paulino de Souza recomenda que ao internato do Colégio Pedro II deveria ser fora da cidade, reforçando o argumento de que:

Os estudos são, em tese, o mais poderoso meio de educação; não é somente neles que ela consiste. Nos estabelecimentos de educação deve ter-se em vista não só o progresso intelectual da mocidade, mas também dar ao espírito t^{em}pera verdadeiramente varonil, e ao corpo vigor e saúde, que tanto contribuem para que o indivíduo possa ser útil, a si e à sociedade. Os moços que, na época em que o organismo precisa desenvolver-se apropriando-se dos elementos que oferece a natureza, vivem entre quatro paredes de um edifício apertado pelos montões de casas das cidades, tem um desenvolvimento artificial e contrafeito, do qual o corpo como espírito. Ar, espaço e vastos horizontes, eis o que principalmente precisa a idade de dez a dezoito anos, em que comumente se freqüentam as aulas secundárias. As vantagens que tem obtido outros governos, arredando da atmosfera viciada das grandes cidades os internatos de instrução secundária, tem explicação em consideração de tão notória procedência, que parece-me escusado aqui repeti-la. Prestar-se-á grande serviço aos alunos, a todos os que por eles se interessam e em geral à sociedade, se for removido o Internato, da única instituição de ensino

⁵ Artilheiro = aquele que faz parte da Artilharia do Exército. Assim como Infante, seria da Infantaria.

⁶ Antropometria = Que realiza as medidas do corpo humano e seus segmentos a fim de estudos científicos.

⁷ Espirometria = Avaliação indicada para saber a condição pulmonar.

secundário que o Estado mantém, para alguma cidade serrana, onde além do favor do clima, o regime colegial não seja perturbado pelo bulício de uma grande capital. (MARINHO, 1980a, p. 161).

O que se entende, na argumentação do Ministro Paulino de Souza, citado por Marinho, é que a educação física era essencial ao fortalecimento da saúde, como ferramenta capaz de eximir o governo de suas reais atribuições. Entende-se que a formação do homem e futuro cidadão não decorre, simplesmente, dos exercícios físicos, mas de uma complexidade de fatores que o cercam no processo de educação.

Depois de quatro anos, em 1874, o Conselheiro Josino do Nascimento Silva, que substituiu o então diretor da instrução pública do Rio de Janeiro, Thomaz Gomes de Souza, registrou, em um relatório, a repugnância com que foi recebida pela opinião pública a aula de ginástica, principalmente aquela dedicada às alunas. O referido registro é destaque na obra de Marinho (1980a, p. 161):

Não se acalmaram os espíritos com as instruções provisórias; foi preciso suspender a execução, e ainda assim houve pais que proibiram às suas filhas os exercícios ginásticos tais quais se ensinavam e eram prescritos, ainda mesmo com o risco de perderem o ano e a carreira. Chegou a tal ponto a oposição que algumas alunas, aliás com boa frequência nas outras aulas, deixavam de ir por acinte à de ginástica, ficando todavia no edifício escola [...].

No mesmo ano foi apresentada mais uma tese de doutorado na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, por Amaro Ferreira das Neves Armonde, sob o título “Da Educação Física, Intelectual e Moral da Mocidade do Rio de Janeiro e sua Influência sobre a Saúde.”

De acordo com Marinho (1980a, p. 161), esse foi o primeiro trabalho sobre fisiologia, que destacava essa parte da ciência enfocando as vantagens dos exercícios aplicados de acordo com a sua moderação, além das inconveniências de seus excessos. Aconselhou a prática da dança com consideração fisiológica e esclareceu que ela conclui a marcha e o salto. No que se refere ao sedentarismo, acrescentou que é um malefício à saúde. O trabalho estimula, também, a prática dos banhos frios, a natação, a esgrima, a bola e a peteca.

O tempo avançou e, no ano de 1885, foi promulgado o Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, quando o Ministro Luiz Pereira Couto Ferraz apresentou as normas da Reforma do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, incluindo os exercícios ginásticos no currículo.

Afirma Barbosa (2004, p. 100), que o enfoque no corpo era predominante e o saber médico, no século XIX, se inseria demonstrando preocupação em compreender esse corpo em que as doenças se manifestam. Apesar da intensa ebulição sobre a instrução dos exercícios no Rio de Janeiro, no Ceará, a imprensa fazia alusão aos cuidados com a saúde, preconizada pelos médicos. Sobre esse assunto acrescenta Barbosa (2004, p. 101) que:

A imprensa do Estado do Ceará, teve o cuidado de publicar instruções médicas relativas ao tratamento de alguma doença que pudesse constituir uma ameaça à saúde dos moradores da cidade. A década de 1850 foi particularmente rica no tocante à elaboração e divulgação destes conselhos, Guias, Diretórios ou Instruções, que enfocaram predominantemente o ‘cholera’. Estes manuais, publicados nos jornais Cearenses e Comercial foram produzidos por médicos.

É inegável afirmar que, para os estudiosos, o maior acontecimento do período Brasil-Império foi o grande parecer de Rui Barbosa.⁸ Conforme Marinho (1980b, p. 162), esse fato aconteceu em 12 de setembro de 1882, na sessão da Câmara dos Deputados, em que se discutiu o Projeto nº. 224, “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública”, cabendo a Rui Barbosa ser o relator e opinar sobre a matéria. Naquele momento a Educação Física foi contemplada, e pelo menos, lembrada.

Conforme Castellani Filho (1988, p. 33), o Brasil estava em ebulição quanto às opiniões que defendiam a eugeniação do povo brasileiro, isso sob a consolidação das ideias das elites. Depois de conquistar sua independência e a metade da população ser basicamente composta por escravos, no ano de 1850 a população de negros e cativos atingia a 2.500.000. Dessa forma, esses dados estatísticos eram de grande preocupação e causadores de atos de rebeldia e insubordinação, no sentido de que esses escravos pudessem vir a ser manipulados pelos portugueses.

De acordo com Marinho (1980b, p. 162), no capítulo VII, inciso 1º, Rui Barbosa destaca a Educação Física fazendo, inicialmente, um histórico desde a civilização grega, fazendo uma apologia ao desenvolvimento dos helênicos. A respeito do povo grego ele, demonstrou muito conhecimento, apresentando farta documentação. Depois fez uma análise sobre o assunto em diversos países, priorizando a Suécia. Salientou, ainda, que não tinha a intenção de transformar os alunos em acrobatas, nem em Hércules, mas procurou desenvolver na criança, o vigor físico essencial ao equilíbrio da vida humana, à felicidade da alma, à preservação da prática e à dignidade da espécie.

⁸ Tornava obrigatória a Educação Física nas Escolas e equiparava o Professor de Ginástica aos Professores das demais Disciplinas.

Ao observar as afirmativas de Rui Barbosa, encontra-se uma defesa com base na afirmativa de Platão, sobre um homem possuidor de corpo e alma, referindo que o fortalecimento desse corpo, através do exercício, também estaria fortalecendo o espírito. Rui Barbosa, ao se referir à educação grega, afirmou, ainda, que corpo e alma devem caminhar juntos, conforme foi reforçado por Platão.

E Rui Barbosa continua a leitura de seu parecer em defesa da Educação Física:

Há, não se nega, inteligências superiores aliadas a corpos débeis, a organismos franzinos, anêmicos e nevropáticos. Quanto não custa, porém a esses desventurados a aplicação laboriosa da inteligência às altas produções mentais? Quantas vezes a exaltação cerebral, a que os condena a insuficiência da nutrição geral, não é descontada por largos intervalos de desfalecimento, por atrozes enfermidades nervosas, que lhes infligem o suplicio de interromperem amiudamente os trabalhos mais caros a sua alma, e submeterem-se, na mais terrível das alternativas, há horas, dias, meses, anos de forçada e dolorosa inércia? Quantas outras o abuso da celebração continuada, que fraqueza da sua constituição física lhe vedava, não vem cortar em meio o fio da existência, arrancando-lhes das mãos a obra que acariciavam com ternura e esperança como fruto sazonado de uma vida de penas, sacrifícios e lutas? E será porventura sadio, normal, impunemente intenso o uso de uma função cujo exercício impõe descontos como esse, que vítima, aflige, tortura e aniquila antes do tempo os condenados ao privilégio brilhante, sedutor, mas fatal, de uma grande inteligência, supliciada num corpo incapaz de reparar as perdas cerebrais, inerentes a atividade extraordinária das grandes cabeças? Onde está, portanto, o nosso materialismo? É então materialista a realidade? É então materialista a fisiologia? É então materialista a ciência da vida. Se não o são, não pode ser materialista a nossa conclusão, que decorre invencivelmente dessa fonte. O cérebro desenvolve-se pelo exercício que lhe é peculiar. Mas esse exercício é duplo: compreende a ação inconsciente do cérebro dirigindo os movimentos do corpo. Ambos são essencialmente indispensáveis à evolução desse órgão... Quão deplorável é que verdades desta comesinha singeleza sofram ainda contestação entre nós, e por homens que figuram nas mais altas eminências do país! (MARINHO, 1980b, p. 163).

E o deputado Rui Barbosa concluiu seu parecer apontando como deveria ser a educação física:

- 1º. Instituição de uma seção especial de ginástica em cada escola normal.
- 2º. Extensão obrigatória da ginástica a ambos os sexos, na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher a harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura.
- 3º. Inserção da ginástica nos programas escolares, como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio e depois das aulas.
- 4º. Equiparação em categoria e autoridade, dos professores de ginástica aos de todas as outras disciplinas.

No que se refere à higiene escolar, esta ficou destacada assim: “[...] entretanto, o quadro patológico da influência da escola na saúde das gerações novas apresenta proporções da mais triste realidade.”

Segundo Castellani Filho (1988, p. 38), Rui Barbosa faz questão de responder, apesar de identificando-os, as pessoas que entendiam ser a ginástica puramente materialista e reporta-se:

A ginástica não é agente materialista, mas, pelo contrário, uma influência tão moralizadora quanto higiênica, tão intelectual quanto física, tão imprescindível à educação do sentimento e do espírito quanto à estabilidade da saúde e ao vigor dos órgãos. Materialista de fato é, sim, a pedagogia falsa que, descurando o corpo, escraviza irremissivelmente a alma à tirania odiosa das aberrações de um organismo solapado pela debilidade e pela doença. Nessas criaturas desequilibradas, sim, é que a carne governará sempre fatalmente o espírito, ora pelos apetites, ora pelas enfermidades... Onde está, portanto, o nosso materialismo? É então materialista a realidade? É então materialista a fisiologia? É então materialista a ciência da vida? Se não os são, não pode ser materialista a nossa conclusão, que decorre invencivelmente dessa fonte... Quão deplorável é que verdades desta comezinhos singeleza sofram ainda contestação entre nós, e por homens que figuram nas mais altas eminências do país!.

A respeito da intenção de Rui Barbosa para com a Educação Física, Medina (1996), afirma que, naquela época, Rui Barbosa já se posicionava a favor da necessidade da atividade física para a formação do cidadão brasileiro. A defesa se confirma assim:

Que dúvida poderá subsistir de que a vida do cérebro e, conseqüentemente, a da inteligência tenham com o fatores essenciais a vida muscular, a vida nervosa e a vida sanguínea, isto é, a regularidade harmoniosa de todas as funções e a saúde geral de todos os órgãos do corpo? Quão deplorável não é que verdades desta comezinhos singeleza sofram ainda contestação entre nós, e por homens que figuram nas mais altas eminências do país (MEDINA, 1996, p. 62).

Ainda em dezembro de 1882, diante da intenção do governo de procurar esclarecer o que propunha a Assembleia Legislativa, foi convocado um congresso de instrução, que tinha a missão de, após a reunião acontecer, no dia 1º de junho de 1883, no município da corte, emitir parecer sobre a educação física. O parecer foi de Antonio Estevam da Costa, que destacamos na íntegra:

A educação física como se tem visto, é um elemento a par da educação moral: para valor individual do cidadão e para o valor e força geral da nação, tem ainda tanta influência na parte psíquica de nossa natureza que nós brasileiros, governo, povo e mestres, todos convictos e animados de um bem entendido patriotismo, devíamos por nosso maior empenho em torná-la quanto antes uma verdade em todos os estabelecimentos de ensino. (MEDINA, 1996, p. 59).

O nordeste do Brasil também se manifestava a respeito da educação física nas escolas, e, da mesma forma de como acontecera no Rio de Janeiro, com o pronunciamento de Rui Barbosa e depois com Antonio Estevam, na assembleia provincial de Pernambuco, o presidente e conselheiro Francisco M. Sodré Pereira, depois de uma análise da situação educacional de sua província, se manifestou textualmente:

Não deve ser esquecida no momento a educação física a par da educação moral: para que o espírito se eleve, não se afadigue, é necessário que o corpo não seja enfermo. Uma e outra cultura devem andar juntas, e em ambas tomarem muito interesse e cuidado os educadores. (MARINHO, 1980, a, p. 164).

Quatro anos mais tarde, já em 1886, seguindo a linha de Rui Barbosa, Pedro Manoel Borges, publica um ‘Manual Teórico-Prático de Ginástica Escolar’, destinado às escolas públicas, colégios, liceus, escolas normais e municipais. O trabalho salienta a importância da atividade física desde o nascimento, orienta para uma série de preceitos higiênicos a serem observados nas aulas.

Paralelo a esse movimento surge o desejo do povo pela prática de atividades esportivas com destaque para o futebol, ciclismo, peteca e malha. Sobre esse aspecto alguns fatos mereceram registro na obra de Marinho (1980a, p. 165):

1846 – primeira corrida de canoas no Rio de Janeiro;

13 de junho de 1851 a primeira corrida de cavalos;

03 de dezembro de 1851, o Grupo Mareantes, realiza sua primeira regata;

1862 – grande regata em homenagem a Marquês de Pombal;

1867 – fundada no estado do Rio Grande do Sul, a Sociedade de Ginástica de Porto Alegre;

1869 – fundado é o Jockey Club Fluminense em 1869;

1874 – fundados mais quatro clubes de remo: Clube Guanabareense que realiza sua regata em 27 de agosto de 1876, o Clube de Regatas Cajuense, que em 08 de setembro de 1885, organiza uma regata em honra às esquadras inglesa e americana que se encontravam no porto do Rio de Janeiro e o Clube de Regatas Internacional, também no Rio a 10 de julho de 1885;

1875 – fundação do Jockey Club de São Paulo e do Clube Brasileiro de Cricket;

1885 – fundado o Derby Club no Rio de Janeiro;

1888 – grande regata na enseada do Botafogo com a participação da Escola naval e Militar que depois ficou sendo chamada de regata da “Abolição”;

1888 – fundação da Ruder Club, no Rio Grande do Sul;

1888 – fundação da União da Ginástica Alemã em São Paulo.

O que se verifica é que, no período imperial, políticos e homens da saúde defenderam a Educação Física como fator preponderante a uma boa higiene e preparação para uma vida saudável, além de uma vontade de certa parte da população pela prática de esportes. Nesse momento (1858), aconteceu a instalação, na Praia Vermelha, da Escola Militar, que impulsionou sobremaneira os desportos aquáticos. Ressalta a história que os cadetes organizaram um clube com a finalidade de conseguir meios financeiros para melhorar as condições da prática da canoagem. Ainda nesse período, a pesca, a esgrima de baioneta, a esgrima de sabre e a esgrima de espada foram adotadas oficialmente como aplicações entre os militares. Destaque-se que representava prova de coragem, resistência e desafio as escaladas ao Pão de Açúcar e ao Morro da Urca.

Conforme Marinho (1980a, p. 165) os últimos anos do período do império foram marcados com a continuidade do enaltecimento da educação física e, por isso, várias conferências foram realizadas na Escola Normal, sobre a Educação Física, algumas delas presididas por D. Pedro II, com a presença de pessoas de notório destaque na instrução pública, que defendiam também a Educação Física dentre elas: Borges Carneiro, Martins Pacheco, Bandeira Filho, Pedro Manoel Borges e Vitório Costa.

Para Medina (1996), no período do império a educação seguia três vertentes respectivamente: intelectual, moral e física, que se equipararia à formação da mente, do espírito e do corpo. Dessa forma, essa Educação Física teria a preocupação e a responsabilidade de possibilitar a melhoria dos aspectos da higiene e saúde dos alunos.

3.3 A Educação Física e os efeitos Pós Proclamação da República

Com a proclamação da república, em 1889, um dos primeiros atos do governo foi criar um Ministério da Instrução Pública e o inspetor geral da instrução pública fez um relatório a respeito da Educação Física. Eis o teor:

Em relação à Educação Física há um verdadeiro mundo a abrir-se nas escolas. Quase todas elas esquecido ou comprometido esse ramo da educação; alguns professores mais antigos rezam pela cartilha absoluta da imobilidade da criança como ideal de disciplina; outros, inteligentes e zelosos, nada ou quase nada podem fazer porque raro o prédio escolar dotado de um pátio ou jardim anexo, que se preste ao recreio e aos jogos infantis. O ensino da ginástica é por via de regra feito dentro das salas de classe, de maneira insuficiente, por consequência. Toda esta parte do programa escolar carece de execução satisfatória, e para isso assim como para muitos fins faz-se urgentíssimo cuidar da construção de prédios apropriados para as escolas. Dois meios se oferecem para conseguir este desiderato: ou aceitar propostas de uma companhia para esta grande obra ou levantar um empréstimo com este destino, conforme já lembrou o Dr. A. H. de Souza Bandeira, um dos meus antecessores. Por qualquer deles é forçoso que não adieamos a resolução do problema. Enquanto não

chega o dia deste melhoramento, pensei atender à necessidade dos exercícios físicos, e tendo suscitado no conselho diretor a questão foi estudada pelo professor Alfredo Alexandre que discutiu o ponto e propôs meios práticos. Oficiei ao governo pedindo que uma vez por semana nos fosse permitido o gozo exclusivo de alguns jardins públicos e de certos terrenos devolutos para que ali pudessem as crianças entregarem-se, sob a direção de seus mestres, a jogos infantis e exercícios ao ar livre. Pende de decisão este pedido (MARINHO, 1980 a , p. 166).

Ficou caracterizada, assim, a primeira preocupação com o espaço destinado à prática da atividade física, pois até a referida data, 1889, as atenções estavam direcionadas à preocupação com a higiene e com corpos saudáveis. A escola, como local apropriado para a prática dessas atividades, se prolongou até a modernidade, quando as crianças tiveram a oportunidade de um aumento significativo em seus repertórios motor.

Mas, no ano de em 1890, foi publicado um livro, por José Veríssimo, sob o título de ‘Educação Nacional’, que trazia um capítulo dedicado à Educação Física.

A chegada do ano de 1891 foi significativa, porque foi fundada no Rio de Janeiro, a Escola Cristã de Moços, que seguia a linha filosófica americana, responsável pela implantação e desenvolvimentos dos desportos tais como: voleibol, basquetebol. No que concerne ao plano da Educação Física e Exercícios, foi adotado, nessa escola, o método Calistênico.⁹

Outro destaque que contempla a Educação Física está registrado em 1892, com a publicação do regulamento do Ginásio Nacional, que determinava poderes e obrigações ao diretor e vice do referido estabelecimento afirmando que estes deveriam procurar desenvolver em seus alunos o gosto pelo exercício de tiro ao alvo, tiro de flechas, exercícios livres, saltos, além disso, todos os domingos deveriam realizar um passeio para fora do centro da cidade. Nesses passeios, com a permissão do diretor, os professores poderiam ensinar os jogos escolares tais como: a barra, a amarela, o futebol, a peteca, o jogo da bola, o *cricket*, o *lawn-tenis*, o crochê, corridas, saltos e outros, com o objetivo de desenvolver a força e a destreza dos alunos, sem por em risco a sua saúde. Deveriam, também, organizar as turmas para que, pelo menos uma vez por mês, cada aluno tivesse um dia destinado à Educação Física.

Em 09 de maio de 1893 foi regulamentada a Instrução Pública do Distrito Federal com destaque do texto sobre Educação Física:

Nos jardins de infância serão ministrados jogos infantis, exercícios graduados e acompanhado de canto e no artigo 6º. outra referência: “os jardins de infância são

⁹ Calistênico = Referente a Calistenia. Método de Ginástica que tinha dois objetivos: higiênicos e educativos. Recebeu contribuições de: Catherine Bececker, Dr. Dio Lewis, Associação Cristã de Moços. Aconselhamos ler a obra de PENNA MARINHO, Inezil. **Sistemas e métodos de educação física**. São Paulo: Gráfica Mercúrio, 1958.

estabelecimentos de primeira educação, onde crianças de ambos os sexos, de 4 a 7 anos, recebem em comum os cuidados que seu desenvolvimento físico, moral e intelectual reclamam (MARINHO, 1980a, p. 167).

Ainda, segundo Marinho (1980a, p. 168), a ginástica escolar foi destaque em 1896 na cidade de São Paulo, através do Secretário do Interior que, seguindo seu raciocínio na linha higienista, se manifestou assim em seu relatório:

É indispensável às nossas escolas uma ginástica higiênica: corridas, saltos, lutas, exercícios nos aparelhos simples, ou variados exercícios de movimentos feitos nas próprias salas. Eis o que convém às crianças e que, sem grande despesa, e sem habilitação especial do mestre se pode organizar em todos os grupos escolares. Tem o governo procurado obter um manual que se preste de roteiro de professores. Espero que um tratado de ginástica de quarto, de autor alemão, traduzido por R. Ortigão, com alguns acréscimos sobre a ginástica nos aparelhos singelos, que facilmente poderão ser fornecidos pelo professor dessa disciplina na Escola Normal, talvez se possa obter uma adaptação que se aproveite aos nossos professores.

O que fica evidente no relatório do secretário foi uma controvérsia na defesa em prol da Educação Física, pois se no início afirmou a importância da atividade física para a saúde, de forma contraditória a esse pensamento, formulou a indicação de qualquer pessoa, mesmo sem a habilitação devida, para trabalhar com as crianças ministrando-lhes essas aulas e educando-as.

No final do século XIX, uma tese interessante foi apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, de autoria do Dr. Antonio Carlos Pitombo, com o título: ‘Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importância profilática’. Em função da relevância desse estudo para aquela época, é válido que se destaque o que esse trabalho apontava sobre a Educação Física:

Apontou que os exercícios higiênicos davam maior volume e peso ao pulmão, desenvolvendo-o, aumentam o coeficiente dos gases trocados pela inspiração e pela expiração entre a atmosfera e o organismo. É conhecida a importância profilática e também a importância terapêutica da maior porção de oxigênio contra a tuberculose pulmonar. Com exercícios especiais do aparelho respiratório, tem diminuído extraordinariamente a mortalidade pela tuberculose pulmonar nos surdos mudos. Para os exercícios físicos os alunos devem ter, por dia, 4 a 5 horas, devendo ser os exercícios variados, sempre com o fim de desenvolver os músculos em geral e não determinados músculos ou grupo musculares (MARINHO, 1980a, p. 170).

Vale ressaltar o que acrescenta Castellani Filho (1988), quando afirma que a Educação Física teve suas origens marcadas pela influência das instituições militares, cujos

princípios positivistas o fizeram chamar a si, a responsabilidade pelo estabelecimento da ordem social. Assim, a Educação Física no Brasil, no século XIX, foi entendida como se fora responsável por formar um homem ‘forte’, ‘saudável’, capaz de ajudar no fortalecimento de uma nação e ajudá-la a desenvolver-se e concretizar o processo de desenvolvimento do país. Nesse processo, estaria o pensamento de liberdade de Portugal, deixando de ser uma colônia portuguesa e construir sua própria identidade.

Entretanto, esse processo de caracterização da Educação Física teve-se, apenas, à Educação do Físico ou à Educação Corporal, não fica em restrita ligação com os militares, mas também, aos médicos com significativa ingerência, quando homogeneizaram a ideia dos princípios da medicina social e da higiene, chegando a padronizar normas sociais que incluía até à organização da célula mater. O médico seria o higienista e conselheiro da família para manter a saúde, como um dos responsáveis diretos pela saúde da família e da nação.

Castellani Filho (1988) afirma que, a partir da terceira década do século XIX, a família começou a ser considerada, cada vez mais, incapaz de proteger a vida das crianças e dos adultos. Isso se deu em função dos altos índices de mortalidade infantil apresentados e das precárias condições de saúde dos adultos, responsabilizando os higienistas por impor à família uma educação Física Moral, Intelectual e Sexual, com base em preceitos sanitários exigidos. Nessa época, a Educação Física era responsável por modificar os costumes familiares e as crianças desenvolveriam os costumes familiares, o gosto pela saúde, alijando os hábitos adquiridos do período colonial, como destaca Freire (1988, p. 12):

Assegurar a saúde e o vigor dos corpos, aumentar a reprodução e longevidade dos indivíduos, incrementar a população do país e melhorar os costumes privados e a moral pública. Tais eram, portanto, os ‘encargos públicos’ que os higienistas cabiam na consolidação do ‘Estado Agrário’.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e do Desporto (BRASIL, 1997), no século XIX a Educação Física esteve muito ligada a duas instituições: a médica e a militar. Isso possibilitou uma concepção no que se refere à sua atuação e concepção como disciplina curricular. Havia, nesse período, uma preocupação da classe médica com modificar os hábitos higiênicos do povo, ao mesmo tempo em que as atenções estariam voltadas à educação de um corpo de boa constituição física, menos propenso a doenças. Por conseguinte, o pensamento político convergia para o fortalecimento da raça, a eugenia. Assim, mulheres e homens teriam a missão de manter a pureza da qualidade da raça branca.

Assim como fez Rui Barbosa em 1882, o Deputado pelo Estado do Amazonas, Dr. Jorge de Moraes, fez um pronunciamento em setembro de 1905, enaltecendo a Educação Física e apontando como ela se encontrava nos Estados Unidos e na Europa. Sobre esse aspecto, apresentou muitos documentos comprobatórios, cujos trechos do seu pronunciamento serão transcritos a seguir, bem como trechos do parecer favorável recebido pelo relator da Comissão de Instrução Pública, Dr. Afonso Costa, deputado pelo Estado de Pernambuco.

O Congresso Nacional resolve:

Art. 1º. – Ficam criadas duas escolas de Educação Física sendo uma militar e outra civil.

§1º. - Para a instalação da primeira, fica o governo autorizado a comissionar oficiais de terra e mar, para estudarem na Europa e América do Norte o que existe de melhor na espécie.

§ 2º. – Quanto à escola civil, poderá igualmente comissionar pessoal idôneo ou contratá-lo imediatamente.

Art. 2º. Fica o poder executivo autorizado a adquirir terrenos para que a mocidade das escolas superiores possa, em espaços apropriados, dar-se à prática dos jogos ao ar livre.

Art. 3º. – O governo deverá instituir desde já a prática da ginástica sueca e jogos ao ar livre, nos seguintes estabelecimentos: Ginásio Nacional, Colégio Militar e Escola de Aprendizes Marinheiros.

Sala das Sessões, 21 de setembro de 1905 (MARINHO, 1980a, p. 169)

Conforme citado anteriormente, o projeto recebeu o seguinte parecer favorável do relator da Comissão de Instrução Pública do Estado, conforme Marinho (1980a, p. 172):

As vantagens da Educação Física não se contestam hoje, e os que acreditam e pensam que esta educação não tem outro objetivo senão criar musculatura e fortalecer a parte impensante de nossa natureza, não conhecem, de certo, os progressos que tem feito a fisiologia, no vasto e riquíssimo campo da educação da juventude.

Não há desenvolvimento intelectual perfeito, boa percepção inteligência clara e lúcida, se não perfeitos, fortes e equilibrados os órgãos que a servem, porque o cérebro, órgão do pensamento, reflete a energia ou debilidade de todo o organismo. Querer separar a Educação Física da intelectual é um erro, às vezes, de graves consequências. Estes são princípios incontestáveis.

Quanto pedagogistas e fisiologistas têm estudado essa questão, são acordes em reconhecer a influência poderosa da Educação Física sobre a inteligência, sobre o caráter, sobre a moral. E a pedagogia científica – se tal nome lhe cabe – ainda em via de formação e onde tantas são as questões controversas, é unânime nesse ponto.”

A Educação Física deve começar na escola primária, tomar o organismo ainda tenro, massa plástica a todas as impressões, para revigorá-lo e desenvolvê-lo; ser continuada no ginásio, acompanhando o estudante no curso secundário, para não ser abandonada durante o período dos estudos, nas academias e nas universidades.

É tristíssimo, diremos nós, sermos um povo em formação que não tem por enquanto acentuados traços físicos de sua raça, debilitada e enfraquecida, sob um clima enervante e estarmos ainda tão atrasados em matéria de Educação Física, esquecidos todos nós de que o desenvolvimento corporal, obtido pelos jogos e pelos exercícios ginásticos, convenientemente ministrados, tanto dependem o vigor, a beleza e a própria inteligência.

Não sendo obrigado a ginástica, o professor não reúne em torno de si mais de meia dúzia de alunos, tornando-se comum ver anunciar, como vantagem de certos colégios particulares – o serem os discípulos dispensados da Ginástica.

A utilidade do projeto não carece mais de demonstração. No estado atual da ciência da educação o desenvolvimento físico da mocidade se nos impõe como questão da máxima importância, pois é disso que depende o vigor, a energia e a beleza se nossa raça e, em grande parte, o futuro de nosso país, como nação forte, respeitada e feliz.

Apesar de ter sido aprovado, o projeto não veio a ser desenvolvido e executado, chegando a frustrar o Deputado Jorge de Moraes. Seu intento veio a se concretizar, apenas, em 1939, como será registrado posteriormente.

No mês de abril do ano de 1906, foi criada uma cadeira de Educação Física anexa à Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado do Amazonas, quando Antonio Constantino Nery era governador.

Mas em 1907, a Missão Militar Francesa foi contratada para ministrar instrução militar à Força Pública do Estado de São Paulo que, nessa ocasião, fundou uma Sala de Armas, cujo objetivo era ensinar esgrima. Em seguida, essa sala de armas deu origem à Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, estabelecendo-se como a mais antiga instituição especializada do país. Dois anos depois, foi criada uma escola de esgrima que formou os primeiros ‘mestres de esgrima’, que divulgaram, também, nas forças armadas e no meio civil, a prática do método sueco e a própria esgrima.

A seguir, destaca-se a publicação do livro de Manuel Bonfim, em 1915, com o título ‘Lições de Pedagogia’ que, no capítulo V, faz menção à Educação Física conforme destacado a seguir:

A educação motora ou ginástica, compreende os exercícios metódicos e próprios para desenvolver e apurar as energias do organismo. Essa expressão – educação motora – tem a vantagem de indicar desde logo que os exercícios de ginástica educativa visam diretamente, não somente aos órgãos musculares, mais a todo o conjunto do aparelho motor da vida de relação, compreendidos aí todos os órgãos de inervação, e até mesmo os centros superiores de coordenação dos movimentos. A Educação Física positiva dirige-se por igual a todos esses órgãos e atividades, formando o que se poderia chamar a boa escola dos movimentos e do trabalho muscular. Corrige-se, assim, a noção estreita e falha – de que a ginástica tem por fim exercitar e educar os músculos tão somente. A esse respeito, como educação, tem muito mais importância o que se obtém com a ginástica sobre o sistema nervoso, do que o simples desenvolvimento muscular. Para a boa compreensão desse postulado, convém definir explicitamente o objetivo da educação ginástica (MARINHO, 1980a, p. 171).

De acordo com Castellani Filho (1988), Fernando de Azevedo escreveu um livro, em 1916, em que tecia seu respeito e admiração a Rui Barbosa, por ter sido ele quem primeiro defendeu a prática da Educação Física, mostrando-se a favor do entendimento de que não

havia dicotomia entre ensino intelectual e educação física, reforçando a ideia de que o indivíduo deveria ser desenvolvido harmonicamente. Isso viria a contemplar o reforço de visão dualista de homem, no sentido de que o físico se coloca a serviço do intelecto. Fernando de Azevedo também emite opinião sobre as mulheres, reforçando e apoiando o caráter higienista tão defendido na época:

Que podemos esperar de meninas fracas, para quem a maternidade seria uma catástrofe, senão uma floração cada vez mais raquítica e doentia? O que é, pois preciso, é ver, na menina que desabrocha, a mãe de amanhã: formar fisicamente a mulher de hoje é reforçar a geração futura (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 42).

Por essa afirmativa, observa-se uma defesa ferrenha do higienismo, demarcando de que maneiras deveriam estar as ações a serem desenvolvidas por homens e mulheres, estaria assim caracterizado que tipo de exercício seria praticado por cada gênero. As mulheres estariam propensas a uma preparação para uma futura maternidade.

A Educação Física da mulher deve ser, portanto, integral, higiênica e plástica, e, abrangendo com os trabalhos manuais e jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todo compatíveis com a delicadeza do organismo das mães (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 42).

Esse texto mostra que o contexto, naquele momento, se apresentava favorável à Educação Física, com as autoridades da instrução pública e políticos insurgindo-se com defesas e apologias ao tema. Para ratificar essa afirmativa, em janeiro de 1922, o Ministro da Guerra baixou uma portaria criando o Centro Militar de Educação Física. O “centro tinha a missão de dirigir, coordenar e difundir o novo método de educação física militar e suas aplicações desportivas”. Mas, apesar da boa vontade do ministro, a ideia não chegou a se concretizar no campo prático, somente acontecendo depois, com o funcionamento do Curso Provisório de Educação Física.

Um fato de relevância aconteceu em 1922, quando foram ensinados, pela primeira vez no Brasil, exercícios sistematizados, cuja prática serviu de observações para estudos. Esse fato foi acontecido em função do tenente João Barbosa Leite ter ido servir como instrutor de educação física da Escola de Sargentos de Infantaria, tendo como auxiliar o tenente Jair Dantas Ribeiro.

Após cinco anos, no mês de junho de 1927, mais uma vez o Dr. Jorge de Moraes, repetiu sua iniciativa a respeito da Educação Física, como o fez no ano de 1905, citado anteriormente. Na Câmara dos Deputados ele se pronunciou da seguinte forma:

Sr. Presidente: há alguns anos agitei, no seio do Congresso Nacional, vários aspectos do problema do qual decorre, inexoravelmente, o futuro, a deficiência da nossa nacionalidade, visto que diz de perto com o estereoma fundamental de seu povo, qual a energia física e mental do homem. Se em outra oportunidade, recordei o que Heródoto decantava sobre os jônios – que pareciam imortais e viviam em uma eterna primavera de beleza juvenil; agora exteriorizo ardentes votos para que os preceitos por mim apontados se transformem em leis no Brasil, que só assim poderá ser eficiente na paz, fazendo de todos os brasileiros, indivíduos ativos, fortes, seja qual for a profissão que adotarem, e, que, na guerra, em hora angustiosa que possa vir, sejam invencíveis defensores do nosso patrimônio (MARINHO, 1980a, p. 172).

Vale registrar que o futebol já se destacava como um esporte muito simpático ao povo, além de ter um número significativo de praticantes. Em pensamento contrário a essa prática, no mesmo discurso, o Dr. Jorge de Moraes se manifestou com certa indignação:

Enquanto na educação racional e analítica todos se exercitam, jovens, velhos, mulheres, homens, crianças, no esporte, tal como acontece, vê-se enorme estádio onde dois grupos, no máximo de 11 indivíduos, se exercitam e 10.000 olham e torcem, como se olhar e torcer por tal ou qual for cor de clube constituísse exercício físico e a raça pudesse daí se beneficiar (MARINHO, 1980a, p. 172).

Na evolução dos fatos, ocorreu ainda, em 1927, a formação da primeira turma de monitores de Educação Física. O curso teve a duração de dois anos, e o grupo foi formado pela Escola de Preparação de Monitores, que era mantida pela Liga de Esporte da Marinha.

Muitas foram as manifestações sobre o ensino da Educação Física, no período que antecedeu a Reforma Fernando Azevedo, acontecida em 1928. Essa reforma tinha uma abrangência que contemplava o ensino primário, normal e profissional do Distrito Federal. No que concerne à Educação Física, a reforma estabelecia normas que, mesmo na atualidade, em pleno século XXI, ainda existem escolas oficiais e particulares que se apresentam fora do padrão exigido na referida reforma.

A reforma veio para atender à valorização, não apenas do profissional, criando condições para o desempenho de seu trabalho, mas procurando proporcionar condições para que o aluno pudesse ter um ambiente propício a adquirir novos conhecimentos. Dessa forma, passa-se a acrescentar o que orientava e designava a aplicabilidade da Educação Física na Escola:

- a) nos estabelecimentos de ensino a Educação Física deveria ser ensinada diariamente em caráter obrigatório a todos os alunos;
- b) a Educação Física aplicada à mulher, seria adequada ao seu sexo e às suas condições peculiares;

- c) previa a criação de uma Escola Profissional de Educação Física destinada a preparar e selecionar professores de Educação Física para os estabelecimentos de ensino do Distrito Federal;
- d) definia que nenhum prédio escolar seria construído sem que não tivesse pátio para recreio e exercícios físicos, pavilhão, além de coberto para ginástica com as seguintes medidas 12m comprimento x 24m de largura, no mínimo, uma piscina ou banheiros e oficinas de pequenas indústrias.

Apesar da autoridade e do respeito que gozava à época, bem como da boa intenção de Fernando de Azevedo, a sua ideia não foi concretizada, igualando-se aos projetos de Rui Barbosa em 1882, quando foi deputado pelo Estado da Bahia e do deputado Jorge de Moraes, em 1905, deputado pelo Estado do Amazonas.

No ano de 1929, com base no Centro Militar de Educação Física, criado em 1922, entrou em funcionamento o Curso Provisório de Educação Física, tendo como defensores o tenente Inácio de Freitas Rolim e o Dr. Virgílio Alves Bastos. Essa primeira turma era composta por oito primeiros tenentes, dois primeiros tenentes médicos, 20 professores civis e 60 monitores. Matricularam-se nesse curso os oficiais designados e vários professores públicos primários. Vale salientar que Fernando de Azevedo facilitou todo o processo de matrícula dos futuros alunos do curso.

Ainda nesse ano, o General Nestor Sezefredo dos Passos,¹⁰ enviou à comissão de Educação Física um anteprojeto para apreciação que, nos seus dois primeiros artigos, aludia ao ensino da Educação Física nos estabelecimentos de ensino e fazia uma citação sobre a questão de gênero:

Artigo 1º. – A Educação Física deve ser praticada por todos os residentes no Brasil. Ela é obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino federais, municipais e particulares, a partir da idade de seis anos, para ambos os sexos.

§ 1º. – para os do sexo feminino, matriculados nas escolas primárias e secundárias e nas escolas profissionais até a idade de vinte e um anos.

Art 2º. – O ensino da Educação Física será fiscalizado pela União. (MARINHO, 1980a, p. 170).

No entanto, o anteprojeto recebeu inúmeras críticas da Associação Brasileira de Educação, apontando falhas, mas também emitiu sugestões na tentativa de melhoras.

Segundo Marinho (1980a, p. 171), na abertura da Primeira Sessão da Décima Quarta Legislatura, o Presidente do Brasil, Washington Luis, depois de muitos estudos sobre a

¹⁰Nestor Sezefredo dos Passos = General de Divisão do Exército Brasileiro. Florianópolis 27/fev/1872 – 18/out/1941. Foi ministro da guerra de 15/nov/1926 a 24/out/1930 no governo Washington Luís.

forma como estava a Educação Física no país, concluiu que os exercícios físicos deveriam ser obrigatórios, desde a escola primária.

3.4 Entendendo a Educação Física a partir de 1930

A década de 1930 teve início com o registro do conflito político que levou à vitória do ‘Movimento Revolucionário de 1930’, gerando a instalação do Governo Provisório. Nesse momento, foi criado, em 14 de novembro de 1930, o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, ocupando a pasta o Sr. Francisco Campos e um ano após, em abril de 1931, aconteceu uma reforma que determinou a obrigatoriedade dos exercícios físicos para todas as classes. Em junho, o Método Ginástico Francês passou a ser seguido, permanecendo até 1944, permanecendo, assim, por treze anos, essa prática pedagógica.

A intenção dessa proposta era proporcionar aos alunos “[...] o desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito, concorrendo assim para formar o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resoluto, cômico do seu valor e das suas responsabilidades.” (MARINHO 1980a, p. 171).

De acordo com Castellani Filho (1988, p. 61), tratava-se de mais uma proposta a trabalhar a eugenia, criando uma expectativa dos professores em função de mais uma reforma no ensino, podendo serem postas em prática as reivindicações sugeridas por ocasião do VII Congresso Brasileiro de Educação, realizado entre junho e julho, promovido, pela Associação Brasileira de Educação.

Ainda no início do ano de 1931, conforme Marinho (1980a, p. 171), surgiu o primeiro órgão no Brasil especializado em dirigir a Educação Física no Estado de São Paulo, designado como ‘Departamento de Educação Física’, cujo organograma o situou na condição de subordinado à Secretaria dos Negócios de Educação Pública. No mês de junho do mesmo ano, o Estado do Espírito Santo seguiu a linha de São Paulo e também criou o Departamento de Educação Física, sendo subordinado à Secretaria de Educação e Saúde, inclusive com previsão de funcionar o Curso de Educação Física.

Conforme Marinho (1980a, p. 17), os anos da década de 1930 foram determinantes quanto à notoriedade sobre a Educação Física, repercutindo de, forma incisiva, nos atos públicos que são registrados a seguir, de forma narrativa e cronológica:

- 1931/junho – Em Pernambuco a Diretoria Técnica de Educação criou um curso especial de Educação Física em que os professores seriam os mestres. Em São Paulo, o

Departamento de Educação Física realizou dois cursos rápidos para os professores estaduais do interior e outro mais desenvolvido, embora elementar para os da capital.

- 1932/abril – Foram aprovadas a 1ª. e a 3ª. parte do Regulamento de Educação Física e adotadas em todas as unidades do Exército, inclusive no centro Militar de Educação Física. O referido regulamento é o conhecido como ‘Regulamento de Educação Física do Exército Francês’, o Método Francês.¹¹

- A Escola de Educação Física da Força Policial de São Paulo, através de oficiais do Exército, fez uma reorganização, pelo fato de ser adotado o Método Francês.
- No Distrito Federal foram realizados dois cursos sob a organização da Superintendência de Educação Física, um intensivo de férias com o tema ‘A Educação Física na Escola Primária’ e outro de ‘Aperfeiçoamento em Educação Física’.
- 1933/ - O Departamento de Educação Física do Espírito Santo foi transformado em Inspeção de Educação Física.
- 1933/set/ - No Rio de Janeiro foi realizada uma conferência com a inclusão de dois temas: Educação Física da Criança e a criação da Escola de Educação Física do Exército para substituir o Centro Militar de Educação Física.
- No Ceará realizou-se o VI Congresso Nacional de Educação que, entre as discussões das equipes de trabalho, mereceu destaque a ‘Seção de Educação Física e Recreação’.
- 1934 – Foi regulamentado o Curso de Educação Física do Estado do Pará, com vantagens isonômicas aos de outras áreas. Em Minas Gerais foi regulamentada a Inspeção de Educação Física e realiza um curso intensivo com 70 professoras primárias inscritas e dinamizado o Método Calistênico. Em São Paulo foi regulamentado o Departamento de Educação Física e, também, criada a Escola Superior de Educação Física. No Espírito Santo é criada a Escola de Educação Física, para substituir o Curso Especial, mantendo cursos de instrutores, professores e monitores e também foi criado o Curso de Médicos Especializados em Educação Física.
- 1936, no Espírito Santo foi criada Escola Superior de Educação Física e constituída a Diretoria de Educação Física. Em Alagoas foi regulamentada a Instrução Pública que previa alguns detalhes como: excetuar a obrigatoriedade de exercícios físicos para os fisicamente incapazes, oferecendo-lhes jogos infantis e exercícios e não haveria exames de Educação Física.

¹¹Método Francês = Método de Ginástica que teve contribuições de: Rabelais, Amoros, Démeny e Amoros. Para aprofundamento indicamos a leitura de: Marinho, I. P. Sistemas e Métodos de Educação Física. Gráfica Mercúrio: São Paulo: 1958.

A respeito da Educação Física, uma manifestação relevante para o ensino das Escolas Normais foi a orientação das jovens, nesses estabelecimentos, com vistas a uma formação integral e preparação para o matrimônio. Dessa forma, no mês de março de 1935, foram aprovados os programas de ensino normal, com a criação da Escola Normal Oficial do Estado de Goiás. Sobre isso, Marinho (1980a, p. 176) fez o seguinte registro:

As aulas de ginástica na Escola Normal têm por fim proporcionar aos alunos o desenvolvimento harmônico do corpo e do espírito. O tédio e o cansaço serão a todo transe evitados por meio de jogos desportivos leves, coletivos ou individuais, acompanhados de preferência de cantos apropriados, de modo a se conseguir que as aulas transcorram em ordem, variadas e alegres. Em síntese: o preceptor terá em mente que o objetivo a ser atingido é assegurar a saúde dos educandos, sem visar à formação de atletas.

Com a chegada do governo de Getúlio Vargas, a Educação Física passou a ser defendida e entendida como vetor primordial em favor da eugenia da raça, preparação da mulher para incorporar e desempenhar o verdadeiro papel de mãe e dona do lar começa a ter outra vertente, plenamente observado no texto da Lei Constitucional n.1 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 10 de novembro de 1937:

Artigo 131 – A Educação Física, o ensino cívico e os trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça àquela exigência.

Artigo 132 – O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas e outras por fim organizar, para a juventude, períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhes a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e defesa da nação (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 62).

No entanto, havia uma demasiada preocupação, não apenas, com a eugenia da raça, tão evidenciada anteriormente, mas com os movimentos internos e externos, a defesa da Nação, que se concretizou com o movimento militar ‘intentona comunista’ e, mais tarde, com o conflito da primeira guerra.

Os anos se passaram e chega a ‘Era Getúlio Vargas’, e já no ano de 1938, o Departamento Nacional de Educação, que havia sido criado no ano anterior por causa de uma reorganização do antigo Ministério da Educação e Saúde, emitiu uma circular recomendando que as sessões de Educação Física feminina deveriam ser para as professoras e que as turmas fossem homogêneas e subdivididas, todas as vezes que fossem compostas por cinquenta alunas. As sessões deveriam ser realizadas uma hora antes e duas após as refeições, e as aulas

seriam realizadas ao ar livre e nos dias chuvosos em local coberto e arejado e, ainda, que o uniforme seria obrigatório para ambos os sexos.

Esse foi o período em que, pela primeira vez, se estabeleceu, por meio de Portaria, que os exames físicos fossem realizados no início e final de cada ano e os exames práticos antes do início da quarta prova parcial para os alunos de 12 anos e meio, 15 anos e meio e 17 anos e meio. Aqueles que não lograssem êxito poderiam repetir no ano seguinte, antes das férias de junho. Outro aspecto importante se refere àqueles alunos que faziam parte da Escola de Instrução Militar Preparatória, cuja formação se contemplaria na própria escola militar.

Conforme Castellani Filho (1988), o Estado Novo teve sua atenção voltada para uma realidade em Educação, cujos objetivos se voltavam para a sociedade, arraigados ao pensamento de uma conservação social. O autor citado aponta, ainda que, de acordo com o discurso de Gustavo Capanema, Ministro da Educação durante o Governo de Vargas, essa ideia fica mais latente:

Assim, quando dizemos que a Educação ficará ao serviço da nação, queremos significar que ela, longe de ser neutra, deve tomar partido, ou melhor, deve reger-se por uma filosofia e seguir uma tábua de valores, deve reger-se pelo sistema das diretrizes morais, políticas e econômicas, que formam a base ideológica da nação, e que, por isto, estão sob a guarda, o controle ou defesa do Estado (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 65).

O autor citado acrescenta, ainda, que Francisco Campos, redator da Carta Magna de 1937, manifestou-se sobre a manipulação da Educação nos seguintes termos:

A Educação não tem o seu fim em si mesma; é um processo destinado a servir certos valores e pressupõe, portanto, a existência de valores sobre alguns dos quais a discussão não pode ser admitida. A liberdade de pensamento e de ensino não pode ser confundida com a ausência de fins sociais postulados à Educação, a não ser que a sociedade humana fosse confundida com uma academia de anarquistas reduzidos a uma vida puramente intelectual e discursiva (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 65).

A obrigatoriedade do ensino de Moral e Cívica, em todos os níveis de ensino, e da Educação Física, no ensino primário e secundário, denotava uma preocupação com a ‘regulamentação’ do processo de ordenamento social. No que se refere à Educação Física, visava-se, em demasia, a eugenia da raça, chegando ao absurdo de ser citado um artigo proibindo estudar aluno com problemas patológicos, que não podiam participar das aulas de Educação Física. O médico e professor Waldemar Areno, das disciplinas de Anatomia, Fisiologia e Higiene, em uma defesa dos ideais de uma Educação eugênica, escreveu um artigo sobre o tema e sustentava o pensamento de que fossem evitadas medidas que impedissem “[...] o desenvolvimento de uma prole nefasta e inútil.” Sugeriu, ainda, que fosse

feita “[...] a esterilização, tanto masculina quanto feminina, a qual preservaria a eles a continuidade das práticas sexuais e interromperia a disseminação do mal, ou seja, a geração de ‘seres inúteis à sociedade. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 67).

No final do ano de 1938, a Divisão de Educação Física, com a colaboração do Ministério da Guerra, organizou o primeiro Curso de Emergência para Formação de Professores de Educação Física, que teve o apoio da Escola de Educação Física do Exército e da Prefeitura Municipal e apresentou a seguinte estatística: 26 professores habilitados; 46 professoras habilitadas; 33 professores formados; 75 professoras formadas; 69 médicos especializados; 09 médicas especializadas.

De acordo com Marinho (1980a, p. 180), o ano seguinte, 1939, foi marcado por dois grandes acontecimentos para a Educação Física: o primeiro foi a regulamentação da Escola Superior de Educação Física do Estado do Espírito Santo, no mês de março e, em abril, a da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Essas ações vieram concretizar as aspirações de muitas pessoas que desejavam transformar os ideais sonhados para a Educação Física do país. A Escola Nacional de Educação Física foi criada pelo Decreto-Lei nº. 1.212, de 27 de janeiro de 1939, inicialmente denominada de Universidade do Brasil.

Na defesa desse Decreto-Lei, o ministro de Educação e Saúde fez a seguinte exposição de motivos:

[...] a Constituição, artigo, 131, estabelece que a Educação Física é obrigatória em todas as escolas primárias, normais e secundárias da República, e é óbvio que, conquanto não obrigatória, esta espécie de educação é aconselhável em todos os demais estabelecimentos de ensino do país[...] (MARINHO, 1980, p. 180).

Conhece-se e tem-se ciência de que as escolas brasileiras, em outros momentos, chegaram a adotar o exame biométrico, esse fato, acompanha a história desde os anos da década de 1930, que pode ser ratificado no estudo de Marinho (1980, p. 180), quando cita que, de acordo com a Portaria Ministerial nº. 161, foram aprovadas “Instruções para o Serviço Médico de Educação Física nos Estabelecimentos de Ensino.” Vale salientar que tais instruções orientavam para o exame médico biométrico, ensinando a técnica de como mensurar essas medidas, bem como a forma de fazer o exame clínico.

Conforme Castellani Filho (1988, p. 26), a história da Educação Física, em muitos momentos, se confundiu com a dos militares. Nesse sentido aponta a entrevista concedida, em 24 de janeiro de 1986, pelo então vice-diretor da primeira diretoria civil da Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, o professor e médico, Waldemar Areno, que

desempenhou o mandato de diretor da primeira gestão, em substituição ao diretor Carlos Sanches de Queirós. O professor Areno refere-se à Escola de Educação Física do Exército:

[...] é uma Escola de respeito [...] uma instituição a quem nós devemos render homenagens [...] um dos berços da Educação Física no Brasil [...] constitui-se até hoje, num centro de estudo, de pesquisa, de trabalho sério em favor da Educação Física e da medicina Desportiva. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 26).

Ainda Castellani Filho (1988, p. 27) refere que o ex-diretor da Escola Nacional, professor, Carlos Sanches de Queirós, se manifestou sobre a Escola de Educação Física do Exército, por ocasião de sua palestra numa conferência cujo tema foi ‘Filosofia e Educação Física’, em 30 de outubro de 1941, no Palácio Tiradentes:

A atitude descontrolada e pouco digna que freqüentemente se observa nos campeonatos interclubes, tanto por parte dos jogadores, como por parte do público que assiste, é uma prova irrefutável do fracasso destas agremiações como entidades educativas...”Justifica a aparição das “Classes armadas” nesse cenário... Foi conhecendo a gravidade do problema que as Classes armadas, num gesto de grande visão patriótica, iniciaram modestamente o seu fecundo e honesto núcleo de trabalho e catequese – a Escola de Educação Física do Exército. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 27)

Percebe-se que há, nesse momento, uma ratificação dos ideais positivistas tão alicerçados nas instituições militares, além de uma ‘certeza’ de que o governo subsidiaria ações para a formação de uma juventude ‘forte’ e capaz de defender a nação. Nesse período, já estava instalado o Estado Novo e, em andamento, muitos projetos educacionais coordenados por Gustavo Capanema, que também convergiam para as mesmas ideias.

Com o intuito de disseminar mais ainda o espírito nacionalista dos jovens brasileiros, foi promulgado o Decreto-Lei nº. 2.072 de 8 de março de 1940, que obrigava a prática da Educação Cívica, Moral e Física da infância e da juventude que, além de orientar essa prática, indicava a organização de uma instituição nacional denominada de Juventude Brasileira. Essa instituição estava subordinada ao Ministério da Educação e Saúde e ao Ministério da Guerra, cuja meta principal foi citada pelo próprio Presidente Vargas: “incrementar a educação cívica das novas gerações, organizando a juventude por forma a constituir reserva facilmente mobilizável sempre que houver objetivo patriótico a alcançar.”

Na intenção de um melhor entendimento entre a atuação da Educação Cívica e Educação Física, Castellani Filho (1988, p. 71) apresenta para análise, apenas, dos quatro primeiros artigos do referido decreto:

Artigo 1º. – A Educação Cívica, Moral e Física é obrigatória para a infância e a juventude de todo o país, nos termos do presente Decreto-Lei.

Artigo 2º. A Educação Cívica visará à formação da consciência patriótica. Deverá ser criado, no espírito das crianças e dos jovens, o sentimento de que cada cidadão cabe uma parcela de responsabilidade pela segurança e pelo engrandecimento da Pátria e de que é dever de cada uma consagrar-se ao seu serviço com maior esforço e dedicação.

Único – É também papel da Educação Cívica formar, nas crianças e nos jovens do sexo masculino, o amor ao dever militar, a consciência das responsabilidades do soldado e o conhecimento elementar dos assuntos militares, e bem assim das às mulheres o aprendizado das matérias que, como a enfermagem, as habilitem a cooperar, quando necessário, na defesa nacional.

Artigo 3º. – A Educação Moral visará à elevação espiritual da personalidade, para o que buscará inculcar nas crianças e nos jovens a confiança do próprio esforço, o hábito da disciplina, o gosto da iniciativa, a perseverança do trabalho e a mais alta dignidade em todas as ações e circunstâncias.

Único – A Educação Moral procurará, ainda, formar nas oficinas e nos jovens de um e outro sexo, os sentimentos e os conhecimentos que os tornem capazes da missão de pais e mães de família.

Artigo 4º. A Educação Física a ser ministrada de acordo com as condições de cada sexo, por meio da ginástica e dos desportos, terá por objetivo não somente fortalecer a saúde das crianças e dos jovens, tornando-os resistentes a qualquer espécie de invasão mórbida e aptos para os esforços continuados, mas também dar-lhes ao corpo, solidez, agilidade e harmonia.

Único – Buscará ainda a Educação Física dar às crianças e aos jovens os hábitos e as práticas higiênicas que tenham por finalidade a prevenção de toda sorte de doenças, a conservação do bem-estar e o prolongamento da vida.

Ficou implícita, nesse decreto, a intenção de sedimentar nos jovens a convicção de ser um cidadão, preparando-se por meio de treinamentos para, não apenas, defender a pátria de futuras invasões ou guerras, mas, acima de tudo, se conscientizarem sobre os ideais de uma nação em que todos devem ter inculcado na mente, uma fortaleza de ideais patrióticos. A ideia da Juventude Brasileira é um exemplo, porém não se configurou na prática.

No que se refere ao registro e legitimação para ministrar aulas e acompanhar os alunos nos aspectos da ação pedagógica e avaliação, o Departamento Nacional de Educação, em janeiro de 1940, adotou uma medida em relação aos exames práticos de Educação Física nos Estabelecimentos de Ensino e, além disso, ampliou essas normas com a obrigatoriedade de frequência dos exercícios físicos.

Registra-se que, ainda nos anos de 1940, outros fatos importantes para a Educação Física foram determinantes e que repercutiram por décadas. Isso diz respeito ao reconhecimento do Curso Superior de Educação Física da Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo e a criação do Departamento de Educação Física da Marinha. Foi ainda nesse ano que foi criado o Conselho Nacional de Desportos (CND), com o objetivo de orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos. A intenção principal do Presidente da República, Getúlio Vargas, era organizar o esporte brasileiro com foco principal no futebol, principalmente, no que concerne à deliberação sobre a cobrança de ingressos nos estádios.

Percebe-se que as leis e normas foram preponderantes na tentativa de impulsionar e regulamentar a Educação Física, conforme se vê no artigo 4º. da Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1940:

Art. 4º. A Educação Física será dada a grupos homogêneos, organizados independente do critério da seriação escolar. Os alunos que por defeito físico ou deficiência orgânica não possam fazer os exercícios ordinários serão submetidos a exercícios especiais. A Educação Física far-se-á com permanente assistência médica.
 Art. 19º. A Educação Física constituirá nos estabelecimentos de ensino secundário, uma prática educativa obrigatória para todos os alunos até a idade de 21 anos. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 38).

Ainda no mesmo ano, foram validados os diplomas dos cursos emergenciais de Educação Física, que foram realizados pelo governo do Estado de São Paulo. Entende-se que começava-se a surgir determinadas leis, que procuravam abranger aqueles que não tinham habilitação na Escola Superior de Educação Física, para que pudessem ingressar no magistério, lecionando essa disciplina.

É importante destacar que, em 1942, a Reforma de Gustavo Capanema fez cumprir o que preceituava o artigo 129 da Carta Constitucional de 1937, em relação à obrigatoriedade da Educação Física para pessoas até 21 anos de idade. Tal intenção visava a contemplar dois artigos no caso 131 e 132, que tratavam de proporcionar o adestramento físico necessário, para que a juventude desempenhasse seu verdadeiro dever para com a economia. Fato consequente foi a promulgação do Decreto-Lei nº.4.073, de 30 de janeiro, que tornava obrigatório, também, o ensino da Educação Física nessa modalidade.

Castellani Filho (1988) comenta que a Educação Física estaria, então, atendendo e colaborando para que a extensão do controle sobre o trabalhador, tanto por parte das entidades patronais quanto por parte do Estado via Ministério do trabalho, se desse para além do seu tempo de trabalho, tratando de relacioná-lo, embora de forma indireta, ao aumento da sua capacidade de produção.

Sobre o assunto, Castellani Filho (1988) descreve o que Silva (1980) registra em pesquisa sobre o que afirmara Gustavo Capanema, em relação à criação do Decreto-Lei nº. 4.028 de 22 de janeiro de 1942, criando o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI), depois veio a ser denominado de Serviço nacional de Aprendizagem Industrial:

Reconstitui-se entre nós, mas de modo mais extenso e mais eficiente, do ponto de vista da riqueza e da cultura nacionais, o generoso, o humano, o belo sistema da medieval da educação profissional, em que o dono da indústria não era apenas o patrão do seu jovem empregado, mas também o seu educador [...]. A coletividade verá de perto os benefícios que o sistema trará ao país, criando uma nova

mentalidade das classes trabalhadoras, para que melhor exerçam suas atividades, sem ressentimentos e sem desarmonia, num justo equilíbrio de ação, para maior estabilidade e grandeza da vida nacional. (SILVA, 1980, p. 61).

A partir do ano de 1943, algumas deliberações foram se desencadeando as quais são citadas a seguir:

- 03 /fev – Através de portaria ministerial ficou estabelecido que poderão ser admitidos no Curso Superior de Educação Física, no Curso de Técnica Desportiva e no Curso de Treinamento e Massagem os portadores de licença ginásial.
- 08/mar – Ficam definidas 2 ou 3 sessões de Educação Física para os alunos dos estabelecimentos de ensino secundário, de sexo feminino e masculino.
- 25/mar – Um decreto dispõe sobre a habilitação da Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário, que faculta aos professores de Educação Física dos estabelecimentos de ensino secundário, não habilitados na forma da lei, desde que estivessem exercendo a função há mais de 3 anos ou tivessem o registro provisório no Departamento Nacional de Educação. Era condição que daria o direito efetivo a esse professor, lograr êxito no exame especial. Ressalta-se que esse mesmo decreto equiparou os diplomas de instrutor e monitor expedidos pela Escola de Educação Física do Exército.
- 09/Nov – Por decreto, os diplomados pelo Curso de Educação Física da Marinha têm as mesmas regalias dos licenciados em Educação Física. Atendendo a esse pensamento de equiparação e na busca de contemplação de alguns cursos, no final do ano de 1944, isonomicamente do que acontecera aos formados pela Escola de Educação Física do Exército, através de Decreto–Lei, os diplomados pela Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo, também usufruíram as mesmas regalias dos licenciados em Educação Física e Desportos.

Chegado ao ano de 1946 e, por conseguinte, ao final do regime do Estado Novo, o pensamento da nação brasileira estava voltado para que a democracia se restabelecesse sem maiores danos para as ações a serem desenvolvidas na educação. Assim, políticos e cidadãos manifestaram interesse na elaboração de uma carta magna em substituição àquela de 1937.

No ano seguinte a essas manifestações, o novo ministro da Educação Clemente Mariani, chefiando uma comissão de educadores, realizou um debate com fins de concretizar sobre a necessidade de elaboração de um projeto de Diretrizes e Bases para a Educação do Brasil. Muitas questões foram levantadas e alguns mestres que, no ano de 1930, tinham emitido opiniões que não foram contempladas, passaram a ter contempladas suas sugestões, na gestão de Clemente.

3.5 A Educação Física na década de 1960-1970

Foram anos de trabalho e muitos debates norteando os estudos sobre a organização do sistema de ensino, tudo isso, teve seu coroamento treze anos após, com a elaboração e vigência da Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1961). Essa Lei trazia no seu artigo 22, a obrigatoriedade da prática da Educação Física, no ensino primário e médio.

Para Saviani citado por Castellani Filho (1988, p. 81), a referida lei limitou-se apenas à organização escolar, fazendo exclusivamente regular o funcionamento e controle do que já estava implantado. E conclui: “os verdadeiros problemas educacionais permaneceram intocados e a educação popular sequer foi considerada. A organização escolar manteve, assim, a sua característica de aparelho reprodutor das relações sociais vigentes.”

No ano de 1966, o Conselho Federal de Educação emite opinião sobre a obrigatoriedade da Educação Física no Ensino Superior, através do parecer de nº. 424. Esse parecer trazia o seguinte teor:

Todos reconhecemos a necessidade e o benefício de exercícios físicos em qualquer idade, desde que devidamente adaptados. Entretanto, a razão de ser da obrigatoriedade prescrita em lei não é tanto o benefício, e sim o papel de fator formativo, que inclui atitudes físicas mentais e morais. Por isso, a obrigatoriedade da Educação Física se ajusta bem aos cursos de nível médio que, de conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases, se destinam à formação de adolescentes. Ultrapassada essa faixa de formação, a prática de exercícios físicos já deve ser um hábito agradável e saudável, resultante de um processo formativo... Nada impede que nas escolas superiores haja diversas modalidades de exercícios físicos. (FILHO, 1988, p. 92).

Como se percebe, no que se refere à Educação Física, esta continuou recebendo o mesmo tratamento e interesse instado anteriormente na carta Magna de 37, portanto, tinha um caráter prático.

Com os passar dos anos e o surgimento de algumas discussões sobre a Educação, entrou em vigor a Lei 5.540/68 (BRASIL, 1968), que regulamentava a Educação Física como ‘atividade’ que, por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constituindo-se em um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da Educação Nacional.” Essa lei ficou ratificada por meio do Decreto-Lei nº. 705 de 25 de julho de 1968: obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis da educação, claro, incluindo o ensino superior.

Em relação à referida lei, Castellani Filho (1988, p. 84) comenta:

A compreensão enquanto matéria curricular incorporada aos currículos sob a forma de atividade – ação não expressiva de uma reflexão teórica, caracterizando-se, dessa forma, no ‘fazer pelo fazer’ explica e acaba por justificar sua presença na instituição escolar [...] Como tal, faz reforçar a percepção da Educação Física acoplada, mecanicamente, à Educação do Físico, pautada numa compreensão de Saúde.

A respeito do comentário mostrado, corrobora-se com o autor, no que tange ao verdadeiro significado da Educação Física, exatamente porque não se deve dedicar a ela, apenas a aplicação de exercícios, na plenitude de que o ser humano seria uma máquina e responderia apenas a movimentos. Ademais, incluso está o significado do exercício dissociado do raciocínio lógico. Dessa forma, estaria o homem agindo por instinto e pondo em prática um processo de retrocesso na evolução ao *homo sapiens*. É também imprescindível acrescentar que a Educação Física deve contemplar o homem em toda a sua dimensão, proporcionando, por meio de atividades e jogos, que as pessoas participem de forma efetiva e desenvolvam, também, o aspecto da sensibilidade, o que, inclusive, o diferencia dos irracionais.

É válido que citemos que no dia 1º. de abril de 1964, o governo passou a ser ditatorial, após a tomada pelas forças militares. Foi necessário que políticos se arregimentassem sobre tal situação, sendo criado o projeto de Lei Suplicy, que foi aprovado em outubro do mesmo ano. A referida lei serviu para que os jovens universitários participassem efetivamente das atividades de centros recreativos ou clubes esportivos, em substituição aos diretórios acadêmicos.

Castellani Filho (1988, p. 95), faz alusão a esse projeto de lei enfocando o que significara politicamente:

Nesse cenário coube à Educação Física o papel de, entrando no ensino superior, por conta do Decreto-Lei no. 705/69, colaborar, através de seu caráter lúdico-esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do movimento estudantil. Evidenciava-se, dessa forma, os traços alienados e alienantes absorvidos pela ‘personagem’ vivida pela Educação Física.

Entretanto, em 1969, um decreto foi assinado dispondo sobre a Educação Física e o tratamento excepcional, que deveria merecer os alunos portadores de ‘necessidades especiais’. Tais diretrizes compunham o 3º. do Ato Institucional nº. 16 de 14 de outubro, combinado com o parágrafo 1º. do artigo 2º. do Ato Institucional nº. 5 (AI 5), de 13 de dezembro de 1968, assinados em conjunto pelos Ministros da Marinha de Guerra, Almirante Augusto Hamann Rademaker Grünewald, do Exército General Aurélio de Lyra Tavares e da Aeronáutica Márcio de Souza e Mello:

Art. 1º. – São considerados merecedores de tratamento excepcional os alunos de qualquer nível de ensino, portadores de afecção congênita ou adquirida, infecções, traumatismos ou outras condições mórbidas, determinados distúrbios agudos ou agudizados, caracterizados por:

- a) incapacidade física relativa, incompatível com a frequência aos trabalhos escolares, desde que se verifique a conservação das condições intelectuais e emocionais necessárias para o prosseguimento da atividade escolar em novos moldes;
- b) ocorrência isolada ou esporádica;
- c) duração que não ultrapasse o máximo ainda admissível em cada caso, para a continuidade do processo pedagógico de aprendizado, atendendo a que tais características se verificam, entre outros, em casos de síndromes hemorrágicas (tais como a hemofilia), asma cardite, pericardites, afecções osteoarticulares submetidas a correções ortopédicas, nefropatias agudas ou subagudas, afecções reumáticas, etc. (BRASIL, 1969).

Entende-se que, naquele momento, a Educação Física tinha um caráter exclusivamente prático, sem levar em consideração as potencialidades inerentes ao ‘ser humano’, deixando de proporcionar a inserção de todos nas atividades, fato que veio a ser dinamizado em meados dos anos noventa, quando a Educação Física passou a integrar o currículo da escola como componente curricular.

O processo educacional do país foi se desenvolvendo conforme os anos se passavam, com algumas discussões e entendimentos englobando a Educação Física e o Desporto. Nesse aspecto, surgiu o consenso de que as leis anteriores deveriam ser acrescentadas e regulamentadas, tornando-as contempladas e efetivadas, também, na lei 5.692 de 11 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971), Lei de Diretrizes e bases da Educação, posteriormente revogada pela mais recente Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996).

Assim é que, o Decreto nº. 69.450 é assinado em 1º. de novembro de 1971 que Regulamentou o artigo 22 da lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, no que se referia à obrigatoriedade da prática da Educação Física, no ensino primário e médio, até a idade de 18 anos e a alínea c do artigo 40 da Lei nº. 5.540, de 28 de novembro de 1968 que arregimentava o seguinte: obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis da educação, claro, incluindo o ensino superior.

Destaque-se que o Decreto disciplinava o ensino da Educação Física e sua abrangência desde seus objetivos e funções, a distribuição das aulas e sua compensação. Para melhor entendimento, faz-se necessário e citar, na íntegra, o que trazia este decreto:

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição; e tendo em vista o disposto no artigo 22 da lei no. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, de acordo com a redação dada, respectivamente, pelo Decreto-Lei no. 705, de 25 de julho de 1969, e pelo Decreto-Lei no. 464, de 11 de

fevereiro de 1969, bem como na alínea b do artigo 3º. do Decreto-Lei n. 594, de 27 de maio de 1969, e no artigo 7º. da Lei no. 5.692, de 11 de agosto de 1971, decreta:

Art 1º. – A educação física, atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional;

Art. 2º. – A educação física, desportiva e recreativa escolar integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus qualquer sistema de ensino;

Art 3º. – A educação física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos:

I – No ensino primário, por atividades físicas de caráter recreativo, de preferência as que favoreçam a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e metal harmônico, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário, da criatividade, do senso moral e cívico...

II – No ensino médio, por atividades que contribuam para o aprimoramento e aproveitamento integrado de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do indivíduo, possibilitando-lhe, pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade à conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, a aquisição de novas habilidades, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos saudáveis.

III – No nível superior, em prosseguimento à iniciada nos graus precedentes, por práticas, com predominância de natureza desportiva, preferentemente as que conduzem à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário, à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade. (BRASIL, 1971, p. 1).

O mesmo decreto trazia também normas quanto aos padrões de referência para as aulas de Educação Física, que ficou regulamentada da seguinte forma:

I – no ensino primário deveria ter três sessões semanais;

II – no ensino médio também três sessões;

III – no ensino superior duas sessões.

Quanto ao tempo de aula, estas deveriam ter 50 minutos de duração, não incluindo a preparação dos alunos para a aula, ou seja, o deslocamento da turma para a aula. No que se refere à composição da turma, estas deveriam ter 50 alunos do mesmo sexo, todos de preferência separados por aptidão física. Era especificado, ainda, o espaço físico por aluno, sendo dois metros para o ensino primário e dois metros, no ensino médio e superior.

Apesar da obrigatoriedade do ensino da Educação Física ser bem rígida, o artigo 6º. previa a dispensa de exercícios físicos aos alunos que se enquadrassem nas seguintes situações:

- a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas;
- b) aos alunos maiores de trinta anos de idade;
- c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa;
- d) aos alunos portadores de patologias com atestado médico devidamente assinado.

Em consonância com a obrigatoriedade da Educação Física, surgiu, ainda, o incentivo à prática esportiva, caracterizado no parágrafo 2º. do artigo 3º. do decreto 69. 450 de 1º. de novembro de 1971, determinando que, a partir da quinta série de escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades a iniciação esportiva. Estava incluso, portanto, que a Educação Física se responsabilizaria pelo entretenimento e inclusão dos alunos no esporte, na perspectiva de formar os futuros atletas campeões capazes de, futuramente, defender e projetar uma nação de uma política que deu certo.

Para Castellani Filho (1988, p. 90), o movimento esportivo no país, nesse período, passou, inicialmente, pela própria melhoria de status que o esporte e a Educação Física tiveram com as mudanças estruturais no setor do Ministério da Educação e Cultura. Essas mudanças estruturais foram significativas para melhoria do trabalho, nesse caso, a Divisão de Educação Física, foi substituída por um Departamento de Educação Física (DED) que, em posterior reforma interna do Ministério da Educação e Cultura (MEC), passou a ser a Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED).

4 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA NO CENÁRIO PEDAGÓGICO DA UFC: história e reminiscências dos seus protagonistas

4.1 Educação Física no Pici: o início e seu precursor

É de grande relevância para este trabalho falar da Universidade Federal do Ceará, Instituição de Ensino Superior que contribuiu sobremaneira para a formação de profissionais nas mais diferentes áreas de conhecimento, especificamente da Educação Física. Com a formação de seus alunos, essa instituição ajudou, ainda, no trabalho de organização da sociedade cearense, além de fomentar a criação de cursos de pós-graduação (especialização – mestrado – doutorado), possibilitando intercâmbios com outras universidades do exterior (Europa – América do Norte).

Portanto, como professor efetivo dessa instituição, destacar e estudar o processo histórico da Educação Física na Universidade Federal do Ceará torna-se prazeroso, interessante e, ao mesmo tempo, um trabalho investigativo na busca de acontecimentos, por vezes esquecidos e/ou adormecidos, nos meandros do cotidiano. Assim, passa-se à narrativa dos detalhes da existência da Educação Física na UFC, cujo processo e relatos expostos, apresentam uma história de indecisões, ansiedades e muita dedicação do corpo docente e discente.

A Educação Física da Universidade Federal do Ceará funcionava, apenas, em caráter prático, tendo início em 1975 com todos os alunos estando na obrigatoriedade de fazer uma atividade física, em função da Lei Federal vigente à época Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971).

Importante se faz registrar que, apesar de alguns professores trabalharem no setor de Educação Física, estes estavam lotados na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. Um dos pioneiros desse trabalho era o professor José Wilson de Farias Couto, que ingressou na universidade pela via do ‘convite’ e chegou a assumir a função de Coordenador da Coordenadoria de Lazer, localizada no Campus do Pici.

Além do professor Couto, outros também integravam a equipe: o professor Virgílio Tavares, oficial da Polícia Militar, Marcondes, oficial da Polícia Militar, professor João Teixeira de Souza, também da Polícia Militar, a professora Walkyria Araujo, a professora Zélia Carvalho de Farias e o professor Antonio Barroso Lima.

Afirma o professor José Wilson de Farias Couto que chegou à Universidade no início de 1972, com a missão de planejar, organizar e executar os Jogos Universitários do

Sesquicentenário da Independência e montar o Parque Esportivo. Comenta que a pista de atletismo, uma das primeiras no Estado, foi feita de saibro¹² e foi construída no mesmo ano.

Conforme o que havia sido planejado, o projeto foi elaborado, em seguida, encaminhado ao magnífico Reitor que, na oportunidade, também fez a indicação dos nomes dos professores já mencionados para contratação. Naquele momento, o professor entrava na universidade com o título de ‘professor colaborador’, visto que ainda não existia concurso público para a área da Educação Física.

Conforme relato do professor Couto, somente em 1980, quando o General Luduwick assumiu o Ministério da Educação, passou-se a organizar, em todas as Universidades, a situação dos professores colaboradores. Eles eram contratados temporariamente e, todo ano, havia a necessidade da renovação do referido contrato.

Ressalta-se que o professor Couto já estava na condição de professor efetivo, por ter sido nomeado pelo então Reitor Pedro Teixeira Barroso, que teve seu reitorado de 1975 a 1979.

Posteriormente, aconteceu, também, a nomeação dos demais professores pelo Magnífico Reitor, mas o professor Antonio Barroso Lima foi nomeado pelo vice-Reitor da Universidade Federal do Ceará, o Professor Faustino de Albuquerque Sobrinho, que assumiu temporariamente a Reitoria.

É importante destacar que o Presidente da Confederação Brasileira de Desportos Universitários era o Cearense Hélio Barbosa, filho do Presidente do Banco do Nordeste do Brasil, o também cearense Raul Barbosa, e o Presidente da Federação Universitária Cearense era o senhor Francisco Alves (Chico Alves) que, por muitos anos, trabalhou como Editor Chefe do Jornal Tribuna do Ceará, de propriedade do banqueiro José Afonso Sancho, proprietário também do BANFORT. Chico Alves foi sucedido por Tony Magalhães, que foi oficial da Polícia Militar, figura muito ligada ao esporte de luta no Ceará (luta livre e professor de *Jiu-Jitsu*). Afirma o professor Couto, que os jogos deveriam ser realizados em Fortaleza e, para tal, foram construídas a piscina e a pista de atletismo da Universidade Federal do Ceará.

Com relação à Educação Física, a Universidade fez cumprir a Lei 1.490, que obrigava a todos os alunos da instituição a fazer aulas práticas dos esportes e, para isso, foi obrigada a contratar profissionais da área, para desenvolver o projeto.

¹²Tipo de piso em pistas de atletismo composto de areia, barro e brita.

Nesse período, algumas atividades chamavam à atenção pela organização e participação da comunidade do Pici, como por exemplo, a Colônia de Férias para a garotada, iniciada no ano de 1976, e uma missa acompanhada de uma Primeira Eucaristia no ginásio ainda com piso de barro, celebrada pelo Cardeal Dom Aloísio Lorscheider.

Ainda nesse período, aconteceram os primeiros concursos públicos, para contratação de professores colaboradores. No primeiro, lograram êxito a professora Lúcia Rejane de Araujo e Lucídio Pontes Accioly. Já no segundo, conseguiram aprovação os professores Francisco de Assis Francelino Alves, Thelmo Maia Gomes e Fernando Antonio Oliveira Marques.

Conforme o professor José Wilson Couto, a criação de um curso superior de Educação Física na Universidade Federal do Ceará, era um sonho acalentado pelos professores da prática esportiva lotados na coordenadoria de esportes e lazer, ligados à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. O mesmo aconteceu no reitorado de Pedro Teixeira Barroso, mas não houve tempo para esse acontecimento se concretizasse, em função da saída do Reitor.

Quem o sucedeu, foi o Reitor Paulo Elpídio de Meneses Neto, que permaneceu nesse cargo de 1979 a 1983, e não tinha a mesma visão ou entendimento do seu antecessor, ficando, assim, protelada a aspiração do grupo. A gestão seguinte, na reitoria, foi do Professor José Anchieta Esmeraldo Barreto, que foi Reitor de 1983 a 1987 e também não levou avante essa reivindicação, parando o processo, sendo substituído, pelo Professor Raimundo Hélio Leite que foi Reitor de 1987 a 1991.

Mas o grupo sempre desejava a criação do curso de Educação Física, inclusive o Reitor Pedro Teixeira Barroso, tinha afirmado em um jornal da cidade que o primeiro passo para a criação desse curso seria a construção de um Ginásio, porque o campo e a piscina já existiam. Quanto aos professores, quase todos já eram formados pela Escola de Educação Física do Exército, com exceção do professor Antonio Barroso Lima, que era formado por uma Universidade de São Paulo.

Enquanto as ideias se desenrolavam e as reuniões aconteciam, uma polêmica surgiu no que se refere à agregação desse novo curso. Vale registrar que, no Brasil, as instituições de ensino superior que tinham o Curso de Educação Física, na maioria das vezes ele estava ligado à área da saúde. Nesse caso, a intenção era vincular o Curso de Educação Física ao Curso de Medicina, também da Universidade Federal. Essa vontade foi frustrada porque a Medicina foi contrária à proposta, alegando que os professores não teriam condições de fazer parte do quadro daquela unidade.

Nesse impasse, surgiu a professora Estrela Fernandes, da Faculdade de Educação, apontando a resolução do problema. Nesse caso, a Faculdade de Educação Física ficaria incorporada à Faculdade de Educação, mais precisamente no Departamento de Teoria e Prática do Ensino.

Apesar de o grupo ter experiência em atividades de Educação Física, faltava a compreensão da forma de elaboração e montagem de um projeto político pedagógico. Dessa forma, foi convidada a professora Fernanda Beltrão, que morava no Rio de Janeiro e era irmã de uma das professoras do grupo e a primeira mulher formada em Educação Física no Brasil com o título de Pós-Doutora.

Para a vinda da referida professora, a Universidade Federal do Ceará pagou as passagens aéreas, enquanto a hospedagem não foi necessária, pois a professora Walkyria a hospedou em sua própria residência. Vale salientar que a professora Fernanda Beltrão não cobrou pró-labore pelo trabalho realizado, o mesmo acontecendo por ocasião de outras vindas no processo que antecedeu à criação do curso.

Depois de montada as disciplinas, outra grande contribuição foi dada pela professora Estrela Fernandes, do curso de Pedagogia da UFC, sendo responsável diretamente, pela organização curricular e montagem do Projeto Político Pedagógico do referido curso. A coordenação do grupo já estava com o professor Francisco das Chagas Rodrigues Santos.

De acordo com o professor José Wilson Couto, o número de professores não era suficiente para formar o quadro docente do Curso de Educação Física, em função da saída de três professores do grupo inicial, mais precisamente os professores Marcondes, Virgílio e Teixeira. Esses professores eram oficiais da Polícia Militar e se desligaram para assumirem suas funções na corporação. A carência foi suprida com a intervenção de docentes dos demais Departamentos da Faculdade de Educação e de outros Centros e Faculdades da Universidade Federal do Ceará. Para complementar o quadro de docentes da área de Educação Física, entraram na instituição, por meio de concurso, os professores Lucídio Pontes, Francisco de Assis Francelino, Fernando Oliveira Marques e Thelmo Maia Gomes.

Isso significava afirmar que, para as disciplinas práticas, havia professores qualificados, enquanto para as disciplinas pedagógicas e médicas, os docentes de outros centros e departamentos seriam utilizados.

Outro grande impasse surgiu quando da definição da lotação dos professores, isso porque nem todos desejavam se desligar da Coordenadoria de Esportes e Lazer, que funcionava no *Campus* do Pici, ligada à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. Mas o Departamento de Teoria e Prática, que estava recebendo o curso, exigia a permanência e

agregação de todos esses docentes. Esse foi um processo no qual aconteceram muitas brigas e discordâncias.

Segundo o professor Couto, tinha um grupo na Universidade Federal do Ceará que não aceitava o Curso de Educação Física na instituição, cujos motivos não foram declinados. Naquela oportunidade, o Reitor era Antonio Albuquerque chamou o professor Couto e indagou: - Couto eu boto para votação no Conselho? Essa indagação era necessária porque havia um percentual do Conselho que não queria, achando que ainda não era o momento da criação de mais um curso.

Então, o Reitor afirmou: - Couto, quais os que estão do meu lado? Isso porque o magnífico Reitor era 'considerado' como interventor. Couto afirma, ainda, que tudo que o Reitor fazia acarretava uma reação.

A estratégia criada para a resolução do problema foi a seguinte: o Reitor chamou o professor Couto e pediu para que conversasse com os seis alunos representante no Conselho. Alguns dos discentes, atualmente, militam no meio político: Danilo Forte, hoje deputado Federal, Clodoveu (Veveu) Arruda, prefeito da cidade de Sobral, Elísio, que é funcionário da UFC, dentre outros. Ele, afirma que teve uma conversa com cada um, pedindo apoio. Em seguida, recebeu uma relação do Reitor com o nome dos conselheiros pertencentes a cada Departamento, que eram contrários ao Magnífico Reitor.

Fato consequente foi à visita do professor Couto, que já tinha estreita relação com muitos docentes da UFC, juntamente com o professor Rodrigues, a esses Departamentos, com o objetivo de sensibilizar os pares para votarem a favor da criação do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará. Outra estratégia adotada foi comparecer, no dia da votação, à entrada do Conselho Universitário da UFC, com o objetivo de pedir o voto favorável dos conselheiros para a aprovação da criação do curso. A essa empreitada estava também fazendo corpo, o professor Francisco de Assis Francelino Alves. Para felicidade do grupo o curso foi criado, recebendo votação favorável, por unanimidade.

Por ocasião da sessão solene do Conselho Universitário (CONSUNI), foi solicitada a presença de um professor de Educação Física, para falar sobre o processo que estava tramitando e que seria votado. Nesse caso quem iria falar era o professor Francelino, mas a professora Vera Klein, Pró-Reitora de Assuntos Estudantis, argumentou que seria melhor o professor Couto, por ser mais conhecido entre os conselheiros, no que foi acatada, de imediato.

Na fala do professor Couto foi argumentado que seria importante a criação do novo curso, exatamente porque no Rio Grande do Sul já existiam 11 cursos, São Paulo já

tinha 17 e que iriam representar a Universidade em todos os lugares. Além disso, só se falava na necessidade de um curso de Educação Física. A Universidade Federal do Ceará era a única do Nordeste que não tinha curso de Educação Física, em âmbito Federal.

Assim, finalizando esse processo cheio de impasses, foi criado o curso de Educação Física da UFC, lembrando que não houve uma única ideia ou iniciativa, de apenas um professor, para a instituição desse curso. Todo o processo aconteceu em virtude da aspiração do grupo de professores que ministrava a prática de atividade física para os demais cursos existentes na UFC, lotados na Coordenadoria de Esportes e Lazer, órgão ligado à Pró-reitoria de Assuntos Estudantis.

Dentre alguns fatos importantes, cita-se a realização do primeiro vestibular, no ano de 1993, com a participação de apenas quatro candidatos. A colônia de férias para a garotada do bairro do Pici era outra atividade que dava muita visibilidade à UFC e à própria Educação Física, além da Volta ao Campus¹³ que chegou a reunir cerca de mil atletas. Essas ações proporcionavam muitas matérias nos jornais.

Fotografia 1 – Atleta Norval Batista Cruz do BNB-Clube chegando em 1º. Lugar da Corrida Volta ao Campus



Fonte: Arquivo Pessoal do prof. José Wilson de Farias Couto.

¹³Volta ao Campus: competição de Atletismo (corrida) tendo como percurso todo o complexo didático do Campus do Pici.

Fotografia 2 – Da direita para a esquerda: Prof. José Wilson Couto, Prof. Antonio Barroso Lima, Desconhecido, Desconhecido



Fonte: Arquivo Pessoal do professor José Wilson de Farias Couto retirado do Jornal "O POVO" do dia 26/Novembro/1977.

Lembra-se que, antes da realização da Colônia de Férias da UFC, foi realizada a primeira no Quartel do 23º. BC e outra no Colégio Militar de Fortaleza. Os garotos que delas participavam recebiam um uniforme e gorro (espécie de chapéu) e merenda, logo após as atividades e passeios culturais. As atividades esportivas estavam ligadas ao conhecimento e prática dos esportes. As colônias de férias que começaram a atender 400 crianças e chegou ao índice de 1.500 crianças e adolescentes, servindo, ainda, de laboratório para os profissionais da área da saúde, pois estes, em função de estudos com a comunidade, chegaram a apresentar dissertações e teses relacionadas a essa atividade. Entretanto, lamenta-se que essas colônias acabaram na gestão do professor Roberto Claudio Frota Bezerra, quando até a gestão do professor José Anchieta Esmeraldo Barreto ainda existiram, apesar do pouco apoio, porque o reitor apenas se dirigia ao Campus para a abertura oficial.

Perguntado sobre quais fatos importantes ainda poderiam ser relacionados, o professor acrescentou que o primeiro foi a criação do curso, porque inicialmente temos de

aprender para depois ensinar. Em segundo lugar foi a Universidade ter acabado com a prática para os demais cursos. Essa decisão partiu do Reitor Roberto Claudio, que colocou em votação no Conselho e venceu por unanimidade. Apesar de ter acabado com a obrigatoriedade dos alunos dos cursos da UFC fazerem prática de Educação Física, permaneceu como sendo uma disciplina optativa com validade de dois (2) créditos para os alunos de quaisquer cursos. Acrescenta também que as ações da Educação Física no período do reitorado do professor Antonio Albuquerque eram interdisciplinares como, por exemplo, no caso da Medicina e Odontologia que faziam atendimentos para toda a comunidade da favela do Pici.

Em virtude dos poucos recursos financeiros, os próprios professores alugaram uma casa na comunidade para fazerem esse atendimento. Com o passar do tempo, a situação se normalizou e o trabalho ficou sendo realizado dentro da Universidade. Outra ação importante se concretizou na área pedagógica quando a Universidade passou a gerir os destinos de uma Escola dentro do Jockey Club Cearense, chamada José Bonifácio que, após consulta ao professor Couto e demais pares, passou a funcionar em um terreno no Campus do Pici, onde ainda continua funcionando.

Após tantos impasses, o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Federal do Ceará foi criado em 1992, quando era Reitor o Professor Antonio Albuquerque Filho, finalizando, assim, um processo de discussão e construção coletiva no qual se envolveram todos os professores da área, particularmente, os professores da Coordenadoria de Esportes e Lazer (CEFEL), com o apoio e orientação da Faculdade de Educação. Na opinião de um dos fundadores do curso e primeiro a chegar ao setor, o Reitor que teve maior influência para criação do curso de Educação Física foi o professor Antonio Albuquerque e justifica pontuando: aderiu à ideia da criação do Curso de Educação Física; deu início aos projetos de Diabetes em parceria com a Universidade de Brasília; proporcionou a ida de professores de Educação Física à Espanha para fazerem curso; compra de material (madeiras e bicicletas) para o curso; prestigiava o setor de esporte e lazer com sua presença às terças e quintas; com a ajuda do Pró-Reitor de Administração Prof. Ricardo Thé, montou um trabalho para combater uma epidemia de cólera instalada no bairro do Pici; arregimentou cerca de 500 alunos para desenvolver esse trabalho; foram feitos três chafarizes para fornecimento de água para a comunidade, como forma de evitar que usassem água das cacimbas e poços contaminados na região; o ginásio foi praticamente transformado em hospital em função do grande atendimento aos moradores da favela do Papoco.

Destaque-se que a comunidade acadêmica rotulou e chamava o Reitor Antonio Albuquerque de interventor, fato relacionado à sua nomeação pelo então Presidente da

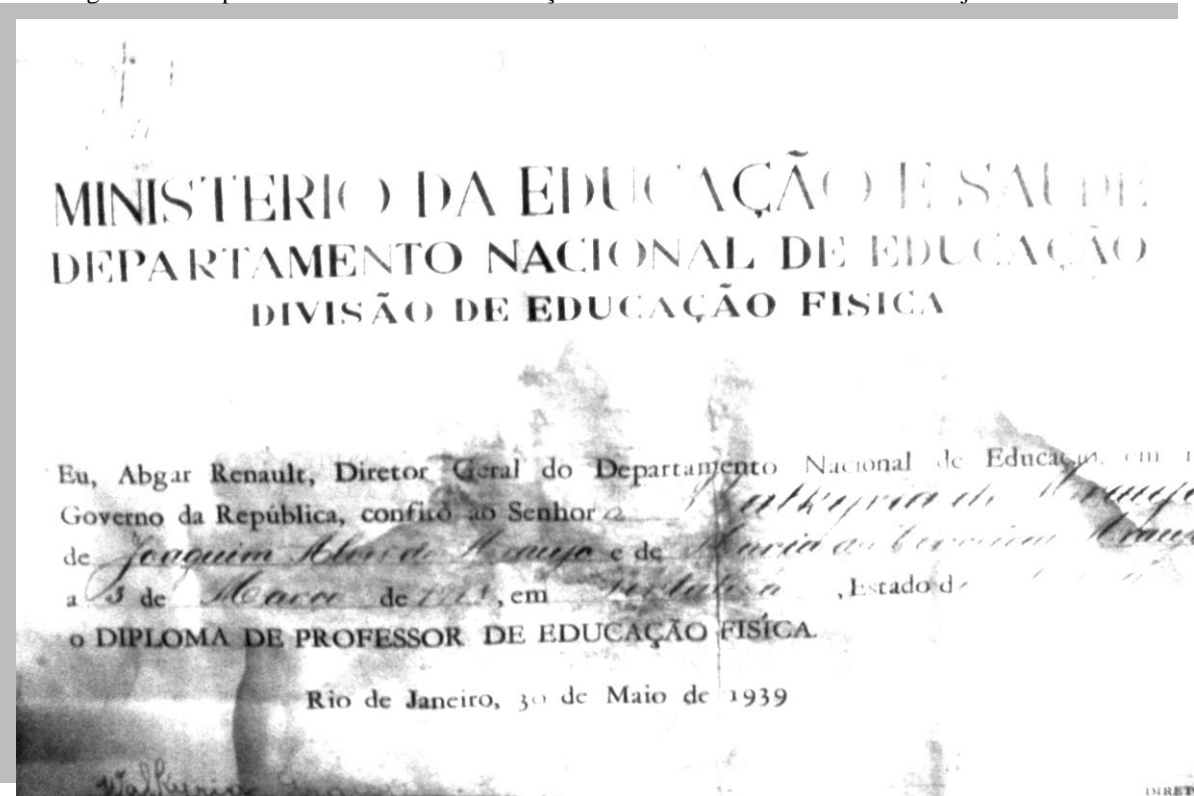
República Fernando Collor de Melo. O professor Antonio Albuquerque figurava na sexta e última colocação dos indicados em consulta ao colegiado da Universidade, postulando o reitorado. Para aliviar o clima tenso, o professor Couto fazia, aos sábados, uma caranguejada no Campus (setor de lazer e Educação Física), para os alunos do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e convidados.

Para prestigiar esses encontros, o Reitor era convidado, proporcionando uma aproximação com os alunos. Quando havia necessidade de papel ofício para o DCE preparar material de divulgação de suas ações e manifestos, o próprio professor Couto fornecia o papel, inclusive ficou determinada uma cota de 10 mil folhas de papel mês. Isso soou estranho para a administração e pró-reitoria que indagou: - o professor fornece papel para criticarem a reitoria? A resposta veio de imediato: daqui há três meses tudo para, confirmou o professor Couto, segundo o qual, realmente, aconteceu como o esperado. Ao DCE foi dado tudo o que fora solicitado, inclusive sistema de som para festas e outras ações culturais. Destaca-se que Luiziane Lins fazia parte do DCE, naquele momento e na condição de aluna. Posteriormente, ela foi eleita Prefeita da cidade de Fortaleza, por um mandato de quatro anos, conseguindo reeleição para outro mandato completo.

4.2 A chegada dos primeiros professores ao *Campus*

Compunha também o corpo docente da Coordenadoria de Esporte e Lazer a Professora Walkyria Araujo, que havia se formado em Educação Física no Rio de Janeiro, no ano de 1939. Seu diploma foi assinado por Abgar Renault, Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação, no dia 30 de maio de 1939. Mas, antes de falar sobre a participação da professora na Universidade Federal do Ceará, faz-se necessário um recorte histórico sobre a referida professora, em função de sua relevância para a profissão e, ainda, como uma das precursoras da atuação da mulher cearense na área da Educação Física, além de ser a primeira a se formar na área em outro Estado, no caso, o Rio de Janeiro.

Fotografia 3 – Diploma de Professora de Educação Física da Professora Walkiria Araujo



Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Walkiria Araujo.

Nascida em Fortaleza em 05 de março de 1918, a Professora Walkiria Araujo afirma que sua vida na Educação Física teve muita influência de sua Tia Luci Barroso, que ministrava aulas em sua casa, inicialmente, à Rua Solon Pinheiro, na casa de número 38, depois, na Rua Rodrigues Junior esquina com a rua Padre Valdevino, local onde ainda mora atualmente.

Conta a professora Walkyria que a sala era cheia de barras na parede, rodeada de espelhos. Tinha espelho em toda parte. Mas, quando sua tia Luci Barroso faleceu, a professora Walkyria já não mais a ajudava nas aulas. Nesse caso, quem trabalhava em seu lugar era Regina Passos, professora conhecida em Fortaleza e prima de Walkyria e da professora Luci Barroso. Destaca que a família sempre gostou e trabalhou com arte. As filhas de Regina Passos também são admiradoras e trabalham com arte.

De acordo com a professora Walkyria Araujo, a sua dedicação à Educação Física se iniciou e deu os primeiros passos ainda quando criança. Morando ao lado do parque Cidade da Criança, na Rua Solon Pinheiro, 38, sempre gostou de andar de bicicleta e patins. “Eu gostava muito dessas coisas.”

A sua tia Luci dava muitas demonstrações de dança com suas alunas e Walkyria sempre a acompanhava para assistir os espetáculos. Afirma que sua tia não era formada em

Educação Física, mas tinha cursos práticos no Rio de Janeiro. Para isso, iam duas vezes por ano à Cidade Maravilhosa, mais precisamente em Janeiro e Julho.

Destaca, ainda, que gostou e deu início à Educação Física. Quando ainda estudava no Liceu, a sua tia Luci Barroso, lecionava Educação Física em casa e, tinha uma turma de senhoras. Em determinado dia, ela indagou: - Walkyria você quer dar aula para essa turma de senhoras? E ela respondeu: “-Eu dou.” Isso ocorreu, ainda, quando moravam na Rua Solon Pinheiro, 38.

Acrescenta que assistia a todas as aulas ministradas pela tia e, por isso, não sentia dificuldades. “Eu assistia tudo né!” “Ficava ali olhando” “Aí, fui dar aula.”

O sucesso da intervenção foi o esperado, no que levou essas alunas a afirmarem para sua Tia que não mais queriam ter aulas com ela e sim, com a professora Walkyria.

Afirma que continuou só essa aula. Mas a professora continuou dançando, porque sua tia ensinava balé e sapateado. Ressalta com satisfação e orgulho “- Eu era da pista ao teatro José de Alencar.” “Dancei dez anos, todo dezembro.” “No Centenário de Shoppin eu fui a principal bailarina.” Isso, sempre com a professora Luci Barroso. A professora Regina Passos foi quem a substituiu para, em seguida, ir ao Rio de Janeiro fazer curso de balé.

Em dado momento, a professora Luci convidou Walkyria para acompanhá-la ao Rio de Janeiro, já que sempre visitava aquela cidade duas vezes por ano. A referida viagem ficou marcada para dezembro e, assim aconteceu. Ao chegarem lá a professora convidou-a para ir ao Ministério da Educação afirmando: Walkyria eu estou com a impressão de que você vai arranjar um emprego lá.”

Ao adentrarem em determinada sala no Ministério da Educação foram recebidas por um Coronel da família Leite Barbosa que as recebeu com a seguinte frase: “Luci, você por aqui com a Walkyria... Mas vocês chegaram na hora.” Isso porque terminavam, no dia seguinte, as inscrições para um curso de Educação Física do Exército. Aquela situação foi de surpresa e alegria, mas a professora Walkyria respondeu que não portava, naquele momento, nenhum documento dos que eram exigidos para a inscrição. O Coronel a tranquilizou afirmando que faria a inscrição porque a Luci manda buscar e aproveita para fazer o mesmo curso.

Apesar da benevolência do Coronel, surgiu um impasse quanto à participação da professora Luci Barroso. De acordo com a professora Walkyria, ela já estava de mais idade, além de ser arrimo de família. A professora Walkyria quis optar por não fazer o curso, voltar para Fortaleza e ficar coordenando e ministrando aulas na academia de sua tia. Mas Luci preferiu desistir afirmando que não tinha mais idade para tanto, retornado para sua cidade.

Nesse caso, ficou a professora Walkyria Araujo, diante das palavras de sua tia Luci: “você vai fazer, experimente.” Fato subsequente, foi matricular a sobrinha no Curso que começou no dia seguinte.

As mulheres tinham aulas no Instituto de Educação, no bairro da Tijuca, enquanto os homens, na Praia Vermelha. Mas aos sábados havia uma reunião e aula prática com todos, na Praia Vermelha. Nessa ocasião, os alunos deveriam se apresentar com o uniforme perfeito, sem nenhum sujo no sapato. A revisão era rigorosa e tudo deveria estar perfeito. Em função disso, a professora Walkyria afirma que suas alunas jamais frequentaram suas aulas com o ‘sapato sujo’, pois essa era uma norma disciplinar.

O processo seguinte foi frequentar o curso que teve uma duração de 8 (oito) meses, com aulas pela manhã, à tarde e, ainda, à noite. Lembra que os professores, na sua maioria, eram militares, com exceção do professor Colombo, do diretor da Escola, professor Tácito e do médico Dr. Heleno. Nessa época, esses trabalhos aconteciam na Escola de Educação Física do Exército.

Reforça que adorava o curso. Um dia o professor Colombo se dirigiu à professora Walkyria e indagou: – Por que você a Otilia, a Emengarda e a Antonieta não vão pro Botafogo? De imediato a proposta não foi aceita. A seguir, o professor Colombo respondeu que havia presenciado a aula de Atletismo.”

Diante do bom desempenho das alunas, constatou que elas tinham potencial para sucesso na modalidade. Apesar da insistência do professor, duas colegas que já faziam parte de outro clube, o Fluminense, interferiram aconselhando-as para comporem a mesma equipe.

Depois da decisão, as amigas foram conversar com o técnico do Fluminense e saíram bastante decepcionadas, afirmando que tiveram vontade de “cuspir no rosto do professor.” A professora Walkyria descreve como eram seus biótipos e relembra o diálogo sucinto e decepcionante com o técnico do clube carioca:

- Eu, era magra e pesava 42 quilos. A Otilia também era filha de alemão, era magra. A Natércia era gordinha e baixa e a outra era também gordinha e baixa. Nós éramos quatro. Aí ele olhou assim ó..., dos pés à cabeça e disse: não, não queremos não. Nós não precisamos de atletas. Menosprezou!

Diante dessa atitude do técnico do Fluminense, as alunas voltaram ao professor Colombo a fim de comunicar-lhe sobre o acontecido. De imediato o professor afirmou que todas iriam para o clube Botafogo, do Rio de Janeiro. E assim aconteceu: todas foram se apresentar ao treinador de Atletismo do Botafogo. O objetivo era a preparação para o primeiro campeonato de Atletismo de clubes do Rio de Janeiro, do ano de 1939.

Conta a professora Walkyria que era muito puxado, pois saía da Escola às 15:00h. O clube Botafogo mandava apanhá-las para os treinamentos e depois mandava deixá-las em casa às 22:00h (vinte e duas horas). Depois de alguns treinamentos, chegou a hora da competição. Afirma que corria muito, porque possuía muita velocidade. Nessa modalidade conseguiu ficar em segundo lugar. A professora Walkíria, com muita alegria narra àqueles momentos inesquecíveis: “aí começou o Atletismo, o campeonato né! Eu tinha velocidade eu corria muito. Eu tirei o segundo lugar. O Flamengo, se eu não me engano, o Fluminense e a Escola Alemã só faziam treinar e tinham um absurdo de gente. O Botafogo e o Vasco tinham pouca gente. Isso aconteceu no ano de 1939.”

Mas, quinze dias antes do início da primeira competição de Atletismo entre os clubes do Rio de Janeiro, o técnico do Botafogo se dirigiu à Walkyria e disse: “- Walkyria não tem ninguém para correr barreira. No que ela respondeu: mas, eu não vou correr, porque nós não temos, ainda, barreira. Em seguida o técnico complementou o diálogo afirmando que ela iria e acrescentou: com as pernas que você tem, você vai.”

Walkyria respondeu dizendo que sua preferência seria pela prova ‘salto em extensão’”. O técnico voltou a afirmar que para o salto em extensão havia alunas/atletas em número suficiente, mas faltava para a referida prova ‘corrida com barreiras’.

A professora Walkyria, ainda insegura, voltou a afirmar que não tinha condições de fazer a prova, por falta de conhecimento técnico sobre esta modalidade. O técnico procurou tranquilizá-la dizendo que iria treiná-la.

O fato é que aconteceu o primeiro treinamento e a professora confessa ter gostado bastante da experiência e admite ter corrido muito bem. Mas quando estava participando do segundo treino, no dia seguinte, faltando apenas 20 (vinte dias) para o campeonato ela sofreu uma queda que desencadeou uma distensão muscular. A dor foi intensa e caiu ao solo.

Aí o doutor Areno, professor do curso disse: vai ser difícil, Neguinha. Neguinha era o tratamento carinhoso dispensado à professora Walkyria. Ele a chamava também de ‘cearense’. O referido professor indagou preocupado: “- cearense você não vai não?” De imediato ela respondeu com toda firmeza: “- Vou.” E ele indagou mais uma vez: “- Por que?” No que respondeu mais uma vez: “-Porque eu tô dizendo que vou.”

Mas no íntimo a professora afirmara aquilo em função de possuir um irmão morando no Rio de Janeiro, que cursava o 5º. Ano de Medicina. Naquela época as universidades funcionavam por sistema anual e não, semestral, como nos dias atuais. Além disso, ela morava na casa do irmão, cujo tratamento de sua contusão foi acompanhado por ele.

Na véspera da competição o Doutor Arena voltou a indagar da professora se iria ou não competir. A resposta foi positiva. Na manhã da competição, um domingo, a professora acordou muito cedo e chamou uma empregada do lar que morava na casa apelidada de 'Nêga'. Ela descreve a 'Nêga' assim: era uma nêga dos braço (mulher de braços grossos).

A essa funcionária determinou a seguinte ordem: tu vai ali comprar um litro de gasolina. E assim o fez. Ao chegar a professora Walkiria a ensinou a dar uma massagem. Em seguida sua secretária o fez, ou seja, aplicou uma massagem com a gasolina em suas pernas.

A seguir, colocou o pé no chão e disse: “- é agora!” Saiu correndo e percorreu todo o quarteirão em volta da sua casa. De imediato ligou para seu professor Areno e disse: “-Areno pode ir que eu vou.” O professor indagou: “- vai mesmo?” No que respondeu a professora: “- vou e vou ganhar muita coisa.”

Afirma que levou sua gasolina para a competição e em pleno local das provas, para onde se deslocava levava consigo a sua gasolina. Essa ação provocava risos entre suas colegas.

Inicialmente, foi a prova de velocidade e a professora Walkiria chegou em segundo lugar, perdendo, apenas, para a Escola Alemã que, segundo ela, apenas treinava, só fazia isso. Sua colega Otilia, carioca, filha de alemão ficou com a terceira colocação.

No salto em altura, o Fluminense tinha como competidora a atleta Etriska que, além de atleta de atletismo, também era professora de natação do clube. A referida atleta media cerca de 1,90m de estatura, enquanto a professora Walkyria media, apenas, 1,57m.

Em dado momento uma de suas colegas indagou: “- Walkyria tu tens coragem?” referindo-se a competir contra uma atleta de tamanha envergadura. A resposta foi rápida: “- porque não? Olha a minha gasolina!”

A prova teve início e a atleta do Fluminense saltou 1,35m, o mesmo acontecendo com a professora Walkyria. O salto seguinte foi de 1,37m e ambas saltaram. Mas no salto de 1,38 apenas a atleta Etriska conseguiu passar. Nesse caso a professora Walkyria ficou com a segunda colocação.

A prova seguinte era a corrida com barreiras, prova considerada difícil para a professora Walkyria. Nesse momento, a professora exclamou: “- Deus do Céu... Lá vou eu pra barreira.” Apesar da insegurança, a professora Walkyria conseguiu a quarta colocação, fato que ela narra com muita alegria e ainda exclama: “- prá quem nunca tinha treinado!”

Sobre a sua participação na Educação Física e nos Esportes afirma que era da pista para o Teatro José de Alencar isto é, gostava de atuar em todas as áreas. Entendia que, em virtude do seu potencial, poderia participar das atividades com bom desempenho e, todo

ano estava lá no teatro dançando, sapateando e fazendo solo,¹⁴ sozinha. Destaca que era a primeira bailarina do Teatro José de Alencar e se orgulha de ter participado do Centenário de Shoppin, encenado no mesmo teatro. Sua participação perdurou por dez anos, sempre nos festivais de final de ano, precisamente nos meses de dezembro.

Admite que a sua trajetória foi traçada por um caminho nada fácil, pois ainda não formada em Curso de Educação Física, iniciou como professora do Conservatório Alberto Nepomuceno, inclusive realizando com as alunas algumas demonstrações de dança. Apesar disso, não gostou, alegando que o ambiente era muito fechado, portanto não se adequava, por não gostar de ambientes dessa natureza. Além disso, ministrava aulas também em sua casa na Rua Solon Pinheiro nº. 38 e, inclusive, faziam parte da sua turma quatro filhas do Governador do Estado, Doutor Francisco Menezes Pimentel. Entretanto, chegando o dia de viajar para o Rio, a fim de se preparar melhor e fazer curso na área, foi indagada pelas alunas: “- e agora professora?” A resposta veio com uma solução: “- a tia Luci ficará com vocês e, quando eu retornar, vocês voltam pra mim.”

E o previsto aconteceu. Ao retornar do curso no Rio, já formada, as meninas voltaram a participar das aulas. Mas, numa sexta-feira, ao chegarem para mais uma aula, uma das filhas do Governador Menezes Pimentel se dirigiu à professora e disse-lhe: “- Walkyria tá aqui que o papai mandou. Isso se referindo a um cartão para que a professora Walkyria fosse se apresentar, na segunda-feira seguinte, no Palácio do Governo que ficava ao lado da Igreja do Rosário, Centro de Fortaleza, bem próximo à Praça do Ferreira.

Assim ela procedeu. Ao chegar ao Palácio, no dia determinado, se dirigiu ao Secretário se apresentando e o mesmo afirmou: “- o Governador está esperando pela senhora.” Logo ao adentrar a sala, sua Excelência o Governador a parabenizou. De imediato, a professora Walkyria exclamou: “- Doutor, Governador, e eu, o que é que eu vou fazer? A resposta do Governador foi imediata: “- Você vai ser nomeada agora.”

Naquele momento, o Governador Menezes Pimentel ligou para então Secretário de Educação Sr. Aderbal Paula Sales. O diálogo entre os dois foi descrito pela professora, da seguinte forma: “- ou Aderbal, eu vou mandar a Walkyria Araujo, que se formou agora. Do outro lado da linha ele respondeu: “- isso foi minha aluna lá no Liceu, isso não era nada, isso era um cão.” Mais uma vez o Governador falou: “- Pois é, esse cãozinho, você vai fazer a nomeação dela agora e vai mandar por ela, só para eu assinar.”

¹⁴Se apresentando em determinados momentos da peça como destaque.

Afirma a professora que levou em mãos. A nomeação foi para a professora lecionar na Escola Normal cujo diretor era o Dr. Hippolito Azevedo Sá. Conta que ao se apresentar ao diretor da escola, ele a olhou com ar de admiração. Acredita que em função de ser muito nova, apenas 20 anos, além do seu biótipo, isso é, se achava muito magra.

O diretor da Escola Normal, além de, inicialmente, sentir certa desconfiança da condição profissional da atual professora, se dirigiu à sua tia Luci e indagou: “- Luci, isso vai dar certo?” A professora Luci respondeu: “- experimente.”

O referido diretor continuou a duvidar da capacidade da professora e passou a assistir todas as aulas ministradas por ela, apesar da segunda aula ter início a partir das 06:30h. Afirma que ele ficava posicionado lá no alto da escadaria da escola, numa visão panorâmica da aula.

Entretanto, quando chegou na décima aula o Doutor Hippolito a chamou na presença de sua tia Luci que, também era professora da Escola Normal e disse: “- Luci, parabéns. Ela é boa tanto quanto você.” Essa afirmativa daria o aval para o prosseguimento de suas atividades, como se estivesse ratificado a condição de docente qualificado para as funções.

É importante destacar que a formas de contratação para o serviço publico, aconteciam através de indicação e, ao ser indagada se o Governador da época era o Parsifal Barroso, a professora Walkiria frisou que, apesar desse Governador ainda ser seu primo, não era ‘muito bom’ porque não arranjava nada. Essa afirmativa foi narrada assim: “- Depois dele foi o Parsifal? O Parsifal era nosso primo, mas pra mim não valeu nada. Não arranjava nada.”

Na sua trajetória de professora de Educação Física, a professora Walkyria Araujo encontrou outros desafios que cita com orgulho. Inicialmente, ao desempenhar o cargo de professora do Colégio da Imaculada Conceição, estabelecimento de ensino que gozava de alto conceito junto à sociedade Fortalezense, com ênfase no seu quadro discente, composto por pessoas da elite da sociedade e filhas de famílias influentes. O seu ingresso nessa escola aconteceu através da indicação da professora Maria de Lourdes Carvalhedeo que já lecionava Educação Física, sem ter formação específica na área, naquele estabelecimento e que morava próximo à casa da professora Walkyria, à Rua Solon Pinheiro 42, numa casa vizinha.

O diálogo da apresentação transcorreu assim: “- Irmã Simas, aqui é a professora Walkyria, professora formada, chegou agora formada, ensina na Escola Normal aí em frente, a senhora quer contratá-la?” Ela disse:”- imediatamente.”

Foi o suficiente para que, dali por diante, a professora fosse contratada. Afirma que adorou ter trabalhado no Colégio da Imaculada Conceição, pois saía da Escola Normal às

08:30 e se dirigia prá lá. Conta que o Colégio era praticamente a sua casa, chegando a almoçar lá. Relembra que muitas festas aconteciam, inclusive um almoço servido em homenagem ao Presidente Castelo Branco, organizado por ela. Para isso, teve de passar a noite preparando a comida. Afirma que as irmãs a adoravam por causa dessas ações.

Outro estabelecimento particular e de ordem religiosa em que a professora Walkyria atuou na docência, foi o Colégio Maria Goretti, próximo à Avenida Tristão Gonçalves, tendo à frente na direção Irmã Rocha.

Destaca que foi uma maravilha o convívio com a realização de grandes trabalhos, a começar pelo soerguimento do Ginásio, fruto de muitas quermesses e outras ações como, por exemplo, campeonatos que das inscrições e vendas de merendas para arrecadar fundos para sua construção. Com a realização desse sonho, foi possível acontecer muitas demonstrações de Ginástica.

Lembra, com carinho, que o Colégio dispunha de uma piscina de 12 metros de comprimento que pertencia ao Patronato. Depois desse trabalho profícuo e ardoroso a professora Walkyria foi para a aposentadoria no ensino fundamental e médio.

Agora, tinha outro desafio que era o ensino universitário, convidada que fora para integrar a Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Ali ensinou também no curso de Educação Física sendo uma das pioneiras. Mas acrescenta que, na Universidade de Fortaleza, não construiu uma boa experiência, em função da remuneração e reconhecimento. Destaca que iniciava o ano letivo com três turmas e quando chegava à metade do ano letivo, chegavam a retirar uma turma sem lhe dar a menor satisfação e, após sua saída, foi difícil resgatar seu Fundo de Garantia. Confessa que agradeceu muito a Deus quando, o Dr. Pedro Teixeira Barroso a convidou para integrar os quadros da Universidade Federal do Ceará.

Na Universidade Federal do Ceará afirma que foi convidada a se aposentar por ter completado 72 anos de idade, isso contra sua vontade. Conta, com euforia, como se deu o diálogo para anunciarem sua aposentadoria: “- Disseram: Walkyria tu vais te aposentar.” “- Eu? Vou não, eu não estou pedindo.” “- Mas criatura, tu já estás passando dois anos. É para se aposentar com 70 anos e você já está com 72. Quer queira ou não, você vai ter que se aposentar.”

“Aí, me aposentaram à força né? Aí foi o Zé Wilson falou assim: - Walkyria se você quiser voltar você volta. A professora respondeu: Não! Não me aposentaram? Então eu não volto mais não.”

Ao lado do professor José Eduardo Barreira, primeiro coordenador do curso de Educação Física da UNIFOR e membro da Seccional do MEC no Ceará, fizeram um trabalho

de realização de cursos práticos da área para professores de Educação Física, que foram indicados pelos Estabelecimentos de Ensino. Para tal, os docentes vinham do eixo Rio/São Paulo para ministrar esses cursos.

Relata que, na inspeção das escolas, chegou a grandes embates com seus diretores, exigindo o cumprimento das leis trabalhistas, visto que ainda não havia sido criado o Sindicato dos Professores, nem a Associação dos Professores de Educação Física e o Conselho dos Professores de Educação Física. Destaca que teve algumas discussões com o Diretor do Colégio 7 de Setembro, Edilson Brasil de Soarez, educador de conduta ilibada e de uma respeitabilidade incomum junto à sociedade cearense, mas naquela ocasião relutava em descumprir determinadas exigências técnicas e estruturais necessárias ao bom desempenho da Educação Física Escolar.

Consolida sua afirmação dizendo que a fiscalização era pela Seccional do Ministério e se considerava uma fiscal ‘dura’, quer dizer que no cumprimento do dever não deixava a desejar. Essa fiscalização era dividida com o professor José Eduardo Barreira, quando ambos fiscalizavam 20 (vinte) estabelecimentos particulares e públicos. Em seguida, tinha que preencher um formulário e enviá-lo ao Ministério da Educação e Cultura. Ela aproveitou a oportunidade para fazer uma crítica sobre a fiscalização “agora não é nada, agora não vale nada.”

Um aspecto que deve ser lembrado é que, apesar da lei não trazer nenhum artigo obrigando que as quadras das escolas fossem cobertas, a professora procurava exigir dos gestores que tomassem providências para atender a esse item técnico. Outro detalhe importante refere-se ao salário dos docentes, afirmando, com muita ênfase, que eles deveriam ter salários dignos, adequados à profissão e em dia, o que, para a professora, se faria cumprir a lei trabalhista.

Fala com orgulho que ter trabalhado ao lado do professor José Eduardo Gomes Barreira foi uma grande honra que engrandece qualquer profissional. Todas as ações eram divididas, compartilhadas e de consenso. Detalha que, às vezes, chegavam a faltar centavos para fechar o balanço, e eles completavam tirando de seus salários.

Nesse contexto histórico do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará, está o professor Francisco das Chagas Rodrigues Santos, que é cearense, mas sua família é da cidade de Echu, Pernambuco. O professor Rodrigues, antes de vir para a Universidade Federal, ingressou na Universidade no Rio Grande do Norte, na cidade de Mossoró, na Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), e conseguiu se formar em

dois cursos: Economia e Educação Física. Em seguida fez o concurso da Escola de Agronomia para ensinar a disciplina, Administração Agrícola.

Acrescenta que tinha muita vontade de seguir Educação Física, isso porque, era desportista, praticava alguns esportes, Judô e Futebol e outros. Na condição de professor da ESAM, recebeu o convite de um professor, doutor Vingt-un Rosado, para criar um curso de Educação Física, na cidade de Mossoró.

Com o objetivo de qualificar melhor os professores de Mossoró, foi para Santa Maria, no Rio Grande do Sul, fazer uma pós-graduação. Lá, iniciou seus estudos de Mestrado, mas não concluiu esse curso, requerendo os créditos de especialização em Ciência do Treinamento Desportivo. De retorno a Mossoró, conseguiu caracterizar o curso e formou algumas turmas.

Em seguida, surgiu um convite para vir para a Universidade Federal do Ceará, para assumir o Departamento de Assuntos Estudantis, na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, juntamente com o professor Raimundo Holanda Farias. O reitor na época era o professor Paulo Elpídio de Menezes. Iniciou o trabalho no Departamento de Assuntos Estudantis que incluía a Coordenadoria de Educação Física, Restaurante Universitário, Residências Universitárias, Serviço Médico, era um Departamento de amplas ações.

O professor Rodrigues lembra, ainda, de alguns professores de seu início na UFC, o professor José Wilson Couto, professora Walkyria, Antonio Barroso Lima e um militar que era o Coronel Marcondes, que posteriormente solicitou desligamento em função de suas atividades na Polícia Militar do Ceará. Dessa forma, começou a pensar na universidade, realizando o primeiro concurso público para professor efetivo na Educação Física. Nesse primeiro concurso, foram aprovados os professores Francisco de Assis Francelino Alves e Lucídio Pontes de Accioly. Com o decorrer do tempo foi pensado em ampliar o quadro docente e foram realizados outros concursos, quando foram aprovados os professores Fernando Marques, Rejane, Lídio Pereira Neto, Thelmo e, ainda, o professor João Airton, autor deste estudo. Acredita que esse corpo docente teria condições de criar o curso de educação física da UFC. Vale salientar que todas essas ações foram encaminhadas em conformidade com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, com a ideia de criar um Departamento de Educação Física.

Naquela oportunidade, os alunos da UFC participavam, apenas, de atividades práticas obrigatórias e ainda não existia um Departamento Específico de Educação Física, ficando os professores ligados à Pró-reitoria de Assuntos Estudantis.

Rodrigues ratifica, ainda, que a parte prática era coordenada por ele, mas quem o antecedeu foi o Professor José Wilson Couto, admitindo que, apesar da obrigatoriedade da disciplina, essa coordenação representava uma riqueza da universidade na área da Educação Física. Isso porque existia uma motivação muito grande, apesar de que muitos alunos tinham condição de serem dispensados por um motivo ou outro, mas procuravam se envolver com aquele ‘grupão’ maior de estudantes. Todos participavam, inclusive, dos Jogos Internos da Universidade, que era um coroamento das atividades desses alunos envolvidos na prática da Educação Física.

Destaca que a quadra do Clube do Estudante Universitário (CEU), localizada no *Campus* do Benfica, era um suporte diário de atividades esportivas, além de outras competições também realizadas no *Campus* do Pici. Acrescenta que isso possibilitava que houvesse uma socialização entre os alunos dos diversos cursos da UFC, realizando, ainda, os jogos internos com os alunos dos cursos da UFC. Para tanto, a organização era fundamental e cada professor estava presente numa associação atlética, ou seja, cada professor era responsável por uma Associação Atlética, em busca de gerar a motivação. Essa seria uma forma do Presidente da Associação Atlética ficar mais próximo dos professores.

Como atividade voltada para a comunidade, lembra que desenvolviam programas de Colônia de Férias para as crianças, chegando a realizar colônia com a participação de cerca de mil crianças dos bairros do Pici, Bela Vista e Porangabussu. Afirma que essa Colônia era considerada a maior Colônia de Férias da cidade de Fortaleza.

Outro trabalho interessante era a corrida de pedestrianismo ‘Volta ao Campus’ que corrida funcionava, também, como um trabalho de *Marketing*, pois divulgava a Universidade e os professores de Educação Física, num trabalho muito organizado.

Entende-se que esse era um trabalho muito dinâmico e, nessa ação, havia uma integração da UFC com outras entidades como a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros, além de conseguirem patrocínio e recursos em outras instituições. Assim, o apoio logístico não era apenas da Universidade, mas também, de muitas de outras empresas patrocinadoras. A Reitoria da UFC dava apoio total. O reitor e Pró-Reitores colaboravam plenamente, comparecendo na abertura, encerramento e realizando visitas. Declinam-se os nomes de alguns reitores que manifestaram apoio às Colônias de Férias, que aconteceram na UFC: Paulo Elpídio, Antonio Albuquerque, Hélio Leite e o professor do Crato, Anchieta Esmeraldo.

Os alunos dos cursos também ajudavam na colônia, como voluntários e, ao final, solicitavam uma declaração de que haviam trabalhado na referida colônia. Existia uma

perfeita integração entre a Universidade e as famílias da comunidade, salientando que as mães compareciam ao *Campus* para acompanhar as atividades.

Naquele período, no *Campus* do Pici não existia muro separando-o da comunidade, pois “a cerca era a cerca humana. As famílias que moravam ali é quem protegia o Campus, porque eles se envolviam.”

Reforça que, antes da criação do curso de Educação da UFC, esta Universidade vivenciava bem o esporte. Depois da criação do curso, a Universidade caracterizou a atividade de educação física voltado para o profissional de Educação Física. Outra atividade criada pela Coordenadoria de Lazer, que movimentou sobremaneira a comunidade do Pici, foi a criação dos times de futebol, pois o professor Rodrigues com um pouco de ousadia e junto com os professores Lucídio Pontes e Lídio Pereira Neto, praticavam o futebol.

O Lídio, como ex-jogador, o professor Rodrigues que também já havia sido jogador profissional no Rio Grande do Norte e o professor Lucídio Pontes, que já teria sido treinador, criaram um quadro de árbitros próprio, porque esse departamento apresentava maior trabalho e complicação durante os eventos futebolísticos da liga. Para ministrar um curso de arbitragem, foi convidado um árbitro da Federação Cearense de Futebol, Manoel Araújo. Assim, foram formados vários árbitros na Universidade Federal do Ceará, na Coordenadoria de Lazer.

A ideia foi tão próspera que chegaram a haver 22 equipes disputando o Campeonato da Liga do Pici, sendo 11 equipes de primeiro quadro e 11 do segundo. Os jogos aconteciam aos sábados e domingos, nos três campos de futebol criados sob a coordenação do professor Rodrigues. Em ar de saudosismo ela destaca “o domingo ali era uma verdadeira festa, charanga, batucada, tudo envolvido por ali”.

Por ocasião da abertura do campeonato, havia um desfile com carros e as bandeiras dos clubes. As meninas todas fantasiadas com bandeiras de cada clube, como por exemplo, do Comercial, do Parangaba e do Beira Rio, o que se assemelhava aos clubes profissionais. Caso houvesse alguma irregularidade ou atritos entre jogadores, ou até mesmo expulsões, tudo se resolvia às segundas-feiras à noite, na reunião do Conselho Disciplinar, cujos membros eram oriundos de cada clube que pertencia à liga. O clube ou jogador que estivesse marcado para comparecer e chegasse a faltar, pagaria uma multa.

Acrescenta-se que, no início, sentiu-se dificuldade para desenvolver esse campeonato, tudo em função da cultura dos componentes da comunidade, pois se tratava de pessoas com pouca escolaridade. Durante a realização dos jogos, acontecia muita expulsão de atletas, levando a comissão organizadora a flexibilizar um pouco as regras e ajustando-se

assim: com dois cartões amarelos na mesma partida, o jogador não mais seria expulso de campo mas era substituído. Rodrigues justifica tal posicionamento assim: “- se fosse expulsar a revolta era maior. Para ele, posicionamentos dessa natureza impulsionaram os jogadores da comunidade a criarem o espírito amadorístico por meio da disciplina.

Por ocasião da entrevista, Rodrigues aproveitou para fazer algumas observações sobre a maneira pela qual a universidade está convivendo com a violência nas dependências do Campus do Pici registrando assim:

Quando eu andei lá há 3 ou 4 anos. Eu senti que a Universidade se distanciou da comunidade. Eu perguntei, eu me encontrei com presidentes de clubes lá, ele professor Rodrigues o nosso tempo, professor. O que foi que houve? Um muro que é um monstro lá! E aí a violência vai aumentando. Assaltando alunos dentro do Campus. Naquele tempo ninguém falava de um aluno ser assaltado dentro do Campus. Diziam até que a Polícia desovava bandidos lá por trás do ginásio etc, mas com a nossa clientela nunca aconteceu nada. Era a nossa comunidade. Os alunos andavam todos de pés ali. Não tinha esses ônibus e os alunos iam de pés para assistir aula.

A partir desse movimento surgiu a ideia da criação do curso de Educação Física da UFC. Admite-se que, nesse processo, na cidade de Fortaleza existia, apenas, um curso dessa natureza e funcionava em uma universidade particular, a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), mas pela seleção natural, apenas poderia estudar nessa instituição quem tivesse um alto poder aquisitivo.

Então, a partir de uma conversa informal, nas escadarias da coordenadoria de lazer no campus do Pici e tomando uma água de coco, os professores decidiram que deveriam realmente criar o curso.

O professor Rodrigues destaca que já tinha a experiência construída na cidade de Mossoró, pois havia participado da criação do curso de educação física daquela instituição de ensino superior. Fato consequente foi procurar informações relevantes sobre esse assunto. *A priori*, a cada professor foi dada uma incumbência: o Prof. Francelino ficou encarregado de escrever a introdução, Rejane e Prof. Rodrigues com outras tarefas do trabalho inicial.

Ainda segundo Rodrigues, não poderiam criar um curso na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, em função desse impasse, surgiu a ideia do professor Raimundo Hélio Leite, que seria integrar a Faculdade de Educação.

Rodrigues confessa que, no início houve um interesse de procurarem a Faculdade de Medicina, ideia que partiu dos professores Rodrigues e Wilson Couto. Afirma, ainda, que naquele momento outros professores também aderiram à ideia, mas salienta que naquele

momento pós-64, a Educação Física era entendida como sendo “mais Educação do que Física.” Então, a saída foi se instalarem na Faculdade de Educação.

Relata que foram bem recebidos e acolhidos, apesar de ter demorado o entendimento do que seria a história da Educação Física, que era diferente da Pedagogia, sendo mais um curso, isso, em razão da grade curricular que estava sendo proposta.

Esse episódio o faz grifar “nós fomos vencendo, nós todos, estudamos muito. Até hoje! Acho que o curso continua, mas com autonomia de um Instituto, como está.”

Na fase inicial da criação do curso, o grupo recebeu ajuda de outros docentes da UFC dentre eles o professor Raimundo Holanda Farias, na função de Pró-Reitor, a professora Estrela da Faculdade de Educação que, inclusive, deu uma ajuda muito importante, ficando junto ao grupo trabalhando, incentivando, motivando e procurando ensinar ao grupo as questões teóricas da proposta do curso. Outra professora que veio para se unir ao grupo foi a professora Fernanda, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, irmã da professora Walkyria Araujo. Mas, também houve momento de objeção à ideia de criar mais um curso na Faculdade de Educação, pois pensamento do professor Rodrigues era criar um Departamento de Educação Física, dentro da Faculdade de Educação e, como já existia um, não haveria a necessidade de criação de outro.

Com a realização de um concurso público, também chegou ao *Campus* do Pici o professor Francisco de Assis Francelino Alves, atualmente aposentado.

É importante que destaquemos o referido professor, pois se trata de um dos fundadores do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará, que depois veio a ser o primeiro professor de Educação Física do Estado a conseguir o título de Doutor, conquistado também na Universidade Federal do Ceará, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação. Em conversa com o professor Francelino, ele orgulhosamente narrou a sua trajetória na UFC, bem como ao seu olhar, o percurso da Educação Física na Instituição.

No ano de 1980 o professor Francisco de Assis Francelino Alves concluiu o curso de graduação na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e, fato contínuo, ingressou em uma especialização em Tecnologia do Ensino Superior. O curso era em Educação para o Ensino Superior. Esse curso favorecia, na sua integralização curricular, que o aluno pudesse se inteirar dos problemas educacionais, daí a oportunidade de observar os concursos que surgiam nas universidades brasileiras, principalmente, aqueles direcionados para a área da Educação Física, inclusive pouco existentes naquele momento.

Na oportunidade, surgiu o edital do primeiro concurso público da Universidade Federal do Ceará, para seleção de professor de Educação Física, destacando que ainda não

existia oficialmente o Curso de Educação Física. Nesse caso, funcionavam as práticas de Educação Física para todos os alunos dos cursos da UFC como obediência à lei vigente, Lei 5.540 que, determinava isso. Vale ressaltar que os pontos a serem desenvolvidos no concurso eram de ordem generalista, podendo entrar para sorteio temas diversos como: futebol, voleibol, natação, atletismo e outros.

O concurso era para o preenchimento de duas vagas e o primeiro ponto a ser sorteado foi sobre futebol “Descreva os sistemas técnicos e táticos aplicados ao futebol brasileiro incluindo as fases de um treinamento.” O professor Francelino faz questão de destacar que sobre esse tema não tinha muita afinidade, uma vez que sua admiração se restringia a área das lutas.

Ao concurso, cerca de 100 (cem) professores se inscreveram e após a correção veio o resultado com o professor Francelino obtendo a nota 9,1 (nove vírgula um). Relata, ainda, que “nunca tinha vivido nem em futebol” e, de repente consegue uma boa nota na prova escrita, foi muito bacana.

Sobre a excelente nota, o professor ressalta: “esse resultado bacana, eu devo ser honesto, é porque uma pessoa, o professor Assis Furtado (Francisco de Assis Pordeus Furtado), me deu muita ajuda, quando, no Curso de graduação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), eu fui seu aluno.

Uma vez aprovado na primeira etapa, a fase seguinte do concurso foi a prova didática ou prova de desempenho didático, cujo edital determinava que, após o sorteio de um dos pontos do concurso estabelecidos no edital, o candidato, após 24 (vinte e quatro horas) discorreria sobre o referido ponto para uma banca de três professores julgadores.

Confessa o professor que temia que o seu tema a ser sorteado fosse futebol, mas o destino o contrariou e ao sortear o tema caiu ‘futebol’. Compunham a banca examinadora dois professores de outro Estado, de outra universidade Federal e, apenas, um professor local que era o professor Francisco das Chagas Rodrigues Santos.

O detalhe é que, para ministrar as aulas, foi disponibilizado um aparelho mais moderno à época chamado ‘retroprojeter’. Para refletir a imagem era necessária a preparação de transparências. Apesar de preparar tais transparências, o professor Francelino, imaginando ser o quarto candidato a apresentar e analisando o provável cansaço dos componentes da banca, decidiu não usar nenhum recurso tecnológico e dispensou, tanto o aparelho de retro projeção quanto o aparelho de projetor de *slides*.

Essa decisão culminou com um breve diálogo entre o candidato e um dos componentes da referida banca: “professor pode preparar seu ‘circo’. Eu disse: o circo vai ser

preparado no gogó do palhaço.” Admite que, após esse rápido diálogo, a banca ficou a lhe olhar diferente. Apesar disso, iniciou a sua aula imaginando a sala estar repleta de alunos. No dia seguinte, veio o resultado que o deixou surpreso obtendo a nota 9,9 (nove vírgula nove).

O terceiro momento da avaliação do concurso aconteceu com a prova de títulos, que se constituiu para o professor um processo traumático que ele descreve em detalhes: a minha especialização, que deveria contar a sua pontuação era em Ensino Tecnológico do Ensino Superior, mas sobre esse documento um dos candidatos que não havia obtido a pontuação para aprovação o contestou. Destaca que esse referido professor tinha algumas influências dentro da Universidade, alguém ligado à área de Recursos Humanos, e muito forte¹⁵ na Universidade. Inclusive, uma funcionária do setor de Recursos Humanos havia telefonado para sua residência e, conversado com sua esposa, informou que o Professor Francelino Alves, deveria comparecer, com urgência, pois o concurso ao qual teria participado estava em eminência de ser anulado.

Salienta que, ao receber esse telefonema e se encontrar gestante do primeiro filho, sua esposa teve um sangramento e de imediato foi internada no hospital ‘Gastroclínica’ com o laudo médico acusando suspeita de aborto. Após a internação o professor compareceu à Universidade Federal para se inteirar do problema e, ao consultar a funcionária, ouviu a ratificação da notícia: existe um professor que questiona que o seu diploma é da área de Educação, portanto, não sendo da área específica de Educação Física, não deveria ser aceito.

De acordo com o professor Francelino, nessa oportunidade, o professor Francisco das Chagas Rodrigues Santos Rodrigues foi muito decente, foi muito amigo. Ele se preocupou com essa situação de uma forma muito humana, real, verdadeira e ética e tomou a seguinte decisão: foi ao encontro do Pró-Reitor de Graduação, professor Raimundo Holanda Farias, e disse: “não gente! Vamos segurar isso! Não é assim! Sua pontuação ela é verdadeira não é invenção, sua formação de especialização é na área de Educação, Educação para o Ensino Superior! Não tem porque anular!” Em função dessa apelação o professor Raimundo Holanda evitou o andamento, evitando que isso fosse desvirtuado, evitando que nenhuma transgressão ao processo fosse cometida. Conta, ainda, que estava dividido em dois hemisférios, um satisfeito em lograr êxito no concurso público para a UFC e, outro, por estar prestes a perder um filho, contra a sua vontade.

¹⁵Muito Forte = de muita influência.

Acredita que, Graças a Deus, seu filho superou as dificuldades dos problemas de saúde, mesmo assim, ainda foi necessário um acompanhamento com tratamento durante 3 anos.

Logo após assumir o cargo na UFC se apresentou à professora Walkyria, responsável pela lotação, que o destacou para trabalhar das quatro horas da tarde às cinco e meia, no bairro Porangabuçu, na Faculdade de Medicina, cujo espaço era uma quadra por trás do prédio da referida faculdade, local onde funciona, atualmente, a Faculdade de Enfermagem. Depois dessa aula, deveria estar no *Campus* do Benfica, na quadra do Céu, à Avenida da Universidade, às dezoito horas. Para ele, desempenhar essas tarefas se tornava complicado pela dificuldade de deslocamento, mesmo assim, ainda perdurou por quatro anos.

Ele aponta, também, que desenvolver as práticas nessa quadra tornava-se complicado, exatamente porque os alunos não estavam dispostos a aceitarem tal procedimento pedagógico, apesar de ser um aspecto legal, nem aceitavam um professor de apenas 24 anos, jovem para o desempenho daquelas funções. As turmas eram formadas com mais de 50 alunos. Em muitos momentos, os alunos desciam zangados. Destaca que era difícil conviver harmonicamente, pois esses alunos se achavam os donos do ambiente e revoltados por terem que aceitar a atividade. Ressalta que tentou, por inúmeras vezes, utilizar algumas estratégias que não fosse o autoritarismo.

A sua entrada na Universidade Federal aconteceu na década de 1980, momento político de transição entre o regime militar e o democrático, com os alunos sendo obrigados por lei a fazerem atividade física, sob pena de reprovação, caso não obtivessem o percentual de presenças estabelecido, nem a nota suficiente para aprovação. Assim, a parte prática, em algumas circunstâncias, também não se constituía uma relação de interação, em função de que, às vezes, um aluno da medicina vinha chateado, porque não queria fazer aquela prática por dois semestres, prática I e prática II. Muitos admitiam que era ‘perder tempo’. Isso gerou conflito no entendimento do professor recém-ingresso na UFC, que se indagava: “- eu vou trabalhar com esse pessoal que não quer!”

Explica que tentava uma didática que fosse conciliatória, enfatizando a afetividade, o interesse, mostrando a consciência e colocava todos os valores. Levava os alunos a sentarem numa arquibancada e passava umas duas aulas quase que fazendo um sermão, um convencimento da prática para eles e da sua importância. Confessa que aconteciam diálogos interessantes tais como: “a gente falava e eles diziam assim: professor vai terminar logo, porque eu vou para um plantão. Professor, eu vou para o IJF. Professor, o

senhor quer que a gente faça essa prática de Educação Física aqui, o senhor não tem medo de chegar lá no IJF todo quebrado e eu ser o médico de plantão não?

Para o professor Francelino, isso marcou muito, chegando à perplexidade de como um universitário possuía uma visão tão rude da Educação Física, era como se a gente fosse um mal feitor da humanidade.

Admite que foi necessário trabalhar muito para não ser grosseiro com eles, porque as perguntas eram muito grosseiras, às vezes. Apesar desses obstáculos pedagógicos, o professor admite que conquistou muitas amizades e, graças a Deus, não houve problemas de maiores consequências, configurando-se numa experiência que marcou por demais sua trajetória docente na UFC.

Outra coisa que marcou muito seu início foram as aulas práticas no *Campus* do Pici. Com semblante de admiração, o professor assistia às aulas dos colegas professores ao mesmo tempo em que observava os alunos que chegavam. É que tinha uma linha de ônibus que deixava os alunos quase do lado da piscina e quase do lado da pista. Eles desciam. Tinham de sair da Faculdade de Direito que é no centro da cidade para receberem aula lá no Pici. Isso também gerava insatisfação, com inúmeras demonstrações verbalizadas tais como: “vambora essa aula não começa não?” Confessa que essa experiência foi marcante.

Destaca que existia um trabalho muito interessante da Educação Física junto à comunidade, a iniciar pela Colônia de Férias concluindo com a Volta ao Campus. A colônia de férias era para a comunidade carente denominada de Uruguaiana, pertencente ao bairro do Pici, localizada em volta do *Campus*, que passou a ser chamada de ‘papoco’. Essa denominação surgiu em decorrência de ‘muita bala’ no local. Salienta que, às vezes, no momento da aula, escutavam tiros, tendo como estratégia mandar que os alunos deitassem no solo. Por vezes, presenciaram pessoas correndo atrás de outra de arma em punho, na tentativa de homicídio.

A mesma comunidade possuía uma população de criança e os professores dedicaram muito trabalho a essa comunidade, chegando a desenvolver colônia de férias para cerca de dois mil alunos. Então, se tornava um momento grandioso que marcou muito a vida daquelas crianças. Tudo era preparado com carinho, desde o planejamento até sua execução. O apoio era realizado pelas autoridades municipais, estaduais e da reitoria. As empresas particulares cediam grandes de ônibus para passeios. Todos os dias havia três ou quatro ônibus parados no *Campus*, para levar, gratuitamente, as crianças para o zoológico, crianças que nunca tinham ido à praia, conhecer o centro da cidade.

Nessa época ainda não existia *Shopping* Iguatemi ou coisa parecida, mas as crianças se deliciavam com um grande passeio nos pontos turísticos da cidade de Fortaleza e, pasmem, com uma realidade interessante: naquela época, a gente nem falava nem em interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Apesar disso, a colônia de férias tinha alunos da Medicina, da Enfermagem, os alunos do Curso de Direito, até o Curso de Engenharia, que participavam. Essa atividade se concretizou como um verdadeiro momento de socialização e interação entre as áreas de conhecimento e todos contribuíam com suas experiências tais como: palestras, oficinas e treinamentos para os pais e as crianças.

Considera-se que o mais rico disso foi saber que essas crianças passaram a ter outra perspectiva de vida, era produzida dentro da Universidade, uma perspectiva de inserção social. Essa inserção social acontecia por conta da colônia, tanto é que quando chegavam os meses de julho e janeiro, as mães já estavam à procura de inscrições e indagando se havia possibilidade de inscreverem seus filhos na próxima colônia. Nos dias atuais, a Colônia de Férias já não existe.

A ‘Volta ao *Campus*’ era uma corrida, também promovida pela UFC, com ponto de largada na Faculdade de Medicina, com chegada no *Campus* do Pici. Esse trabalho mobilizava muita gente, por causa do número expressivo de participantes.

Admite que as primeiras corridas de rua da cidade de Fortaleza se devem à Universidade Federal do Ceará. Era um percurso pequeno cuja ideia inicial era inscrever, apenas, alunos da universidade. Com o êxito obtido e a grande demanda, foram abertas as inscrições para as pessoas da comunidade e instituições militares. Daí por diante, também foi necessário dividir as categorias para que a competição não tivesse discrepância quanto ao nível técnico dos atletas.

Sobre a criação do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará, o professor destaca Francelino com orgulho que: “eu posso dizer, não de uma forma arrogante, mas quem puxou a ideia da criação do curso fui eu. Então, não sei se é muito bom dizer isso fui eu, eu que comecei.” E explica os motivos que o levaram a essa ideia. Todos os dias, num clima de grande harmonia, os professores, nas escadarias das instalações do *Campus* do Pici, lotados na Educação Física tinham uma resenha.¹⁶ Isso, na década de oitenta. De vez em quando um professor exclamava aos colegas: “gente, não tem como a gente ficar aqui sem ter um Curso de Educação Física!” Vale ressaltar que, naquele momento, já existia o Curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza, o mesmo acontecendo em outros Estados do

¹⁶Resenha na linguagem esportiva: conversa informal sobre vários assuntos e momento de descontração.

Brasil. Fazia-se uma reflexão sobre o aspecto da lotação, entendendo que os professores eram lotados em uma Pró-Reitoria. Todos eram professores de Educação Física, mas não tinham uma vivência acadêmica. Tornava-se, apenas, uma atividade mecanizada, isso é, ministrar aula prática pela prática, não existindo a pesquisa. Alguns professores se manifestavam com desconfiança, alegando que, talvez, não seria necessária a criação de um curso.

Acrescenta que, nesse processo, o professor Francisco das Chagas Rodrigues Santos foi sensível, comungando com a ideia de criação do Curso de Educação Física na UFC, o que o estimulou a começar a escrever sobre o tema, manipulando uma máquina de escrever.

Para tal, foram pesquisados alguns currículos de universidades brasileiras, tendo como referência o currículo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, inclusive, o currículo da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Foram feitas muitas reuniões na tentativa para sensibilizar o grupo sobre a necessidade da criação do curso. Entendia o grupo, que seria necessário apresentar o referido projeto ao Magnífico Reitor, Antonio Albuquerque. Essa tentativa foi frustrada por algumas vezes. Quem acabou recebendo o grupo foi o então vice-Reitor, professor Normando, cuja primeira impressão foi a de um homem grosseiro. No diálogo com o grupo, o professor Normando foi enfático: “esse curso não vai muito longe não.”

Essa atitude foi interpretada pelo professor Francelino como estranha. Em outro momento da conversa o professor Normando disse que a ideia era boa, mas a Universidade não tinha como se estruturar para receber esse curso. Depois, o próprio professor Normando tornou-se um dos maiores defensores da criação do curso, juntamente com o professor Antonio Albuquerque. Destaque-se que o professor Albuquerque determinou, por meio de Portaria, que o professor Francelino fosse o coordenador do projeto de criação curso.

Havia outra preocupação no que concerne ao Departamento ou Faculdade em que o Curso de Educação Física iria pertencer e, ainda, qual seria sua formatação na integralização ou grade curricular. Adianta-se que, ao consultar alguns professores da Faculdade de Educação, pôde-se perceber que a ideia não teria boa aceitação, visto que, no momento, não houve uma aceitação imediata. Em outro momento, em conversa com mais professores, a ideia começou a ter aceitação. Uma das professoras que aderiram à ideia foi a professora Maria Estrela Fernandes, que teve muita paciência para olhar e ouvir. Confessa-se que essa atitude proporcionou uma aprendizagem na elaboração do projeto, pois até aquela oportunidade os componentes do grupo não sabiam formular um projeto dessa natureza.

Na elaboração desse projeto, era necessário levar em consideração que as disciplinas não poderiam ser simplesmente lançadas, mas ao contrário, deveriam ter uma coerência, uma conexão, ementário e uma bibliografia. Isso se caracterizou numa grande experiência.

No que tange à aceitação do Curso de Educação Física por professores do Curso de Medicina, o professor preferiu não citar o nome de diretor ou diretores que se opuseram a aceitar a inclusão do Curso de Educação Física na área da saúde. Inclusive, em uma reunião, entendeu-se que os dirigentes daquela unidade acadêmica foram grosseiros, não deram muita atenção, não deram o devido valor ao projeto que o grupo estava propondo. Mas, em momento posterior, quando perceberam que o projeto estava em andamento na Faculdade de Educação, houve uma vontade e convites para que o curso se estabelecesse na Medicina.¹⁷

O professor Francelino destaca que, naquele momento, o Governo Federal fazia uma divisão muito grande entre cursos os pertencentes à Saúde ou a área da Educação. Isso se justificava em função de que a evolução da Educação Física no Brasil já começava a ficar muito grande nas Universidades, pois alguns trabalhos, treinamento desportivo e o futebol mostravam o professor de Educação Física sendo preparado e a área do treinamento sendo desenvolvida e, sobre isso, o professor Manoel Gomes Tubino proferiu palestras em várias instituições. Esses motivos talvez tenham levado o grupo da Faculdade de Medicina a um arrependimento da não aceitação da Educação Física em suas dependências e organograma. Sobre esse detalhe, o professor entende ser natural, não foi por maldade, não foi por ser ruim, mas porque a Medicina, em si, ela é muito ela. Ainda nos dias atuais, não é fácil compreender isso, e, muito menos, há vinte anos.

Com relação ao trabalho de construção do projeto do Curso de Educação Física, o professor Francelino destaca que a professora Estrela teve uma participação efetiva, inclusive no convencimento de professores. É importante ressaltar que o diretor da Faculdade de Educação era, àquela época, o professor Fernando Pimentel. O professor Francelino refere, ainda, que em reuniões com os professores da Faculdade de Educação (FACED, estes diziam algumas frases absurdas do tipo: “você da Educação Física, além de ensinar a correr, você sabem ensinar o que mesmo?”

Admite-se que, diante disso, tinha-se que ter muito cuidado para não criar grandes atritos, porque era necessário concluir um sonho: a criação do Curso de Educação Física na

¹⁷Prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino, um dos ícones da Educação Física Brasileira, que preconizou estudos no Brasil sobre Treinamento Desportivo. Foi Presidente do Conselho Nacional de Desportos e o primeiro brasileiro a ser Presidente da Federação Internacional de Educação Física (FIEF), com sede em Bruxelas.

UFC, contando, também, com a intervenção da professora Estrela, por sinal, muito educada e que sempre mediava possíveis impasses.

Durante esse processo e em conversa com a professora Walkyria Araújo, foi dada a ideia de trazer uma professora para ajudar nos trabalhos. Essa professora seria Fernanda Beltrão, irmã da professora Walkyria, que residia no Rio de Janeiro. Dessa forma, a Universidade Federal disponibilizou passagem e viabilizou sua vinda. O momento em que ela chegou, fez um diferencial, por ser uma professora conceituada. Tratava-se de uma senhora com publicações, com trabalhos no exterior e que, quando falava, todo mundo respeitava. Com isso, o grupo se sentiu fortalecido.

O trabalho maior foi convencer às pessoas sobre a importância de um Curso de Educação Física e, mais difícil ainda, era convencê-las de que desejava-se incluí-lo na própria Faculdade de Educação, e mostrar a todos que Os professores de Educação Física, além de ensinar a correr, também sabiam e podiam ensinar muitas outras coisas.

Segundo o Professor Francelino, as pessoas olhavam para eles com olhar de reprovação, comentando: “- esse povo da Educação Física passa o tempo correndo.” Para ele, era como se o pessoal da educação física não soubesse viver a academia ou não tivesse conhecimentos pedagógicos para ministrar a teoria da sala de aula. A ideia era a de que os professores da Educação Física dominavam a prática, ficando a desejar na teoria.

Lamenta-se que, nos dias atuais, os professores que entram na Universidade Federal do Ceará, não têm ideia dessa luta, desse sofrimento, dessa batalha para se afirmarem como professores de Educação Física na UFC. Reconhece-se que, atualmente, o curso está lindo e maravilhoso, inclusive transformou-se em Instituto, cobrando do Diretor, o professor Antonio Barroso Lima, que essa memória seja enaltecida, fazendo com que todos conheçam a luta pela sua criação.

Outro professor que integrava a Coordenadoria de Lazer no Campus do Pici era, Lídio Pereira Neto. Ele, afirma que chegou por volta dos anos 1983 ou 1984 e, o coordenador era o professor Francisco das Chagas Rodrigues Santos, em substituição ao professor José Wilson de Farias Couto. Nessa época, já eram oferecidas as atividades físicas para os alunos dos cursos da Universidade Federal do Ceará, como prática I e II, tendo inclusive o caráter reprovativo. Antes de sua entrada, essas avaliações eram realizadas pelos professores que o antecederam como a professora Walkyria e mais quatro professores militares. Lembra-se que as avaliações tinham o caráter técnico, porque não existia a parte teórica. Inclusive, os alunos treinavam e se preparavam. As avaliações constavam de provas práticas de: natação, corrida, método Cooper e 100 metros rasos. Caso um aluno da UFC, de qualquer Faculdade ou

Centro, lograsse êxito nas demais disciplinas e não acontecesse o mesmo em Educação Física, este aluno seria obrigado a repetir a disciplina, a Educação Física, com 4 créditos, dois da prática I e dois da prática II.

Enfatiza-se que foram organizadas algumas atividades envolvendo a comunidade, inclusive um campeonato de futebol com a participação de 53 equipes, envolvendo cerca de 2 mil pessoas. Os jogos eram realizados aos sábados e domingos, nos turnos da manhã e tarde, só não acontecendo, também, à noite por falta de iluminação nas dependências do campo de jogo. O final da competição era coroado com uma programação parecida com grandes eventos, contemplando os vencedores com medalhas e troféus. Destaca-se que a equipe do comercial, time do bairro, sangrou-se campeã por três anos seguidos.

Quanto à Colônia de Férias para as crianças e adolescentes da comunidade, esta acontecia de forma diferente da época em que o professor Couto era o coordenador e as verbas para custeio das despesas eram um pouco escassas. Apesar disso, ainda participou de colônias de férias acontecidas durante a semana, nos períodos da manhã e tarde, com almoço para as crianças no restaurante universitário. O Reitor da UFC, àquela época, era Raimundo Hélio Leite e vice-reitor o professor Raimundo Holanda e a Pró-Reitora de Extensão, a professora Vera Klein.

O professor Lídio afirmou que não entende o porquê do grupo de professores, naquela ocasião, estar ligado à Coordenadoria de Esportes e Lazer que pertencia à Pró-reitoria de Extensão. Acrescenta, ainda, que não existia uma coordenadoria específica, daí toda a verba passar, inicialmente, pela extensão e destaca “a extensão a utilizava da melhor maneira possível, da forma como eles achavam conveniente.”

Sobre a criação do curso de Educação Física na Universidade Federal do Ceará, o professor Lídio Pereira Neto lembra que, no *Campus*, as atividades tinham um caráter prático e todos os professores lotados nessa unidade ministravam aulas de modalidades esportivas, por exemplo, Lídio no Futsal, Francelino no Basquete, Couto na Natação e Atletismo, Lima com a natação, Lúcia Rejane no Atletismo.

Depois das atividades, geralmente, os professores sentavam-se para um bate-papo descontraído e discutiam sobre as dificuldades de melhorar o *Campus* do Pici. Ressalta-se que, nessa época, já existia o Curso de Educação Física da UNIFOR e, admitiam que tivessem que partir para uma nova investida nesse aspecto. Daí, a professora Lúcia Rejane de Araujo teve um contato maior com a professora Estrela e foi dado início ao debate.

Lídio relata que buscaram apoio das Faculdades da Universidade Federal, com o objetivo de inclusão e exclama “batemos de porta em porta atrás de alguém para nos dar o aval pra poder ser aceito dentro da Faculdade como Curso. Ninguém queria Educação Física.”

Noutro momento, um Reitor, que ele prefere não declinar o nome, falou em determinado momento em que foi até as instalações da Educação Física do Pici: “se Educação Física fosse bom ele ia durar duzentos anos, porque só vivia pulando.”

Lídio explica que, inicialmente, quiseram ir para Medicina, mas não foram aceitos. Em virtude da negativa, buscaram alternativa, conversar com os pares da Faculdade de Educação da UFC. Nessa tentativa os professores Fernando Antonio Oliveira Marques e Lúcia Rejane de Araujo foram conversar com a professora Estrela.

De acordo com o professor Lídio, foi convidada, também, para ajudar na elaboração do projeto de criação do Curso, a irmã da professora Walkíria, que morava no Rio de Janeiro. A referida professora viera com custeio da UFC. Lembra o professor que existiam muitos debates. Confessa que o grupo da Educação Física estranhava essa prática, por ainda não ter vivenciado tal situação, ou seja; uma discussão pedagógica, uma vez que apenas conheciam a parte da aplicabilidade dos exercícios físicos e das modalidades esportivas. Essas discussões eram para a definição e elaboração do currículo, da oferta das disciplinas e ementas das mesmas. Isso resultou na elaboração de um manual contendo a história, objetivos e diretrizes do curso de Educação Física da UFC.

Entende-se que a professora Estrela, em algumas ocasiões, priorizava a parte pedagógica, procurando, na grade curricular do curso, priorizar mais a parte pedagógica e relata assim: “- muitas vezes a professora Estrela puxava para o lado de lá, nas ofertas das disciplinas, é claro. Era preciso ofertar porque tinha ‘nego’ que estava lá só com uma disciplina, precisando preencher.”

Diferente do que muitos anunciavam, criar um curso diferente dos já existentes no Brasil, reafirmava que, na verdade, era para atender a um grupo da faculdade de Educação. A sua fala registra: “- foi pra atender as conveniências de um grupo da FACED, que estava sem disciplinas. Então eles estavam pendurados só com uma, tinham carência, não tinham demanda. A oferta era grande, então eles pra poder ofertar essa disciplina, ter mais uma faculdade ali dentro era melhor.”

Lídio confessa que muitos colegas aderiram à ideia de se agregarem à faculdade de Educação, mesmo entendendo que a FACED não aceitava a prática da Educação Física. Lídio firma, contundentemente, que “a FACED não gostava da prática, não concordava com a prática, devido a vários critérios. Até critérios pessoais entram no meio.”

Lembra-se, ainda, que em função de um telefonema, um professor foi representar o grupo e se posicionou a favor dos professores da faculdade de Educação, se incorporando ao mesmo pensamento da FACED. Nesse processo, alguns professores foram resistentes, inclusive o professor Lídio, que tinha preferência por permanecer no Pici.

Como o movimento estava acelerado e se comentava em deixar a prática como disciplina optativa, acredita-se que essa condição era definitiva para a criação do curso, pois sempre vinha a indagação: o que o grupo iria fazer? Ministrará aulas aonde? Iriam ser lotados aonde? Iriam pra fora da Universidade? Iriam para outro órgão?

Lídio salienta que, em virtude dessas dúvidas, o grupo se conscientizou de que deveria partir para outras realizações, dessa feita na condição de professores de um curso e não, da prática de atividades. Destaca, ainda, que no *Campus* havia uma efervescência de pessoas e atividades e, por conseguinte alguns fatos relevantes aconteciam, por exemplo, a ‘Volta ao *Campus*’, uma prova de corrida com os corredores alunos da UFC saindo da Faculdade de Medicina até o *Campus* do Pici. Essa prova de Atletismo se destacava entre os universitários com muita repercussão, na sociedade e meios de comunicação. Apesar desse evento, o professor Lídio lembra que o referido Reitor, que foi ao *Campus* apenas uma vez, viu o seu filho completar uma corrida em último lugar e com muita dificuldade de respirar, quase passando mal. O professor Lídio acredita que foi em virtude desse quadro, que o Reitor posicionou-se contra a prática de atividade física obrigatória.

Acrescenta Lídio, que o local onde funcionava a prática de Educação Física no *Campus* do Pici não possuía muros e que a comunidade era muito carente, vivendo em favela, e afirma “- era favela mesmo, era desova. A gente vinha à noite pra cá e só via o tiroteio. Aqui matavam as pessoas, jogavam aqui. Era o campo da Base como era chamado antigamente, era o aeroporto da guerra.”

Ressalta-se que, apesar disso, a comunidade era integrada com os professores e o respeito era mútuo, havendo uma integração da universidade com a comunidade. Com isso, os campeonatos de futebol eram realizados em uma harmonia perfeita entre os jogadores, familiares e a coordenação. Destaca Lídio, que a adaptação dos professores era tamanha que se sentiam parte deles, chegando ao ponto do professor andar livremente na favela e jamais ser molestado e alguns moradores chegavam a tomar algumas decisões que valem destaque “Não toca nesse carro, não, que é do professor.”

Esses fatos marcaram muito na memória dos professores que os relataram, chegando-se a ver a emoção no seu semblante. São fatos acontecidos no dia a dia com líderes comunitários, alunos e a comunidade em geral.

Finaliza Lídio, com um ar de satisfação, sobre a atual condição de funcionamento do Campus do Pici e o Curso de Educação Física, mas destaca a forma eficaz com que ajudou e preparou seus alunos:

O curso começou precariamente e o povo todo acomodado. Quando acordaram foi de uma vez e está essa beleza que é hoje. As condições na época que a gente tinha. Eu por exemplo puxando pra minha disciplina que era futebol, eu passei, montaram duas turmas fizeram futebol sem campo, sem aula prática, porque o campo não oferecia condições. A mesma coisa com a quadra, futsal. Teve aluno que tirou primeiro lugar em concurso do Estado. Caíram algumas perguntas do Futsal, até aulas práticas pra ele dar e, ele passou sem nunca ter visto aula prática. Isso antes do curso, porque não tinha quadra e o futebol tinha campo, mas não se usava. Porque o campo não tinha condições. Quando era curso de Educação Física.

4.3 A criação do Curso de Educação Física da UFC

O Projeto de Criação do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará foi encaminhado através da Faculdade de Educação, através de ofício nº. 81/91 de 20 de maio de 1991, assinado pela então Diretora, Professora Emília Martins Velloso. O referido processo teve como relatora a professora Maria Cira de Melo Jorge Barbosa e tramitou na Pró-Reitoria de Graduação, do dia 07/06/91 a 10/11/92. No documento encaminhado ao Magnífico Reitor constava o seguinte teor:

Tenho o prazer de encaminhar a V. Magnificência para as providências cabíveis, o “Projeto de Criação do Curso de Licenciatura em Educação Física” desta Faculdade, bem como o “anexo do Regimento” regulando o referido curso, e documento com as “Condições necessárias à implantação do mesmo”.

Tenho a esclarecer que o referido Curso foi aprovado por unanimidade em Reunião do Conselho Departamental de 13. 05. 91. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1991, p. 2).

O documento esclarecia que, para a criação do curso, toda estrutura disponível, inclusive o corpo docente estava ligado à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, mas com a vinculação à Faculdade de Educação, fazendo-se necessária uma reestruturação administrativa. Dessa forma, o curso iria dispor dos seguintes funcionários já existentes no quadro 1:

Quadro 1 – Funcionários que deveriam constar no curso

Função	Quantidade
Professores	10
Fisioterapeuta	01
Pedagogo	01
Técnicos de esporte	02

Fonte: Universidade Federal do Ceará (1991).

O mesmo documento ressaltava que, em virtude do curso ser implantado gradativamente, seria importante a contratação de mais professores, inclusive quando da criação do Departamento de Educação Física, deveriam ser contratados mais 10 (dez) professores. Naquele momento, a parte estrutural foi destacada como já existente e fundamental para a criação do curso, constando de: complexo esportivo com um prédio central com salas para a secretaria, serviço médico, coordenação, serviços gerais, almoxarifado e copa e, ainda, vestiário masculino e feminino sendo o masculino com 41 chuveiros, 22 sanitários e 10 mictórios, e o feminino com 20 chuveiros, 12 sanitários e 16 lavatórios. Possuía, também um parque aquático com 2 piscinas, com estação de tratamento d'água, sendo um olímpica e outra semiolímpica, um ginásio de esportes em fase de conclusão, com quadra polivalente, nove quadras descobertas, possuindo lance de arquibancadas, uma quadra polivalente descoberta com iluminação, vestiários e arquibancadas com capacidade para 2.000 pessoas (quadra do CEU, Benfica) e, ainda, um parque atlético com pista oficial de atletismo e caixa para saltos, setores para lançamento e arremessos, além de arquibancadas com capacidade para 1.500 pessoas.

A proposta sugeria melhoramentos necessários para o funcionamento do curso, tais como: construção de quatro (4) salas de aula com capacidade cada uma para cinquenta (50) alunos e gabinete para professor, recuperação e melhoria dos campos de futebol, conclusão do ginásio de esportes, recuperação do parque atlético (piso da pista, alambrado, gramado e outras coisas mais), recuperação do parque aquático (alambrado, equipamentos, iluminação e outros), aquisição de material esportivo como: bolas, redes de voleibol e futebol, cronômetros e outros aparelhos; construção de uma área coberta para atividades de recreação, judô, karatê e musculação, construção de um salão adequado para ginástica feminina, recuperação dos vestiários masculino e feminino (parte hidráulica e elétrica); recuperação das quadras descobertas (piso, tabelas e outros problemas); recuperação das instalações da quadra do Clube do Estudante Universitário (CEU) (vestiários e banheiros, hidráulica e elétrica). Para a Faculdade de Educação, local onde o curso também iria funcionar, foram apresentadas sugestões: aquisição de livros didáticos e assinaturas de periódicos da área de Educação Física, a recuperação da quadra de esportes (vestiários e banheiros, parte hidráulica e elétrica e a construção de salas para a chefia do Departamento, Coordenação do Curso, professores e de reunião).

Na perspectiva dos alunos terem de estudar em dois locais, Faculdade de Educação (FACED) e Campus do Pici, o projeto documento também fazia uma observação e apontava solução:

Como existe uma grande distância a separar os diversos Cursos da UFC ao Centro Esportivo do Pici, necessário de faz, ainda, o melhoramento das condições de transporte que facilite o acesso às instalações esportivas. Para tal, sugerimos que seja criado um sistema de transporte de circulação interna no Campus do Pici, favorecendo toda à Comunidade Universitária. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1991, p. 100).

Em virtude de, naquele momento, o quadro docente não ter muita titulação, possuindo apenas um mestre, 06 (seis) especialistas, 02 (dois) graduados e no quadro técnico 3 (três) especialistas e 2 (dois) graduados, foi indicado que se fizesse uma política de qualificação dos docentes e técnicos, sugerindo que fosse criado um curso de Mestrado em Educação Física da UFC e que possibilitasse a entrada de dois professores técnicos por ano e estes participassem do mesmo processo seletivo.

Com relação aos cursos de Especialização, oferecidos pela UFC, se estes fossem da área de interesse da Educação Física, que fosse viabilizada a entrada d, pelo menos, um professor técnico. Caso algum professor desejasse fazer mestrado ou doutorado em outras universidades fora do Estado ou do país, deveriam ter total apoio da Pró-Reitoria de Graduação.

Sobre os encontros, aos professores deveriam ser facilitadas passagens e hospedagens e que fossem ofertados, pela UFC, cursos e seminários de curta duração ofertados pela UFC para reciclagem periódica para professores e técnicos. O referido documento acrescentava que os técnicos deveriam ser liberados para participarem de cursos e seminários dentro de cada especialização e que o departamento deveria elaborar um plano de qualificação do pessoal, a cada dois anos. Sobre a prática obrigatória da Educação Física, o documento não a exclui, ao mesmo tempo em que a contempla com base no texto:

Além da Coordenação de Licenciatura em Educação Física haverá um Coordenador das práticas obrigatórias de Educação Física. O núcleo de Educação Física, identificado com as experiências já existentes na FACED, será responsável pelo desenvolvimento pedagógico da área de Educação Física através de projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, sendo aberto à participação de professores de todos os departamentos da Universidade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1991, p. 7).

Em continuidade ao processo de nº. 6897/91, que dispunha sobre a criação do Curso de Educação Física, encaminhado pela professora Emília Martins Velloso, o Sr. Francisco de Oliveira Carvalho, Assessor o enviou para a Pró-Reitoria de Graduação no dia 03/07/91, com o seguinte teor: “- em cumprimento ao disposto no artigo 46 do regimento Geral da UFC, sugerimos que o presente processo seja submetido à consideração do Sr. Pró-Reitor de Graduação, para estudo e parecer conclusivo sobre a matéria.”

Do mesmo modo, no mesmo dia, o Sr. José Ribamar Pinto Soares, chefe de gabinete da pró-Reitoria assinou com o seguinte despacho: “- De acordo, à Pró-Reitoria de Graduação para providenciar.” No dia 01 de setembro de 1992, o Pró-Reitor de Graduação, Prof. Gil de Aquino Farias encerrou seu parecer sobre a criação do curso que, pela sua importância, gostaríamos de registrar alguns trechos:

As discussões sobre a criação do Curso de Licenciatura em Educação Física tiveram início há mais de 10 anos, quando um grupo de professores que ministra a disciplina Educação Física, procurou o Diretor da Faculdade de Educação, manifestando interesse na criação do curso[...] posteriormente, em 1990, a faculdade de Educação foi procurada com o mesmo objetivo, e na ocasião reuniu o Conselho Departamental de constituiu uma comissão composta de professores, de Educação Física, sob a presidência da professora Maria Estrela Araujo Fernandes e com o apoio da Pró-Reitoria de Graduação. Essa comissão elaborou uma nova proposta direcionada à formação do professor de Educação Física na perspectiva da formação de educador [...] levantamentos feitos em termos de Região Nordeste, indicaram que existem aproximadamente 12 escolas de nível superior em Educação Física, não atendendo às demandas de mercado existentes nesse campo [...] no Estado do Ceará existem dois cursos de Licenciatura, um localizado em Fortaleza pertencente a uma instituição privada e outro no município de Sobral [...] esta proposta, assegura aos futuros professores uma base sólida em Sociologia, Psicologia, Filosofia e História da Educação, que permitirá uma compreensão da educação brasileira e do conhecimento humano[...] existe na Universidade um campo de profissionais com especialização e mestrado em Educação Física com grande potencial para atuar no Curso de Licenciatura em Educação Física [...] o curso oferecerá 04 áreas de aprofundamento, em que o aluno poderá optar por: lazer, recreação, educação física escolar, educação física especial e esportes. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1991, p. 9).

Por solicitação do grupo de professores de Educação Física, lotados na Coordenadoria de Educação Física, do *Campus* do Pici, a professora Fernanda Barroso Beltrão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, PHD pela Universidade de Siracuse, emitiu um parecer que destaca-se, a seguir:

[...] pode-se constatar que a estrutura curricular atende às exigências legais e às normas técnicas e, no que se refere às ementas, apresentamos sugestões relativas às modificações que achamos importante serem efetuadas de tão relevante projeto [...] as questões administrativas receberão apoio de vários Departamentos, centros e Faculdades, tendo sido feita consulta prévia a todos, obtendo resposta satisfatória sobre a colaboração solicitada, conforme constam os ofícios encaminhados pelos Departamentos consultados em quase sua totalidade se dispuseram em colaborar com a implantação do curso. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1991, p. 10).

No dia 29 de outubro de 1992, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), da Universidade Federal do Ceará discutiu e aprovou, por unanimidade o Projeto de Implantação do Curso de Licenciatura em Educação Física, e no dia seguinte com a Resolução No. 39/CEPE, o Reitor vem a comunicar às partes interessadas, baixa a resolução

correspondente e envia para submeter o processo à aprovação do CONSUNI. No seu parecer, o Reitor dispõe:

O Reitor da Universidade Federal do Ceará, no uso de suas atribuições legais e estatutárias e tendo em vista o que deliberou o Conselho de Ensino e Pesquisa e Extensão (CEPE), em sua reunião de 29.10.92, na forma do que dispõe o Art. 3º. da Lei no. 5. 540, de 28 de novembro de 1968, e considerando o que a respeito do assunto prescrevem o Estatuto e Regimento Geral, como também as razões apresentadas em exposição de motivos oriunda do Departamento de teoria e Prática de Ensino da FAGED, resolve: Art. 1º. Aprovar, nos termos da documentação apresentada através do Processo no. 23067. 6487/91-85, o projeto de implantação do CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, a ser ministrado sob a responsabilidade do Departamento de teoria e Prática do Ensino, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Art. 2º. A presente Resolução entrará em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1992a, 13).

A etapa seguinte foi a aprovação do projeto pelo Conselho Universitário (CONSUNI), e assinado pelo Reitor Antonio de Albuquerque Sousa Filho, com o documento tendo o seguinte teor:

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, no uso de suas atribuições legais e estatutárias e tendo em vista o que deliberou o Conselho Universitário, em sua reunião de 03/11/92, na forma do que dispõe o Art. 3º. da Lei no. 5. 540, de 28 de novembro de 1968, e considerando o que a respeito do assunto prescrevem o Estatuto e regimento Geral, como também as razões apresentadas em exposição de motivos oriunda do Departamento de teoria e Prática de Ensino, da faculdade de Educação, Resolve: Art. 1º. Aprovar nos termos da documentação apresentada através do processo no. 23067. 6487/91-85 e do plano aprovado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa e Extensão, na reunião de 29/10/92, a criação do CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA-LICENCIATURA, a ser ministrado sob a responsabilidade do Departamento de teoria e Prática de Ensino, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 1992b, p. 15).

É importante destacar que, pelo ofício de nº. 150/92, de 05 de novembro de 1992, o Reitor da UFC enviou a documentação a Brasília, para o Presidente do Conselho Federal de Educação, Exmo. Sr. professor Manoel Gonçalves Ferreira Filho, informando a criação do Curso de Educação Física e, ainda, os cursos de Graduação em Ciências Atuárias, vinculado à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Mestrado em Enfermagem e de Mestrado em Cirurgia, vinculados ao Centro de Ciências da Saúde e o de Doutorado em Bioquímica, vinculado ao centro de Ciências.

Em consonância com a documentação, foi crido um documento 'provimento' nº. 3, do CONSUNI, ainda no dia 3 de novembro do mesmo ano, que ressaltava, em seus artigos, detalhes importantes sobre o referido curso:

- O diploma de Licenciado em Educação Física se destinará à formação do profissional para trabalhar na Educação Física Formal e Não-Formal.
- O curso será ministrado em duração plena de 300 horas/aula, com integralização de 4 anos e meio e no máximo de 8 anos.
- Para obter o título de licenciatura plena, o aluno teria de cursar 200 créditos, sendo 158 obrigatórios de Formação Geral (Conhecimento Teórico Metodológico de Educação Física, Conhecimento Teórico-Prático de Educação Física e Conhecimento Pedagógico), e 42 créditos optativos, distribuídos pela área de aprofundamento e disciplinas de Conhecimento Complementar.
- Ao concluir uma área de aprofundamento, o aluno poderá prosseguir os estudos em outras áreas, desde que não ultrapasse o período máximo de 8 anos.

Participaram da criação do primeiro documento de integralização curricular os profissionais:

Aldamir de Oliveira Nunes – Técnica em Fisioterapia

Antonio Barroso Lima – Docente

Fernando Antonio Oliveira Marques – Docente

Francisco das Chagas Rodrigues Santos – Docente

Francisco de Assis Francelino Alves – Docente

João Cleiton Albuquerque Pereira – Docente

José Wilson de Farias Couto – Docente

José Raimundo Viana – Técnico em Educação Física

José Roberto Campos de Barros – Médico

Leci de Oliveira Rodrigues – Pedagoga

Lídio Pereira Neto – Docente

Lucia Rejane Pereira de Araujo – Docente

Lucídio Acioly de Pontes Medeiros – Docente

Luiz Tadeu Caminha de Carvalho – Técnico em Educação Física

Walkyria Araújo – Docente

4.4 A primeira integralização curricular do curso de Educação Física da UFC

Como foi citado anteriormente, o curso tinha o objetivo de contemplar quatro áreas do conhecimento: Lazer e Recreação, Educação Física Escolar, Esportes e Educação Física Especial. A distribuição de créditos obrigatórios e optativos nas áreas de aprofundamento seguia a ordem definida no quadro 2:

Quadro 2 – Distribuição de créditos obrigatórios e optativos nas áreas de aprofundamento

Áreas	Créditos Obrigatórios Formação Geral	Créditos Obrigatórios Aprofundamento	Créditos Optativos	Total
1. Lazer e Recreação	158	28	14	200
2. Ed. Física Escolar	158	24	18	200
3. Esportes	158	28	14	200
4. Ed. Física Especial	158	20	22	200

Fonte: Universidade Federal do Ceará (1992d).

A distribuição de créditos para o curso de licenciatura em Educação Física seguia a ordem descrita no quadro 3:

Quadro 3 – Distribuição de créditos para o curso de licenciatura em Educação Física

Corpo de Conhecimento	Créditos	Hora/Aula	%
Formação Geral			
Teórico Metodológico	60	900	30
Teórico Prático	70	1050	35
Pedagógico	28	420	14
Aprofundamento de Conhecimentos			
Lazer e Recreação	28	420	14
Ed. Física Escolar	24	360	12
Esportes	28	420	14
Ed. Física Especial	20	300	10
Complementar			
Lazer e Recreação	14	210	7
Ed. Física Escolar	18	270	9
Esportes	14	210	7
Ed. Física Especial	22	330	11

Fonte: Universidade Federal do Ceará (1992d).

Torna-se importante registrar a forma de distribuição das disciplinas em cada área, incluindo aquelas que foram consideradas como sendo de conhecimento complementar:

No que se refere ao conhecimento Teórico Metodológico de Educação Física

Na área da Filosofia:

Introdução à Filosofia

Epistemologia e Educação Física

Na área da Educação Brasileira:

Educação Brasileira Contemporânea

Tendências da Educação Física

Na área da Sociologia

Introdução à Sociologia

Concepções Sociológicas Aplicadas à Educação Física

Na área da Psicologia

Fundamentos Psicopedagógicos da Educação Física

Na área da Biologia

Biologia Geral Aplicada à Educação Física

Anatomia Humana Aplicada à Educação Física

Fisiologia Humana

Cinesiologia

Prevenção e Primeiros Socorros

Na área da Pesquisa

Introdução à Pesquisa em Educação Física

Na área da Antropologia

Fundamentos Antropológicos de Educação Física

No que se refere ao conhecimento teórico-Prático de Educação Física**Na Cultura Esportiva**

Metodologia das Habilidades Motoras Básicas

Metodologia das habilidades Esportivas I

Metodologia das habilidades Esportivas II

Metodologia das habilidades Esportivas III

Metodologia das habilidades Esportivas IV

Metodologia das habilidades Esportivas V

Fisiologia do Exercício I

Organização e Legislação Esportiva

Motricidade Humana

Rítmica I

Abordagem Corporal

Desenvolvimento e Aprendizagem Motora

Teoria da Motricidade Humana

Projetos Especiais

Projeto Especial I

Projeto Especial II

Projeto Especial III

No que se refere as Disciplinas do Corpo de Conhecimento Pedagógico**Na área da Psicologia da Educação**

Psicologia da Educação I

Psicologia da Educação II

Estrutura e Funcionamento do Ensino

Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º. e 2º. Graus

Organização Social do Trabalho Educativo

Na área da Didática

Didática Geral

Didática Aplicada à Educação Física

Estágio Supervisionado

Estágio Supervisionado I

Disciplinas do Corpo de Conhecimento das Áreas de Aprofundamento**Na área de Lazer e Recreação**

Lazer e Ideologia

Educação Física para a Infância

Educação Física para o Adolescente e o Adulto

Educação Física para a Terceira Idade

Recreação e Lazer

Folclore e Cultura Popular

Estágio Supervisionado II

Na área da Educação Física Escolar

Educação Física em Creches e na Pré-Escola

Psicomotricidade

Educação Física no 1º. Grau

Educação Física no 2º. Grau

Esporte Escolar

Estágio Supervisionado II

Na área de Esportes

Treinamento Esportivo

O Ensino do Atletismo I

O Ensino da Natação I

O Ensino do Futebol I

O Ensino do Futebol de Salão I

O Ensino do Basquetebol I

O Ensino do Handebol I

O Ensino do Voleibol I

O Ensino do Judô I

O Ensino do Karatê I

O Ensino da Capoeira I

O Ensino da Dança I

O Ensino da Ginástica I

Estágio Supervisionado II

Na área da Educação Física Especial

Introdução à Educação Física Especial

Educação Física Especial

Educação Física para o Deficiente I

Educação Física para o Deficiente II

Estágio Supervisionado II

Disciplinas do Corpo de Conhecimento Complementar

Na área da Filosofia da Educação

Filosofia da Educação I

Na área da Educação Brasileira

Educação no Ceará

Educação Popular

Educação e Movimentos Sociais

Política Educacional no Brasil

Evolução do Movimento Ginástico

Na área da Psicologia

Fundamentos Psicogenéticos da Educação

Terapias Corporais

Psicomotricidade

Na área da Biologia

Nutrição e Atividade Física

Na área da Pesquisa

Pesquisa em Educação Física

Estatística Aplicada à Educação Física

Na área da Antropologia

Antropologia e Educação Física

Na área da Pedagogia

Avaliação em Educação Física

Informática na Educação Física

Currículos e Programas

Na área de Aprofundamento

Educação Física no 3º. Grau

Arte e Educação Física

Educação Física para Comunidades

Educação Física Preventiva e Reabilitação

Fisiologia do Exercício II

Treinamento Esportivo II

O Ensino do Atletismo II

O Ensino da Natação II

O Ensino do Futebol II

O Ensino do Futebol de Salão II

O Ensino do Basquetebol II

O Ensino do Basquetebol II

O Ensino do Handebol II

O Ensino do Voleibol II

O Ensino do Judô II

O Ensino do Karatê II

O Ensino da Capoeira II

O Ensino da Dança II

O Ensino da Ginástica II

O Ensino da Ginástica III

O Ensino da Musculação

O Ensino do Xadrez

Rítmica II

5 O CURSO DA CADES E A SUFICIÊNCIA: FORMAÇÃO TÉCNICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

5.1 Os professores de Educação Física e a legalidade da profissão

Enfocar no trabalho o Curso de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Secundário (CADES) retrata um percurso histórico em que a Educação Física vivenciava momentos de enfoque na aptidão física, nos esportes, no desenvolvimento do físico e da eugenia e possibilitava àqueles que o concluíam uma oportunidade de ensinarem em escolas. Foram momentos após a lei 4.024 de dezembro de 1961, na gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação do Governo de Getúlio Vargas. De acordo com o Parecer nº. 221/65 do Conselho Federal de Educação e a Portaria Ministerial no. 211 de 18/08/65, esse curso poderia acontecer em Estados brasileiros, no caso específico, aconteceu no Ceará e no Recife, no ano de 1968.

Quanto ao curso na cidade do Recife, cinco professores de Fortaleza o concluíram: Benjamin Moreira de Souza, ex-atleta e técnico de Basquetebol, Helena Coelis Bonfim Lopes, professora de Ballet, José Leorne Nogueira, técnico de Handebol, que foi vice-diretor e Diretor de Escola Pública Estadual, sendo, atualmente, o mais antigo diretor em exercício ininterrupto do Sindicato APEOC, perfazendo 42 anos de atividades registrados em carteira de sócio efetivo, Paulo Cesar de Araujo Carvalho, professor de Handebol e professor da Universidade Estadual do Piauí e Roberto Lopes Bastos, ex-atleta de basquete do Náutico Atlético Cearense, posteriormente técnico do mesmo clube e da seleção cearense.

Afirma o professor Leorne que o curso realizado em Recife, no ano de 1968, foi muito bom e de excelente aprendizado. Para destacar algumas das particularidades de como foi a formação do professor de Educação Física por meio desses cursos e, antes da chegada da Universidade de Fortaleza, recorreu-se ao depoimento do professor Francisco Carlos Siqueira Campos, um dos partícipes do curso dessa natureza realizado em Fortaleza, que amparavam por lei a inserção daquele que, ao fazê-lo, se tornava professor e estaria apto a ensinar em instituições de ensino particular e oficial.

Ressalta-se que o professor citado desempenhou suas atividades docentes no Colégio Estadual João Nogueira Jucá, hoje, Colégio Estadual Padre José Nilson, localizado à Rua Frei Mansueto, bairro Mucuripe, na Escola Técnica Federal do Ceará, à Avenida 13 de Maio, no bairro Benfica e na Secretaria de Educação do Estado do Ceará, localizada no bairro

do Cambé. Como forma de melhor entendimento, passaremos ao detalhamento das etapas desse processo.

O entrevistado destaca que, antes do curso da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) ser realizado em Fortaleza, apenas os militares podiam ministrar aula de Educação Física. Esses tinham muito prestígio e afirma: “só eles, nós não tínhamos vez, não. Quem dava aula eram os cabos, sargentos e outros militares.”.

Perguntado os motivos que o levaram a se definir pela Educação Física, acrescentou que era aluno da Escola Técnica e que jogava muito bem futebol e, nas aulas de Educação Física, ministradas pelo professor João Lima dos Santos, chegava a se destacar:

Eu jogava futebol e aluno da Escola Técnica e, era muito jeitoso nas aulas de Educação Física que era com o professor João Lima dos Santos. Aí, o professor me viu e quando eu terminei e ele disse: rapaz você vai ficar trabalhando comigo. Só que eu já ia pra outra empresa, a ANCAR. Aí o papai disse: não, meu filho fique aqui mesmo, porque o papai era de lá. Aí, eu fiquei trabalhando por lá. Mas, eu não tinha formação nenhuma. A minha formação era vendo o Lima dar aula e, ia pegando aqueles macetezinho e, ia dando, porque nós não tínhamos aqui.

Assinala, o professor Campos, que o primeiro curso de Educação Física intensivo a ser realizado teve início com a chegada a Fortaleza de um professor de nome Romualdo Vichnevski, que já tinha feito curso na Alemanha e veio desempenhar a função de preparador físico do América Futebol Clube, localizado à Rua Rodrigues Junior, antigo bairro da aldeota, e, atualmente, centro. Fato a destacar é que o América se sagrou campeão cearense de futebol no ano de 1966. O referido professor se manifestou favorável à criação de um curso de Educação Física em Fortaleza, e recebeu apoio do teatrólogo B. de Paiva que também pertencia à Secretaria de Cultura do Estado. A seguir, foi falar com Virgílio Távora,¹⁸ e através de apoio político conseguiu trazer esse curso de Educação Física para nossa capital. Aqui, gostaríamos de fazer um recorte histórico para focar um pouco da vida do político e cidadão cearense que se notabilizou por suas corajosas iniciativas e, ainda, reviver através de notícias alguns momentos dos anos de 1965.

O coronel Virgílio de Moraes Fernandes Távora governou o Ceará, de 25 de março de 1963 a 12 de agosto de 1966, teve como Prefeito o Coronel Murilo Borges. Virgílio nasceu em Jaguaribe–Mirim, atualmente, Jaguaribe, no Ceará, em 29 de Novembro de 1919 e faleceu em São Paulo em 03 de junho de 1988. Era sobrinho do militar e também político Juarez Távora e, assim como seu tio, ingressou na Escola Militar do Realengo, na cidade do

¹⁸Virgílio Távora = Coronel do Exército. Após ir para a reserva foi um político atuante pelo Estado do Ceará. Foi Governador e Senador da República. Através de suas ações administrativas e decisões políticas contribuiu sobremaneira para o progresso do Estado.

Rio de Janeiro, em 1938. Além da sua participação na fileiras do Exército Brasileiro, cursou as Escolas do Estado Maior e Superior de Guerra. Chegou ao posto de coronel, no ano de 1960. Na política foi eleito Deputado Federal pela União Democrática Nacional (UDN), por duas vezes, em 1950 e 1954. Fez oposição ao presidente Juscelino Kubitschek, quando fazia parte da Diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital de 1959 a 1961. Foi membro do Conselho Nacional do Serviço Social Rural e Ministro dos Transportes no gabinete parlamentarista de Tancredo Neves, quando deixou o cargo para as disputas ao cargo de governador do Ceará. A chamada ‘União pelo Ceará’ foi preponderante na sedimentação das bases da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), no Estado, reunindo os membros da UDN e Partido Social Democrático (PSD). Um dos maiores benefícios que trouxe para o Estado foi a chegada da Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso, contribuindo com a ampliação da produção de grãos e a industrialização do Ceará que se concretizou com a implantação do Distrito Industrial. O seu governo ficou caracterizado pela marca do chamado Plano de Metas do Governo (PLAMEG).

Durante o período do Governo Militar, dominou a política cearense juntamente com os Coronéis César Cals de Oliveira e Aduino Bezerra, quando foi eleito senador em 1970 e indicado a governador do Estado do Ceará, pelo Presidente Ernesto Geisel, em 1978, sendo, também, eleito mais uma vez para o Senado em 1982.

Afirma o professor Francisco Carlos que esse primeiro curso realizado em Fortaleza, foi o melhor curso que já aconteceu. Ele foi realizado de 02 de janeiro a 30 de março de 1965, perfazendo 90 dias com aulas diárias, nos períodos da manhã e tarde. A cada final de disciplina havia uma prova prática na hora. Cita, ainda, um fato inusitado: ele conseguiu fazer uma cesta no basquetebol e o mesmo não aconteceu com Roberto Bastos que era considerado um astro da modalidade em Fortaleza. Ressalta, ainda, que:

Esse primeiro curso foi no Colégio Militar. Muita gente fez, o Toni Magalhães, o capitão Virgílio, o capitão Marcondes. Vieram bem 20 ou 30 da Polícia, o de ‘suficiência’.

Vinha um professor para dar Ginástica Acrobática, Ginástica Sueca, Calistenia e os esportes Voleibol, Basquete, Handebol. Só era professor cobra, do Rio de Janeiro. O Moacir Daiuto, o Eduardo Barreira que dava o Atletismo, ele era o coordenador, era tudo. O professor de Anatomia era o Coronel Gerson, pai do Paulinho e do Sérgio, da Odontologia e o de Psicologia era o Dr. Luiz Coelho de Carvalho, que era da Escola Técnica, diretor do Náutico, depois foi ser Delegado. Tinha também Primeiros Socorros. O futebol quem deu foi o Monteirão, ele era sargento do Colégio Militar, era árbitro de futebol e tinha o curso de monitor do Exército na Escola de Educação Física do Exército.

Ainda no ano de 1965, o jornal Unitário destacou algumas matérias que fizeram voltar um pouco na história e, num passado recente, consumir o néctar da doçura da memória, ratificando o que se chama de primordial para regozijar o *ego*.

Assim, pode-se transcrever que na quinta-feira, dia 07 de janeiro, o Governador Virgílio Távora, acompanhado do Prefeito de Fortaleza, Coronel Murilo Borges, visitaram o local onde seria construído o Ginásio Coberto de Fortaleza, atualmente, Ginásio Coberto Paulo Sarasate. Estiveram presentes outras autoridades como: Dr. Nilo Sampaio, Presidente do Conselho Municipal de Assistência ao Desporto (CMADA), Dr. Luiz Coelho de Carvalho, Presidente da Federação Cearense de Basquetebol, Sr. Rui Mendonça, da Federação Cearense de Voleibol e os Professores João Lima dos Santos e Romualdo.

O mesmo jornal anunciava, em sua primeira página, no dia 09 de janeiro, que no dia anterior, às 10 horas, no Auditório da Universidade do Ceará, o Reitor Antonio Martins Filho, assinava convênio com a Sociedade de Assistência Maternidade Escola (SAMEAC), pelo qual a entidade receberia uma doação de 200 milhões de cruzeiros. De acordo com a notícia, os recursos assegurariam o atendimento da maternidade aos fortalezenses. Gostaríamos de destacar algumas personalidades cearenses que prestigiaram o evento: Vice-Reitor Renato Braga, Dr. Manuel Eduardo Pinheiro Campos, Presidente da SAMEAC, Dr. Galba Araújo, diretor médico da maternidade Escola, Dr. Antonio Carlos Campos de Oliveira, Secretário da SAMEAC, Dr. Walter de Moura Cantídio e o Professor Ocelo Pinheiro, diretor da Faculdade de Medicina.

No mesmo dia 08, na cidade do Rio de Janeiro, o Ministro da Guerra do Governo, do Presidente cearense Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, assegurava que o País poderia contar com a realização de eleições no ano de 1966. Dizia, ainda, que o Governo nada afirmou em contrário sobre as eleições presidenciais. Vale destacar que esse comentário foi em função de que o Brasil estava sendo governado por um regime ditatorial.

Noutro destaque o jornal Unitário divulgou a posse do escritor Eduardo Pinheiro Campos na presidência da Academia Cearense de Letras, em substituição ao seu antecessor Reitor Antonio Martins Filho. Essa posse foi prestigiada pelo Governador Virgílio Távora. Em seu discurso o Presidente anunciou que reivindicaria, no início do mesmo ano, as obras de construção do Palácio da Cultura.

No mês de janeiro, o Presidente da república Castelo Branco, por meio de decreto, regulamentou a lei que instituiu o salário educação, a partir de dezembro de 1964. Mas no dia 16 do mesmo mês, às 16 horas, foi inaugurada oficialmente a Maternidade Escola Assis Chateaubriand, com uma solenidade que contou com a presença do Reitor Martins Filho e

outras autoridades. Naquela oportunidade foram apresentadas, aos presentes, as senhoras que integravam a entidade ‘Vigilantes Sociais’, que era composta por senhoras da sociedade de Fortaleza, e responsável pelo trabalho de assistência espiritual às parturientes. Fazendo parte daquele projeto inicial, cinco Irmãs da Ordem Canadense, técnicas em enfermagem e administração hospitalar estariam chegando a Fortaleza no mês seguinte.

Vale ressaltar que, no dia anterior, a Maternidade Assis Chateaubriand já tinha iniciado o seu trabalho, quando nasceu a primeira criança. Tratava-se de uma menina, filha do casal Paulo Furtado dos Santos e Maria Cardoso dos Santos, residente no bairro Bela Vista.

Outra manchete de relevância no ano de 1965, momento ditatorial, foi a afirmação do Presidente Castelo Branco no Clube Militar do Rio de Janeiro, que não continuaria no Governo após o término do seu mandato e foi incisivo “não permitirei minha reeleição, nem outra prorrogação do meu mandato.” Após essa afirmativa o Presidente da UDN de Pernambuco, Senhor Lael Sampaio, representando o Senhor Carlos Lacerda, como paraninfo dos concludentes do Ginásio Alberto Soares, em Salgueiro, declarou que “Carlos Lacerda será Presidente em 1967.”

Ainda no ano de 1965, o jornal Unitário anunciava que tudo estava pronto para a posse de Lyndon B. Johnson à Presidência dos Estados Unidos, em conjunto com o seu vice-Presidente Hubert Humphrey, cuja posse tinha solenidade prevista para uma quarta feira, dia 20 de janeiro, com previsão de 500 mil a 1 milhão de pessoas assistindo ao desfile na Avenida Pensilvânia. No mesmo mês, em 31 de janeiro, às 10h30m, o Presidente da República o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco veio a Fortaleza para a solenidade de inauguração da turbina geradora da Energia de Paulo Afonso ao Estado, acontecida na Praça de Otávio Bonfim. Como parte da solenidade, o Governador Virgílio Távora, em seu discurso, acrescentou que “estava se concretizando um sonho e o fim de uma batalha que honrosamente o Estado estava ganhando.”

Em mais uma ação do Serviço Social da Prefeitura, o Prefeito Murilo Borges fez a entrega de 40 máquinas de costura a pessoas pobres dos bairros periféricos de Fortaleza, prometendo entregar mais 200 no dia 31 de março. Outra atividade dessa natureza foi a chegada de São Paulo de 500 bicicletas da marca Monark, adquiridas para revenda aos funcionários da Prefeitura, a preço de custo.

Na mesma data, a Prefeitura, em parceria com Móveis de Aço Ângelo Figueiredo, inaugurava, na Praça José de Alencar, um abrigo de proteção de 80 metros com promessa de mais outros de até 100 metros, em substituição aos de madeira já existentes. Outras duas manchetes chamaram a atenção: a primeira foi a decretação da falência da *Panair*,

conceituada empresa de aviação que fez parte da história transportando grandes personalidades, a segunda referia a morte, na cidade da Califórnia, Estados Unidos, do grande cantor Nat King Cole.

Voltando às atividades em Educação Física, depois do primeiro curso, aconteceram outros em Fortaleza, denominados de aperfeiçoamento destacando as modalidades esportivas: futebol, voleibol, basquetebol, atletismo e outros.

No decorrer do tempo os alunos concludentes desse primeiro curso, que teve a duração de 90 dias, solicitaram ao professor Gotardo que foi um dos apoiadores à realização do mesmo, para que conseguisse um reconhecimento do Ministério, objetivando que ele tivesse equivalência a um curso da CADES. Entretanto, apesar de sua esposa, Lena, também ter participado do curso e do professor Romualdo ter pedido apoio a esse intento, ao Governador Virgílio Távora, essa solicitação se tornou impossível de se concretizar.

Sobre o fato declara o entrevistado:

Quando nós terminamos esse curso, aí nós falamos com o Gotardo para ver se ele registrava esse curso como se fosse um curso da CADES. Aí o Romualdo disse: é mesmo, a Lena esposa dele fez também. Aí o Romualdo falou com o Virgílio Távora, pegou os documentos levou para o Rio e não conseguiu não, o negócio era muito sério.

5.2 A chegada do curso da CADES

A solução encontrada para o problema foi realmente a tentativa de trazer um curso oficial da CADES para Fortaleza. Para o Estado ser contemplado com tal solicitação deveria seguir os seguintes trâmites: inicialmente oficializava o pedido, em seguida, o Ministério mandava fazer uma vistoria para averiguar as necessidades e condições, para depois fazer acontecer o curso. No caso específico, a influência política de Virgílio Távora também foi muito determinante.

Com o cumprimento de tais exigências, agregado ao pedido político de Virgílio Távora, o curso foi realizado na Escola de Aprendizes Marinheiros, com a duração de um (1) mês, mas conforme o entrevistado, deixando a desejar em relação ao primeiro que durou 90 dias, tendo uma maior carga horária, além de que os professores não possuem a mesma qualificação daqueles que ministraram aulas no primeiro curso. Afirma Campos, que suas abordagens didáticas eram diferentes e não contemplavam a contento nossos anseios.

Segundo o professor Francisco Carlos Siqueira Campos ao terminar o Curso da CADES, o concludente tinha o direito de ensinar, era considerado como se formado fosse:

Você só não era formado, mas você era igual a um formado. Formado podia fazer curso de pós - graduação, mas esse daí você não podia fazer não. Você ficava aí mesmo, você era professor do Ensino Secundário. Você não podia fazer uma pós-graduação, um mestrado. Você ficava ali.

Fotografia 4 – Registro Profissional da CADES dos Professores Francisco Carlos Siqueira Campos e José Leorne Nogueira



Fonte: Arquivo Pessoal do Prof. Francisco Carlos Siqueira Campos e Arquivo Pessoal do Prof. José Leorne Nogueira.

Naquele momento da história da Educação Física do Ceará, apenas três professores possuíam o curso da Escola Nacional de Educação Física, considerada de nível superior: José Eduardo Gomes Barreira, Walkíria Araújo e Carlos Abdorilo Barros Lima.

Apesar de muitos professores serem considerados aptos a lecionarem, por possuírem o Curso da CADES, passar a integrar efetivamente o corpo docente de escolas oficiais só seria admissível após prestar concurso público. Mas já havia, àquela época, a condição de professor temporário para aqueles que já tinham concluído o curso da CADES, mas ainda não haviam prestado concurso público, ou seja, podiam lecionar em escolas.

Quanto à forma de ingresso nos cursos, o processo era através de inscrição voluntária ou indicação, com a participação de pessoas da capital e interior. Antes do início das atividades, o candidato era entrevistado pelo professor José Eduardo Gomes Barreira, diretor da Seccional do MEC em Fortaleza, que decidiria se o candidato poderia, ou não, fazer o curso, conforme afirmação do professor Francisco Carlos Siqueira Campos:

Qualquer pessoa podia. Você ia lá, falava com o Eduardo Barreira. O Eduardo fazia uma entrevista com você, perguntava porque você queria fazer. Rapaz porque você quer fazer, você ta gostando. Não é porque eu fui atleta, aí pronto. Vinha gente do interior. Muita gente do interior, mas vinha e voltava.

Nessa entrevista com o professor José Eduardo Barreira, que era inspetor da Seccional do MEC no Ceará, este perguntava as razões de o candidato optar pelo concurso e se iria precisar do concurso e se gostava mesmo da Educação Física e de ser professor. Caso positivo, passaria, então, à fase seguinte, a realização da prova escrita. Isso porque tinha um número limitado de 60 vagas e se inscreveram 120 candidatos, entre os quais muitos eram dos quartéis: “- tinha se inscrito o pessoal todo do quartel. Depois fizeram o concurso do Estado, quiseram assumir, mas depois deu confusão.”

6 A UNIVERSIDADE DE FORTALEZA: POSSIBILIDADE DE REALIZAR SONHOS

6.1 O início da construção

Neste capítulo enfoca-se a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), primeira instituição de ensino superior particular fundada no Estado Ceará, colocando-se uma condição psíquica de dualidade de pensamento, ora quando se tem que investigar os fatos e narrá-los, ora quando, a cada momento dessa realidade, volta-se a vivenciar momentos dessa história em que se tem uma parcela de participação, além de uma grande afetividade, uma vez quês e teve a oportunidade de ser aluno do Curso de Educação Física da UNIFOR, tendo ingressado através de exame vestibular no ano de 1973 e concluído os estudos em julho de 1976, fase da qual se recordam fatos muito significativos, dos momentos vivenciados ao longo da estada nessa instituição, que perpassam desde o exame de vestibular, sendo realizado no Centro de Convenções, tido como uma das maiores obras governamentais da época.

Lembra-se que, para ser aprovado, o candidato era obrigado a lograr êxito na prova escrita e na prova prática de corrida, tendo que cumprir um percurso mínimo de 2.400m em 12 minutos, enquanto as mulheres deveriam correr 1.800m. Em seguida, havia mais duas provas, a primeira de natação com o candidato tendo de nadar 25 metros, prova realizada no Colégio Militar e a segunda, uma prova de rítmica que acontecia em uma sala de aula, com a seguinte dinâmica: a professora colocava uma música e o candidato tinha de acompanhá-la, obedecendo ao compasso correto do ritmo, executando movimentos de braços, pernas e corpo.

Quanto ao início das atividades letivas, outras lembranças fluem de forma saudosista, a começar pelo percurso de nossa residência até a Universidade, quando no final da Avenida Antonio Sales, sentido centro-praia, apenas existia uma pista muito simples e estreita, ocultando o antigo lugar chamado de ‘salinas’, ponto de coleta dos postos de exploração de sal.

Em função de muitos alunos terem a necessidade de apanhar ônibus, a única empresa a fazer esse trajeto era a Cialtra, ônibus que podia ser identificado a longa distância pela sua cor alaranjada, cujos proprietários eram os senhores Armando e seu sócio Caetano Bayma, que chegou a ser Presidente do Ferroviário Atlético Clube, time pertencente à primeira divisão do futebol cearense àquela época.

As salas de aula, todas arejadas, havia ‘cambogós’¹⁹ nas laterais das paredes pintados de branco, por onde circulava o vento. Separados por colunas de concreto, pintadas da cor de cimento. No centro da sala havia uma mesa para o professor, além do quadro verde para apontamentos. No teto, três ventiladores equidistantes, simetricamente localizados no prolongamento da sala. Como instrumento de auxílio às aulas, os professores utilizavam retroprojetores, atualmente substituídos por *data-show*.

Recorda-se que a maioria das aulas práticas de ginástica aconteciam em uma quadra descoberta, da qual, costumeiramente, viam-se, muito próximos, alguns aviões vindos do aero clube para treinamento naquela área. As aulas práticas de natação aconteciam no BNB-Clube e sempre os deslocamentos para aquela sede se davam após a primeira aula, que acontecida na própria universidade.

Esse trajeto era feito de ônibus, ou com os demais colegas de melhores condições financeiras que o faziam de carro. As aulas de atletismo aconteciam numa pista de areia no próprio *campus*. Um fato chamava a atenção dos estudantes: vez ou outra o chanceler Edson Queiroz, idealizador da Universidade, estacionava o seu carro ‘Gálixie’ branco em um canto do estacionamento do *Campus* e vinha conversar com alguns alunos próximos à pista. São algumas lembranças que merecem registro, enquanto outros enfoques podem ser acrescentados e destacados, quando necessário.

É importante, também, fazer um recorte histórico, com base em alguns tópicos que emergiram no depoimento concedido pelo professor José Eduardo Gomes Barreira, primeiro coordenador do Curso de Educação Física daquela Instituição de Ensino Superior.

Conforme o professor, em meados de 1971, a imprensa já comentava que o empresário cearense Edson Queiroz tencionava criar uma instituição de Ensino Superior, em Fortaleza e a equipe já estaria se reunindo para agregar sugestões, sob a coordenação do próprio idealizador. E acrescenta:

[...] Um belo dia, recebi o convite do Dr. Luiz de França (dono do pronto socorro infantil) e ele me disse: Zé, o Edson está querendo conversar com você à respeito da intenção que ele quer botar uma universidade...vá conversar com ele, no Edifício Butano, na Major Facundo [...] eu fui, ele já me conhecia de vista ,e, eu a ele...ele entrou logo no assunto, perguntou qual era meu interesse, eu disse, interesse eu tenho bastante e porque esse curso...porque a insuficiência de professores aqui é muito , quase não existe” ...ele perguntou se eu me dispunha a trabalhar, que ele estava construindo um grupo de colaboradores para a elaboração do projeto da Universidade.

¹⁹Cambogó: espécie de janela feita de cimento ou argila com furos, usado para melhorar a circulação de ar no interior do ambiente.

Vale ressaltar que a Universidade de Fortaleza foi declarada entidade de utilidade pública pela Lei Municipal 3.865 de 03 de maio de 1971, pela Lei Estadual 945 de 26 de maio do mesmo ano e, finalmente pelo Decreto Federal 86.871, de 25 de janeiro de 1982.

De acordo com o Jornal Tribuna do Ceará, do dia 24 de março de 71, o primeiro vestibular da Universidade de Fortaleza estaria marcado para o ano seguinte, conforme o texto:

O primeiro vestibular da Universidade de Fortaleza, da Fundação Edson Queiroz, será realizado em janeiro de 72, segundo informação do Deputado Bezerra de Melo, reitor da Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo.

Bezerra de Melo afirmou, entretanto, que tudo está na dependência do processo de instalação da Universidade vir a ser aprovado no Conselho Federal de Educação. O número de vagas, inclusive, já foi fixado, com Engenharia que terá 6 cursos, ficando com o maior número: cerca de 300 vagas.

Em seu primeiro ano de funcionamento, a Universidade de Fortaleza terá as seguintes unidades: Faculdade de Medicina, Escola de Educação Física, uma inovação Administração, Engenharia, com uma lista de 6 cursos, para o primeiro ano, de 800 vagas. (UNIVERSIDADE..., 1971, p. 4).

Havia também muitas especulações em torno do nome apontado para ser o primeiro Reitor da Universidade de Fortaleza. Mais uma vez, na mesma data da matéria anterior, o Jornal Tribuna do Ceará divulgou que o ex-Prefeito de Fortaleza, José Walter Barbosa Cavalcante, na função de primeiro Reitor viajaria para a Alemanha, depois para os Estados Unidos com o objetivo de escolher *in loco* o material medicocirúrgico para a futura Faculdade de medicina. O médico Luis de França, já teria sido escolhido vice-Reitor e viajaria a São Paulo para inteirar-se de aspectos administrativos da Universidade.

Naquele momento, o local do *Campus* da universidade ainda não estava definido da geografia urbana de Fortaleza, mas havia possibilidades de que sua localização fosse no bairro da Aldeota, próximo à cidade 2.000. Os outros locais em vista eram os bairros da Messejana e da Barra do Ceará.

Foi divulgado, ainda no jornal Tribuna do Ceará em 15 de setembro de 71, que o Sr. Edson Queiroz convidou cerca de 100 pessoas do mundo empresarial, do mercado de capitais e jornalistas, do Rio de Janeiro e São Paulo para visitar o Ceará. Todos viajaram em avião especial da Varig que desembarcou em Fortaleza, na terça-feira, às 13 horas. Após o desembarque, os convidados seguiram em três ônibus para visitarem as 11 empresas do Grupo Edson Queiroz. Na oportunidade, as ações da Norte Gás Butano S/A ingressavam nas Bolsas de valores do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em seguida, a comitiva seguiu para o local em que foi lançada a pedra fundamental da UNIFOR.

É importante citar alguns nomes da comitiva que vieram à Fortaleza: José Luis Moreira de Souza, presidente da Fator Decred, Francisco Pinto, presidente do Banco Halles, Luiz Cabral Menezes, presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Vicente Caravello e Hugo Caetano de Almeida, respectivamente vice-presidente e superintendente da Bolsa de Valores do Rio, Marcelo Leite Barbosa, João Alberto Leite Barbosa, Francisco Basílio (Manchete), Carlos Alberto Wanderlei (Jornal do Brasil), Sergio Ribeiro, diretor do Banco de Investimentos do Brasil, representantes dos Grupos Denasa, Ipiranga, Banorte, Rique, Comércio e Indústria de Minas Gerais, São Paulo-Minas, Aplitec, Corretoras Codigra, Barros Jordão e Ney Carvalho, dentre outros convidados.

Sobre o envio para aprovação da primeira documentação, o professor Miranda (1998, p. 127), registra:

Em 04 de julho de 1972 a Fundação Educacional Edson Queiroz recebeu o parecer dos processos no. 644/72 da Câmara do Ensino Superior e no. 682/72 do Conselho Federal de Educação, que requeriam autorização para funcionamento. O parecer do relator foi contrário, aprovado pelo Conselho de Ensino Superior Universitário - CESU e pelo Conselho Federal de Educação - CFE, mas com um prazo de 60 dias para responder aos pontos questionados pelo relator.

A Universidade de Fortaleza recebeu autorização para funcionar pelo Decreto nº. 71.655, de 04 de janeiro de 1973, publicado no Diário Oficial da União de 05 de janeiro de 1973, tendo sido realizado o primeiro vestibular no dia 17 de fevereiro do mesmo ano.

Esse fato gerou muitas especulações e admiração, em função de ser, a Universidade de Fortaleza, a primeira instituição de ensino superior do nordeste, a receber autorização a funcionar na sua totalidade, ou seja, iniciando com 17 cursos.

Vale registrar que o projeto teve início a 1º. de abril de 1972, sob o título 'Uma Universidade para o Nordeste'(MIRANDA, 1998, p. 132). Segundo Miranda, a ideia do Sr. Edson Queiroz era criar uma universidade cujo projeto se constituía com base em pesquisa da própria Secretaria de Educação, tendo como base a situação do ensino de 1º. e 2º. Graus (atualmente, ensinos Fundamental e Médio), além de análise estatística da Universidade Federal do Ceará. Esses dados impulsionaram à criação de cursos para atender à demanda necessária nas áreas de: Engenharia, Economia, Administração, Contabilidade, Odontologia e Medicina. Acoplado ao mesmo projeto, vinha, ainda, o objetivo da criação de cursos de curta duração, com possibilidade de formar professores para atuarem no 1º. e 2º. Graus que, entende-se, seriam cursos de Licenciatura em todas as áreas, mas essa ideia não veio a se concretizar.

Enquanto esses fatos se desenrolavam, outros acontecimentos se desencadeavam em paralelo. Para tanto, faz-se esse registro, na perspectiva de oportunizar um resgate da memória. Assim, no ano de 1973 o Jornal ‘O POVO’ destacava as seguintes manchetes:

Brasil manterá, em 73, o mesmo ritmo de expansão;
 Índice de inflação motiva a 1ª. exoneração da SUNAB. O Presidente da República exonera ex-ofício o General Glauco Carvalho;
 No Ceará, Fialho quer mais eficiência com recursos próprios em 73;
 Chega esta semana o avião da chuva;
 Governo vai conhecer problemas da Ibiapaba;
 Morre em Araruama-RJ o engenheiro José Brás Araripe, inventor do Hidramático;
 Construção da Avenida José bastos começará na próxima semana;
 A meta do MOBREAL é 5 milhões em 73. O país alfabetizará cerca de 5 milhões de adultos de 14 a 35 anos;
 Ceará oferece melhores condições para refinaria;
 Nova Sede do DNOCS estará pronta em maio;
 Unifor e Sudec firmarão convênio para pesquisas;
 Bispos aprovam a reabertura do Seminário da Prainha;
 Até 1975 a UFC estará no Pici;
 Morre Johnson, 36º. Presidente dos Estados Unidos: Lyndon B. Johnson aos 64 anos;
 Médice anuncia dois milhões de casas populares;
 Passarinho é pela reabertura dos diretórios. (JORNAL O POVO, 1973).

Em meio a esses acontecimentos marcantes para o Ceará, a Universidade de Fortaleza recebeu a visita do Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, que compareceu à solenidade de inauguração dos cursos, realizada no dia 21 de março de 1973, mas as atividades do ano letivo tiveram início, apenas, no dia 26 de março daquele ano.

6.2 A formação da equipe pedagógica e o espaço físico

Os trabalhos e reuniões com os grupos que organizariam a universidade e os projetos dos cursos começaram a acontecer no sexto andar do edifício Butano, situado à Rua Major Facundo, centro de Fortaleza, aos sábados pela manhã, contando, inclusive, com a

presença de pessoas influentes da época que merecem registro: José Walter Cavalcante (ex-prefeito de Fortaleza e acabara de deixar a prefeitura), Antonio Carlos Machado, Carlos D'Alge, Epitácio Quezado Cruz, Francisco de Assis Fernandes Bastos, Francisco Nelson Chaves, Francisco Silva Cavalcante, Godofredo de Castro Filho, José Dilson Vasconcelos de Meneses, José de Oliveira Melo, Major José Raimundo Gondim, José Ubirajara Alves, José Wilson de Alencar, José Eduardo Gomes Barreira, Dr. Luiz França, Luciano Arruda, Luiz Sergio Gadelha Vieira, Maria da Glória Façanha, Newton Jacques Studart, Paulo Elpídio de Meneses Neto, Paulo Augusto Campos Moraes, João Francisco Padilha Sampaio, Dr. Vliberto Cavalcante Porto e o Wandick Ponte (amigo próximo de Edson Queiroz).

A seguir, o Sr. Edson Queiroz viajou a Brasília para conversar com o Ministro da Educação Jarbas Passarinho, inclusive solicitando a indicação de uma pessoa para acompanhar o processo, lembrando-se do médico Dr. Antero Coelho Neto, que já residia na capital federal e atuava como vice-diretor da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, para elaborar o projeto da Universidade de Fortaleza e, fato contínuo, possibilitar a sua autorização de funcionamento junto ao Conselho Federal de Educação.

Em consequência de muitos diálogos e discussões, chegou-se à conclusão de que o Curso de Educação Física também deveria ser criado, no que de imediato o professor José Eduardo Gomes Barreira, iniciou os contatos com amigos que fizera na Escola Superior de Educação Física e que estavam, naquele momento, coordenando cursos em outros Estados tais como: Minas Gerais, Espírito Santo e Pernambuco.

Destaque-se que os grupos se reuniam por área de estudo e conhecimentos e em locais determinados. No caso específico da Educação Física, o professor José Eduardo Barreira, que já se tornara membro efetivo da equipe que coordenava os trabalhos para a criação da Universidade de Fortaleza, também começou a organizar encontros para apresentar aqueles que seriam os primeiros professores do curso e que, por conseguinte, comporiam o quadro de magistério do primeiro curso superior de Educação Física em Fortaleza. Assim, afirma:

Fiz uma reunião lá em casa, fiz umas duas ou três reuniões convidando alguns professores, nessas reuniões todo mundo se prontificou, os poucos professores que tinha na época se prontificaram a lecionar mais de umas disciplina conforme a necessidade [...] e quando estava mais ou menos posto eu falei com o Antero e tive uma conversa com o Edson [...] e o curso de Educação Física foi um dos primeiros a entrar no Centro de Ciências da Saúde.

Com as negociações em andamento, o empresário Edson Queiroz, no ano de 1972, procedeu à compra de um terreno de propriedade do Sr. Patriolino Ribeiro, medindo

500m de frente por 1000m de fundo, localizado na Avenida Washington Soares, para fazer ali funcionar o *Campus* e, no ano seguinte, inaugurou a Universidade de Fortaleza, aproveitando a vinda do Presidente da República e do Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, por ocasião da abertura dos Jogos Universitários Brasileiros, na capital cearense.

No que se refere às construções de laboratórios, parque aquático, quadras e campo, estes tinham uma previsão para o ano de 1976, porém não se concretizaram e foram usados como alternativa, convênios com instituições: colégios e clubes. Isso se ratificou até meados dos anos de 1976, quando ainda na condição de aluno do curso de Educação Física, realizaram-se aulas práticas de natação no BNB-Clube, localizado na avenida Santos Dumont. Ressalte-se que, antes do ingresso como aluno na UNIFOR, as aulas práticas de atletismo aconteciam no Colégio Militar, enquanto as aulas de natação no Clube Náutico Atlético Cearense, localizado na Avenida Beira-Mar. Na realidade, quando o curso começou a funcionar havia uma quadra polivalente descoberta, duas quadras polivalentes descobertas, campo de futebol e uma pista reta de atletismo para corridas de 100 metros rasos e com barreiras.

O organograma pedagógico da Universidade de Fortaleza ficou dividido por área de concentração. Assim, o Curso de Educação Física se inseriu no Centro de Ciências da Saúde, conjuntamente com os cursos de Fisioterapia, Enfermagem, Odontologia e Medicina. Porém, os cursos de Odontologia e Medicina não foram implantados naquele momento, fato acontecido no final do século XX, em meados da década de 2000.

A filosofia da UNIFOR focava a formação de profissionais para as necessidades da região, conforme o previsto no projeto, para tanto, optou por um currículo que privilegiou a ação prática do aluno, acompanhando o previsto na Lei 5. 692 de 11 de agosto de 1971, que enaltecia a prática de exercícios, contemplando, também, o potencial do educando, seu raciocínio lógico e sua sensibilidade. É interessante lembrar que, ao ser lotado no Centro de Ciências da Saúde, a Educação Física era entendida com exclusivamente ‘saúde’, mas entende-se que uma das intervenções principais estivesse na educação, visto que os egressos desse curso estariam trabalhando, também, no atendimento a alunos do ensino de 1º. e 2º. graus dos estabelecimentos de ensino municipal, estadual e particulares.

De acordo Miranda, os novos cursos de Educação Física tinham a intenção de atender à demanda social e de mercado:

O processo de expansão do ensino superior no Brasil [...] sem qualquer planejamento e política educacional que orientasse seus rumos [...] A educação era vista como um instrumento eficaz de ascensão social do indivíduo, então começaram

os incentivos do governo federal para a criação de instituições de Ensino Superior. Esse processo acontece, principalmente, de 1965 a 1975 (MIRANDA, 1998, p. 129).

Um fato que faz voltar no tempo dessa história, ocorreu quando, um dia pela manhã, andando com outros colegas de turma, percebeu-se certa euforia de pessoas junto à Diretoria do Centro de Ciências da Saúde. De imediato, procurou-se a sala da coordenação do curso, que ficava muito próxima, para colher a informação de que o Curso de Educação Física, modalidade licenciatura, tinha sido reconhecido. Atualmente, verificando-se documentos escritos sobre a instituição, pode-se conferir que, no dia 27 de outubro de 1976, pelo Decreto Lei 78. 651, o Curso de Educação Física foi o primeiro dos 17 cursos da UNIFOR a ser reconhecido. Vale frisar que o curso fora aprovado pelo parecer 2.954/76, da Câmara de Ensino Superior, sob o processo nº. 923/76, no dia 02 de setembro de 1976.

Como já foi mencionado anteriormente nesse trabalho e, em depoimento do professor José Eduardo Gomes Barreira, o primeiro currículo do Curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) teve como base o de outros cursos que serviram de comparação àquele que seria o da nova instituição. Nesse caso, foram utilizados os currículos da Universidade Federal de Espírito Santo, da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal de Porto Alegre, da Universidade Federal de São Paulo. Após essa análise, chegou-se à conclusão de que a universidade deveria ter um curso com uma duração de 3 anos, com matrícula semestral e por disciplina. Levem-se em consideração que do primeiro ciclo deveriam constar disciplinas comuns a todos os cursos da área da saúde.

O documento oficial apresentava os objetivos da universidade para com a formação dos alunos de Educação Física, citados a seguir:

1. Identificar o indivíduo como um todo indissociável, corpo e mente.
2. Ser dotado de intenções educativas e desenvolvido espírito científico.
3. Encarar a educação física, desportiva e recreativa como elemento básico de desenvolvimento e aprimoramento de forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do indivíduo.
4. Conscientizar o caráter de unidade da Educação por meio das atividades físicas, sempre, distinguindo os seguintes objetivos: corpo são e equilibrado (saúde), qualidades perceptivas, motoras e autodomínio de raciocínio, valores morais, no sentido de uma vida sã e equilibrada socialmente.
5. Utilizar os meios de Educação Física, que são a Ginástica, os Jogos e a Recreação, com claras intenções educativas.
6. Utilizar as técnicas e as formas pedagógicas, conduzindo-as com prudência, competência e profundo sentido humano, observando os seguintes princípios fundamentais: grau biológico do esforço, dosagem do esforço (adaptação às possibilidades individuais), preparação geral e/ou manutenção física, importância das atividades físicas para o ser humano, motivação.

7. Ser dotado de conhecimentos biológicos, psicológicos, pedagógicos e das técnicas da: Ginástica, Natação, Atletismo, Rítmica, Recreação e conhecimentos sobre desportos em geral.
8. Conhecer a política nacional de Educação Física, dos Desportos e de Recreação do país e da região onde vai exercer as suas atividades.
9. Conhecer a legislação profissional e as normas éticas às quais estará sujeito.
10. Participar de programas integrados de Educação Física, desportiva e recreativa em estabelecimentos de ensino, associações esportivas, colônias de férias e campanhas de aprendizagens desportivas em geral.
11. Utilizar técnicas de trabalhos que previnam incidência de defeitos físicos e promovem o desenvolvimento harmônico do organismo.
12. Fazer análise adequada, através de testes de capacidade física.
13. Efetuar testes de condicionamento físico, usando as técnicas indicadas com a finalidade de poder avaliar o indivíduo e a orientação a ser seguida.
14. Interpretar rotineiramente, exame de aptidão física que constituem a referência fundamental para orientar o planeamento, controle e avaliação da Educação Física, desportiva e recreativa, no nível dos esclarecimentos de ensino e associações desportivas.
15. Ter condições de elaborar programas de atividades de Educação Física, desportiva e recreativa.
16. Saber utilizar as técnicas de primeiros socorros de urgência.
17. Aplicar os conhecimentos de psicologia no planeamento e na execução das formas de atividades finais de acordo com as características próprias de cada indivíduo.
18. Aceitar como recomendável a prática das atividades físicas, rotineiramente, como meio de manutenção e/ou melhoria do estado geral da saúde.
19. Executar e saber transmitir a iniciação e as técnicas fundamentais da Ginástica, da Natação, do Atletismo, da Recreação, da Rítmica e dos Desportos.
20. Distinguir a generalidade e a classificação das modalidades esportivas individuais, identificando estilos e técnicas.
21. Aplicar atividades educativas específicas distinguindo a prática de cada modalidade desportiva individual.
22. Identificar os erros mais comuns cometidos pelo atleta na execução dos estilos específicos de cada modalidade desportiva individual.
23. Planejar e saber dirigir programas de treinamentos de modalidades de desportos individuais, utilizando-se de táticas e técnicas que favorecem a melhoria progressiva e consequentemente melhor rendimento de performance do atleta.. (MIRANDA, 1998, p. 144).

O que se observa na proposta, é de que o profissional de Educação Física concluiria o curso com a possibilidade de atuar em todas as áreas esportivas, de forma a exigir a execução das técnicas, ficando claro que esses objetivos estariam ligados a uma Educação Física tecnicista.

6.3 Os primeiros professores e os egressos do primeiro vestibular em Educação Física

Destaca-se, no quadro 4, o primeiro quadro de professores, composto por ocasião do reconhecimento do curso em 27 de outubro de 1976, através do Decreto Lei 78. 651:

Quadro 4 – Quadro inicial de professores do Curso de Educação Física da UNIFOR

No.	Professor	Disciplina
01	Antonio da Silveira Machado	Socorros Urgentes.
02	Carlos Abdorilo Barros de Lima	Ginástica Masculina, Ginástica I e II, Prática de Ensino de Educação Física.
03	Carlos da Fonseca Dauer	Higiene e saneamento.
04	Eilson Goes de Oliveira	Biometria
05	Francisco de Assis Mendes Goes	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º. e 2º. Grau.
06	Godofredo de Castro Filho	Física I e II
07	Gotardo Thomas de Lemos	Sociologia
08	Jaime da Cunha Rebouças	Biologia Geral
09	José Claudio de Oliveira	Estudos de Problemas Brasileiros
10	José Leite de Oliveira	Desporto Coletivo I e II
11	José Jackson Lima de Albuquerque	Introdução à Estatística
12	José Waldizar de Figueiredo	Fisioterapia Geral
13	Luciano Mota Gaspar	Introdução à Antropologia
14	Maria das Graças Souto Mota	Didática I
15	Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Meneses	Introdução à Psicologia Psicologia da Aprendizagem Psicologia Evolutiva
16	Viliberto Cavalcante Porto	Ciências Morfológicas
17	Winston de Castro Graça	Cinesiologia I e II

Fonte: Miranda (1998).

No entendimento dos gestores dessa instituição de ensino superior do Estado do Ceará e, com um curso aguardado por muitos atletas e amantes dos desportos, inscreveram-se, para o primeiro vestibular de Educação Física, 103 pessoas, para o preenchimento de 30 vagas ofertadas. O interessante é que ficaram 80 classificados e a universidade matriculou todos. Destaque-se que a forma de entrada dos professores para atuação no curso acontecia através de convites.

A entrada do aluno era por concurso vestibular com prova escrita, prova prática de corrida tendo os homens de atingir o percurso mínimo de 2.400m e as mulheres 1.800m. No dia seguinte, acontecia a prova de natação sendo obrigatório cumprir o percurso de 25m. A respeito da forma de entrada no curso de Educação Física da Universidade, já registrada anteriormente, volta-se a detalhar, apenas, a prova de rítmica com a seguinte dinâmica: a professora colocava um disco para tocar numa radiola Phillips portátil, depois o aluno teria que seguir o ritmo da música que estava tocando, executando movimentos livres dentro desse ritmo.

Segundo Miranda (1998, p. 135), os aprovados no primeiro vestibular para Educação Física foram divulgados no dia 27 de fevereiro de 1972. O resultado dizia respeito às provas de Comunicação e Expressão, Ciências I, Estudos Sociais e Ciências II. A relação abaixo segue a ordem de classificação:

Paulo Roberto Soares Guimarães

João Carlos de Araujo Carvalho

José William Pontes Monteiro
Kélia Maria Cunha de Miranda
Newton Bruno de Farias
Péricles Fernandes Teixeira
Manuel Francisco Viana Neto
Jaque Moreira de Barcelos
Francisca Lirete Lins Nobre
Raimundo Clênio Teixeira Veras
Maria Menezes Campos Cartaxo
Arnaldo Lima Bezerra
Paulo César de Araújo Carvalho
Maria do Socorro Macedo Bruno
Maria Helena França Mendonça
Marília Pombo Silva
Sérgio Araújo Holanda Pinto
Augusto César de Oliveira Ehert Lobo
Eurípedes Gurgel Filho
Helena Coelis Bonfim Lopes
Maria Eliene Pinheiro Peixoto Botelho
Claudio Antero Rola
João Saldanha Nunes Filho
Antonia Jovita Cavalcante Correia
Raimundo Ailton Gadelha
Elizabeth Fernandes Teixeira
Francisca Liusete Lins Nobre
Hilda dos Santos Nepomuceno
João Cordeiro de Miranda Filho
Maria Maia Neta
Maria de Fátima Bonfim Lopes
Edla Campos Colares
Ariane Magalhães Lima
Roberto Lopes Bastos
José Aluisio Bezerra Ferreira Lima
Wilkson Barbosa Saraiva

Vera Silvia Vieira da Fonseca
Fernando José Macdowel Costa
Ana Maria Pordeus do Nascimento
Tereza Cristina Picanço Passos
Maria Roseli Fernandes Monteiro
Maria Petronilia Marinho Lopes
Ileana Rosa Chaves Fernandes
Waldeci Lúcia Colares Gurgel
João Brígido
Messias Araújo Pontes
Eduardo Humberto Garcia Hellery
Maria Jeanne Araruna Filomena
Juvenal Calixto Duarte
Francisco Dartagnan Barbosa de Mesquita
Cícero Soares Matos
José Aquino Filho
Francisco Alves da Costa
Luiz Augusto da Silva
Paula Virgínia de Araújo Carvalho
Maria Ivanise Gurgel Saraiva
Aristeu Holanda Silva
Laura Cavalcante Leite
Cândido Antonio Neto
Heloisa Azevedo de Vasconcelos
Ana Maria Dantas da Silva
Paulo Ricardo Pinheiro da Silva
Marco Aurélio Crisóstomo de Moraes
José Gonçalves Gomes Neto
Simone Mary de Moraes
José Airton Fernandes Lima
Divaldo Aderaldo Filho
Lenir de Araújo Costa A. de Carvalho
Pedro Osvaldo Ferreira
Gilson Barreira Lemos

José Leorne Nogueira
João Bastos Freire Filho
Marcos Antonio Hitzschky Rola
Rui de Deus Barbosa
Mirian de Albuquerque Ramos
José Sá Neto
Marcos Campelo Moreira
Benício Antonio Nogueira
Terezinha de Araújo
Lídio Pereira Neto
Leda Pinheiro de Holanda
Ligia Costa Coelho
Raimunda Machado Fachine
Maria Eline de Medeiros
Ricardo Antonio Leite Gomes
Virginia Maria de Araújo Carvalho
Antonio Augusto de Araripe Pereira
Francisco Carlos Siqueira Campos
Francisco Ernani Sousa
Eliane Maria Ferreira Bastos
Jovita Cavalcante de Aguiar
Luiz Antonio Caminha Veloso
Benjamin Moreira de Souza
Tânia Maria Maciel Alencar
José Alberto Pereira
Raimundo José Faria Melo
Rita Vitorino Dantas
Teresa dos Santos Braga
Raimundo Nonato Ribeiro Bastos
Nívea Maria Mota Assunção
Rita Maria Lelis Gadelha
Sonia Maria Gonçalves
Raimundo Iatagan Barreto Falcão

No dia 27 de dezembro de 1975, aconteceu, no auditório do Centro de Convenções, a solenidade de colação de grau, da primeira turma de Educação Física, em conjunto com o Curso de Fisioterapia. Adotando uma prática diferente das existentes: os alunos formandos compareceram à referida solenidade para a colação, em traje esporte fino, desprezando a ‘beca’. A seguir, foi realizada uma missa em ação de graças e, às 23:00h, um baile no clube Náutico Atlético Cearense, na Avenida Beira-Mar.

Desse modo, citam-se, a seguir os nomes dos primeiros professores que concluíram um curso superior em Educação Física no próprio estado de origem, no caso na Universidade de Fortaleza (UNIFOR):

1. Ana Maria Pordeus do Nascimento
2. Antonio Augusto Araripe Pereira
3. Ariana Magalhães de Lima
4. Augusto Cesar de Oliveira Ehret Lobo
5. Aristeu Holanda Silva
6. Cícero Soares Matos
7. Francisca Lirete Nobre Viana
8. Francisco Dartagnan Barbosa de Mesquita
9. Gilson Barreira Lemos
10. Helena Coelis Bonfim Lopes
11. Heloísa Azevedo de Vasconcelos
12. Hilda dos Santos Nepomuceno
13. Jaque Moreira de Barcelos
14. João Brígido
15. João Cordeiro de Miranda Filho
16. José Aloísio Bezerra Ferreira Lima
17. José Leorne Nogueira
18. Juvenal Calixto Duarte
19. Kélia Maria Cunha de Miranda
20. Ligia Costa Coelho
21. Luiz Augusto da Silva
22. Marcos Antonio Hitzschky Rola
23. Maria Eliane Pinheiro Peixoto
24. Maria Ivanise Gurgel Saraiva
25. Maria Geanne Araruna

26. Maria Maia Neta
27. Maria Petronilia Lopes Guerra
28. Marília Pombo Silva
29. Paula Virgínia de Araujo Carvalho
30. Paulo Ricardo Pinheiro da Silva
31. Raimunda Machado Fachine
32. Raimundo Clenio Teixeira Veras
33. Ricardo Antonio Leite Gomes
34. Teresa Cristina Picanço Passos
35. Vera Vieira da Fonseca Sabóia Amorim.

Os professores homenageados foram os seguintes:

Antonio Barroso Lima
Antonio Carlos Otaviano Morano
Antonio Machado da Silveira Neto
Carlos Abdorilo Barros Lima
Francisco das Chagas Silva
José Leite de Oliveira
Lindyr Saldanha Duarte
Marcondes Paula Sá Silva
Maria Heliomar Melo Barbosa
Maria Isolda Bezerra de Menezes
Marineide Braga Benício
Raimunda Sonia Malaquias Nobre
Rebeca Fermanian Magalhães
Thereza Barbosa Maia
Zélia Carvalho de Farias
Walkiria Araujo

Percebe-se que a criação de uma universidade abriu novas perspectivas para os fortalezenses, em particular para os profissionais práticos de Educação Física que atuavam na área, tornando-os mais confiantes e, de certa forma, com uma fundamentação do saber

científico. No entanto, esses professores atuavam no magistério, amparados por um aspecto legal que os legitimavam através de um registro²⁰ precatório.

Para registro e ainda para se ter uma noção da realidade na formação dos professores, destacam-se as disciplinas que compunham a integralização curricular, na época denominada de grade curricular:

SEMESTRE – I

Física – I – 4.02

Química Geral – I – 4.02

Biologia Geral – I – 4.02

Ginástica – I – 0.03

SEMESTRE – II

Ciências Morfológicas – 4.08

Ciências Fisiológicas – 6.03

Ginástica – II – 0.03

SEMESTRE – III

Psicologia Evolutiva – 6.00

Cinesiologia – I – 2.01

Biometria – 2.01

Ginástica – III – 0.03

Ritmica – I – 0.03

Atletismo – I – 0.03

Recreação – 0.03

SEMESTRE – IV

Psicologia da Aprendizagem – 6.00

Cinesiologia – II – 3.00

Ginástica – IV – 0.03

Natação – I – 0.03

Atletismo – II – 0.03

SEMESTRE – V

Didática – 6.00

Estrutura e Funcionamento do 1º. e 2º. Grau – 6.00

Estudo de Problemas Brasileiros – I – 3.00

²⁰ Licença legal fornecida pelo órgão oficial para que os professores que não possuíam nível superior pudessem atuar no magistério.

Higiene e Saneamento – I – 3.00

Natação – II – 0.03

Atletismo – III – 0.03

SEMESTRE – VI

Fisioterapia Geral – 3.00

Socorros Urgentes – 3.00

Organização Desportiva – 3.00

Prática de Ensino em Educação Física – 0.09

Como visto anteriormente, o primeiro currículo tinha 29 disciplinas obrigatórias, com 130 créditos, distribuídos em seis semestres. O primeiro ciclo geral era comum a todos os cursos do Centro de Ciências da Saúde, enquanto o segundo ciclo voltava-se à formação acadêmica e profissional.

A primeira ideia de currículo foi introduzida no Brasil, em meados de 1961, com a promulgação da Lei 4.024, em 20 de dezembro, de Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Miranda (2009, p. 57), em sua dissertação de mestrado, afirma que a primeira proposta curricular do curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza tinha as seguintes características:

- ausência de uma proposta político-pedagógica;
- carência de fundamentação dos pressupostos teóricos e metodológicos para a sua estruturação, desprezando qualquer discussão referente às teorias curriculares e pedagógicas e questões de ordem epistemológicas;
- elaborada com base na opinião pessoal, principalmente do primeiro coordenador do curso de Educação Física, que elaborou a grade curricular para a licenciatura em Educação Física composta predominantemente de disciplinas de cunho desportivo e biológico, reforçando o paradigma da aptidão física;
- referencia das grades curriculares de outros cursos que já funcionavam nas regiões sul e sudeste do País;
- o pequeno número de licenciados de Educação Física no Ceará até a conclusão da primeira turma da Universidade de Fortaleza, inibiu as possibilidades de discussões e reflexões acerca do primeiro currículo;
- repercutindo o momento político nacional, o currículo apresentava tendências eminentemente técnico-biologicista, a-científica, acrítica e a-histórica, estimulando principalmente o desenvolvimento da área do esporte.

Em depoimento, o primeiro coordenador do curso de Educação Física, Prof. José Eduardo Gomes Barreira se expressou:

Com o desenvolvimento do curso eu procurei apanhar todos os currículos que pudessem estar ao meu alcance, para poder me referir ou apresentar a coordenação da criação da Universidade um currículo que pudesse satisfazer as características regionais, atendendo todas as exigências legais, então, paralelamente eu solicitei

currículos com os amigos de várias instituições de ensino do país. Eu obtive currículos para eu poder comparar da Universidade Federal do Espírito Santo, da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal de Porto Alegre, da Universidade de São Paulo – USP, e, após analisar esses currículos chegou-se a um consenso para apresentação do nosso currículo do curso de Educação Física, que tinha inicialmente a duração de 3 anos e 2000, 2200 horas, se não me engano, a serem cumpridos em 3 anos ou 6 semestres.

Vale registrar que a mantenedora Fundação Educacional Edson Queiroz foi constituída em 23.03.71, como fundação de direito privado, sem fins lucrativos e seu estatuto foi registrado no Cartório Moraes Correia, no livro A-3, às folhas 157 v; de registro Civil de Pessoas Jurídicas, sob o no. de ordem 740, em 05.04.71. A instituição está matriculada no Instituto Nacional de Previdência e Assistência Social sob o no. 07 373 434/0001-86. No ano de 1982 uma comissão avaliou a capacidade patrimonial e economicofinanceira, com base no desempenho entre 1977 e 1982 e chegou a seguinte conclusão: o patrimônio atual da Fundação Educacional Edson Queiroz está avaliado em Cr\$ 12.000.000.000,00 (doze bilhões de cruzeiros) (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, 1983).

Quanto às finalidades da Instituição destaca-se:

- a) Criar, instalar e manter Estabelecimentos de Ensino Superior, de 1º. e 2º. Graus e Pré-Escolar;
 - b) Elaborar planos, programas e projetos de pesquisa que se coadunam com sua natureza de Fundação Educacional;
 - c) Financiar, direta ou indiretamente, a execução de planos, programas e projetos de pesquisa, bem como a investigação e experimentação científicas;
 - d) Celebrar acordos, convênios e contratos com Instituições e Serviços Nacionais e Internacionais em matéria de sua competência;
 - e) Manter intercâmbio com Instituições nacionais e estrangeiras que possuam objetivos afins e de cujas relações possam resultar benefícios mútuos.
- (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, 1983).

Pode-se, então, indagar: – por que na Universidade de Fortaleza o curso de Educação Física ficou inserido ao Centro de Ciências da Saúde? Como se viu, anteriormente, o seu currículo base, ou seja, a integralização curricular tinha como alicerce os currículos de Instituições de outros estados brasileiros, na sua maioria, seguindo uma linha da higienização e da eugenia. O que sustentava essa ideia era o pensamento de que o corpo que a educação física trabalha tem ênfase na anatomia e na sua fisiologia.

Como afirma Miranda (2009, p. 28), em função dessa tendência, alguns professores que entendiam a Educação Física com base numa linha psicopedagógicas e historicocrítica, se manifestaram assim:

A colocação dos cursos de Educação Física nos Centros e Institutos de Saúde subverteu os seus objetivos. Educação Física é Educação. Deve ser incluída, portanto, nos Centro de Ciências Humanas e Sociais das Universidades a que pertencem. [...] A formal inserção nos citados Centros, porém, não transformará os alunos de Educação Física em futuros educadores.

Para Miranda (2009, p. 85), a reforma do ensino superior, de 1968, foi decisiva na massificação desse nível de ensino invertendo o seu papel de formador de intelectuais para formador de mão de obra para o mercado de trabalho:

Na área da Educação Física, essas medidas ocasionaram em rebaixamento da qualidade de ensino oferecido. Historicamente, se os docentes da área já não apresentavam uma tradição acadêmica, sendo mesmo formados em instituições com ideologias militarizadas, visão européia dominante, preocupando-se unicamente em transferir uma formação baseada em metodologias apropriadas para treinamento e adestramento, agora, com a reforma e aumento da quantidade, passaram a se preocupar com a verificação da performance de seus alunos.

Acrescenta Miranda (1998, p. 88), os cursos de Educação Física, além de terem surgido para atender à demanda social e de mercado, também teve a obrigatoriedade dentro dos currículos de todos os níveis em todo o país.

Ratificando o anteriormente exposto, (Miranda, 1998, p. 91) salienta:

Educação era vista como um instrumento eficaz de sua ascensão social do indivíduo, então começaram os incentivos do governo federal para a criação de Instituições de Ensino Superior – IES. O processo de expansão das IES acontece, principalmente, de 1965 a 1975.

Ainda reforçando a ideia predominante do higienismo e sua influência nos currículos, quando da criação do curso de Educação Física da UNIFOR, encontra-se a afirmativa de Castellani Filho (1988, p. 46) que corrobora o nosso raciocínio, nas seguintes palavras: “Podemos afirmar, portanto, terem sido também influenciados pelos higienistas, pautada em conotações de cunho nitidamente eugênicas, que os educadores passaram a defender a introdução da Ginástica nos colégios.”

Encontra-se respaldo na afirmativa citada, nos estudos de mestrado de Miranda (2009, p. 97), quando afirma que:

O Curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza é produto da influência das concepções higienista e competitivista. Entretanto, a concepção hegemônica em

toda a sua história é a higienista, característica comum entre todas as concepções, que se preocupa com a saúde individual, com homens e mulheres sadios.

É de conhecimento dos professores e adeptos dessa área que a Educação Física brasileira recebeu muitas influências que interferiram sobremaneira no processo pedagógico das instituições superiores e dos alunos, como também admite-se que a influência das instituições médicas e militares foram significantes na sua evolução histórica. Para melhor entendimento de como essas tendências se apresentam o professor Guiraldelli Junior (1989), as descreve a partir dos anos 30. Essas tendências seriam: Educação Física Higienista, Educação Física Militarista, Educação Física Pedagógica, Educação Física Competitivista e a Educação Física Popular.

Sobre o assunto, Darido (2005, p. 3), denomina essas tendências como sendo concepções e passa a descrevê-las como sendo: Higienismo e Militarismo, Esportivismo, Recreacionismo, enquanto as abordagens pedagógicas da Educação Física Escolar seriam: Psicomotricidade, Desenvolvimentista, Construtivista-interacionista, Crítico-superadora, Crítico Emancipatória, Saúde Renovada, Parâmetros Curriculares Nacionais.

É necessário que agora se faça a descrição dessas tendências para que também se tenha uma dimensão do enquadramento de ações ligadas à Educação Física nas diversas instituições. Então, as abordagens devem ser as seguintes:

Higienista – tem a preocupação precípua com o desenvolvimento dos hábitos de higiene e saúde. O desenvolvimento do físico e da moral por meio de exercícios para o fortalecimento do homem, estimulando a disciplina, fundamental no complemento dessa formação. Ainda nos dias atuais, essa é a forma de maior entendimento da Educação Física no cotidiano. Advém do pensamento grego de *men sana in corpore sano*, ou seja, “mente sã em corpo sã.”

Militarista – que se preocupa com a saúde individual e pública. O homem é o centro dessa atenção, quando os padrões disciplinares e de fortaleza devem fazer parte da sua formação no sentido de prepará-lo para a luta em defesa da nação brasileira. Os homens e mulheres deveriam estar preparados, também, para o progresso, desenvolvendo ações nas atividades profissionais e sociais.

Competitivista – surgiu a partir dos anos de domínio do regime militar, que priorizava as competições esportivas, de forma eufórica. A disputa e a gana pela vitória e a transformação em vencedor estava em prioridade única. A Educação Física estava voltada para o desempenho e o alto rendimento de alunos e futuros atletas.

Popular – com base nos movimentos políticos e sociais. A ideia era preparar o cidadão para construir uma sociedade mais justa e democrática.

Como foi citado anteriormente, a partir dos anos da década de 1970, com o Brasil emergindo para um novo momento histórico e social, surgiram as concepções da Educação Física Escolar, são elas:

Desenvolvimentista – voltada para o estudo dos processos de aprendizagem motora de crianças entre 4 a 14 anos, caracterizando a progressão normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, afetivo, social e cognitivo. Nas aulas, o aluno é estimulado a praticar atividades que possibilitem experiências motoras compatíveis com o seu crescimento e desenvolvimento. Essa concepção fundamenta-se nos estudos do professor GO Tani, em conjunto com um grupo da Universidade de São Paulo.

Construtivista – Interacionista – visa, por meio de atividades desenvolver o cognitivo do educando nas áreas de conhecimento. Essa concepção é baseada nos estudos de João Batista Freire (1992), da universidade de Campinas (UNICAMP) em São Paulo.

Criticossuperadora – dá ênfase aos debates das questões sociais, seguindo uma linha marxista e neomarxista. A principal obra é do professor João Paulo Medina.

Sistêmica – ao aluno é oferecida a oportunidade de vivenciar uma educação física como um sistema aberto. As habilidades motoras aqui, não devem ser a prioridade e sim, devem entender o verdadeiro significado da cultura corporal para o seu desenvolvimento e através delas, os esportes também devem ser ensinados.

Como se vê, a Educação Física pode ser desenvolvida recorrendo a diversas tendências e cabe à instituição repassar aos seus alunos esses conhecimentos. No caso específico da Universidade de Fortaleza, foi adotado um currículo com base no higienismo e na formação esportiva e da saúde, contextualizado anteriormente.

Depois da fundação até os dias atuais, já se passaram quarenta anos de Universidade de Fortaleza (UNIFOR), alcançando a marca de cerca de 20 mil alunos formados e 47 cursos de graduação, que no momento da instalação se resumiam a 17 cursos. Na verdade, a constituição dessa instituição de ensino superior veio agregar-se à vanguarda cultural e de formação de todos os cearenses, iniciada pela Universidade Federal do Ceará. Ao referenciar neste trabalho o curso de Educação Física dessa instituição, fica-se envaidecido, especialmente, por ter pertencido a essa instituição que pode ser referência no fazer administrativo, pedagógico, dinamismo e expansão.

Destacam-se, no capítulo seguinte, as opiniões dos primeiros alunos de Educação Física da UNIFOR, que colaram grau.

7 ANSEIOS, ASPIRAÇÕES E REALIZAÇÕES DOS PRIMEIROS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE NÍVEL SUPERIOR DE FORTALEZA

Entende-se que a conclusão de um curso de nível superior seja o coroamento de anseios e esforços que podem determinar mudanças significativas na vida de uma pessoa, principalmente, quando perspectivas remotas apontavam para um futuro obscuro e limitado, em relação aos aspectos da legalidade de uma profissão. Assim, procurou-se entrevistar alguns dos atores envolvidos diretamente no processo de formação da primeira turma se graduando em Educação Física, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), os quais responderam a perguntas que perpassam, desde suas entradas na instituição, até a forma como entendem a atual condição de reconhecimento da profissão pela sociedade.

A primeira pergunta formulada procurou dar um enfoque sobre: - o que significou a chegada da UNIFOR nas lides acadêmicas em Fortaleza. Sobre esse primeiro aspecto percebeu-se, nos entrevistados, uma grande alegria em seus semblantes, ao mesmo tempo em que afirmaram, em suas respostas, que foi muito bom e que chegou em um momento ideal. Para eles, a Universidade de Fortaleza veio atender a muitos sonhos e ideais daqueles que aspiravam a entrada em uma instituição de curso superior, pois assim, concretizariam os estudos apenas descritos como de nível secundário. Assim, apresentam-se as concepções dos entrevistados, citados fielmente as suas palavras:

Professora Kélia Maria Cunha de Miranda: “a chegada da UNIFOR prá mim foi maravilhosa.”

Professora Paula Virgínia de Araújo Carvalho: “Prá mim, foi, assim, maravilhoso”

Professor Aristeu Holanda Silva: “Pra mim foi significativa.”

Gilson Barreira Lemos: “Rapaz, eu acredito que tenha sido a melhor coisa.”

José Aloísio Bezerra Ferreira Lima: Foi uma abertura muito grande para a época. Já existiam faculdades institucionais, faculdades públicas e abriu um mercado daquela época. Já existia uma concorrência muito grande, abriu o mercado para uma nova opção de universidade e cursos novos, que a Universidade Pública não oferecia, como Educação Física, Fisioterapia, dentre outros.

Professor José Leorne Nogueira: Rapaz, na verdade foi uma surpresa. A gente já estava no Estado como professor de Educação Física, quando surgiu essa Faculdade, porque no Estado do Ceará não tinha ainda uma Faculdade de Educação Física no ensino superior e, foi uma alegria pra nós, ter essa oportunidade de fazer um curso superior.

Professora Marília Pombo Silva Gurgel: “Um avanço muito grande na área de Educação Física no nordeste.”

Como citado anteriormente, muitos encontraram na abertura de um curso superior a complementação de seus anseios, uma vez que já praticavam esportes, outros já tinham feito cursos de aperfeiçoamento em esporte e curso de aperfeiçoamento do ensino médio, enquanto alguns já desempenhavam atividades administrativas na área desportiva. Foi, portanto, o ápice de vontades e anseios por galgar outros patamares na área específica da Educação Física. Nessa perspectiva, se expressaram quando da pergunta: - Por que a opção pelo curso de Educação Física?

Professora Kélia: “Porque eu venho de família desportista, meu irmão Zé Milton, desportista, meu pai militar desportista. Minha mãe também trabalhou em Ed. Física, depois passou pra orientação educacional. Então, vinha no sangue a história do esporte. Tanto é a prova que o meu filho formou-se em Educação Física, depois trocou pra Direito. A filha era atleta e a neta. Então é assim uma doença maravilhosa. E se precisasse voltar outra vez, eu cursaria de novo a UNIFOR, o curso de Educação Física.

Professora Paula Virgínia: Eu já tinha em mente o curso de Ed. Física, estava me preparando para fazer fora. Quando a chegada da UNIFOR, a possibilidade de não sair da minha cidade, de fazer o curso aqui mesmo. Eu venho de uma família de professor de Educação Física, como a minha mãe, eu tinha um irmão Paulo César que por sinal só tinha o curso da CADES, e com a chegada da UNIFOR, ele foi fazer o curso superior.

Professor Aristeu Holanda: Nessa época eu trabalhava na Saronord Roupas do Nordeste em Parangaba, lá mesmo eu já exercia uma coordenação na parte de Futebol de Salão e quando veio a UNIFOR foi uma alegria. Fiz logo a inscrição e, tentei toda a verba emprestada, a gente não tinha esse dinheiro todo. A própria Saronord me ajudou através do Dr. Beni que foi até Governador. E, entrei, graças à Deus pertenci à primeira turma em 1973 e saí em 75. Convivi com grandes amigos e pra mim foi a minha base. Eu sempre desejava a Ed. Física e graças a Deus exerci muito bem e tudo que eu tenho hoje agradeço a UNIFOR.

Professor Gilson Barreira: Rapaz, pra você ver como é que são as coisas. Minha família é toda do Direito. Meu pai catedrático da Faculdade de Direito, catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas, meu avó Diretor da Faculdade de Direito, meu tio Wagner Barreira e, eu tive tendência à Educação Física porque eu gostava de esporte. Eu fui atleta, eu fui campeão no Ceará com 10 anos de idade. E, eu fui atleta a vida toda. E, parti para essa coisa porque eu gostava, porque a profissão boa é aquela que você gosta.

Professor Aloísio Lima: “Eu sempre gostei muito da área esportiva e resolvi me dedicar a Educação Física para dar continuidade àquilo que eu sempre gostei.”

Professor José Leorne: “Eu já dava aula de Educação Física, eu já tinha feito curso da CADES, inclusive eu passei três meses NO Recife para poder adquirir aquele registro para fazer o concurso e o concurso foi em julho de 1970.”

Professora Marília Pombo: “Identificar-se com o curso em função de sempre ter sido atleta.

No que se refere à formação na parte teórica, não houve unanimidade nas respostas, com a identificação de alguns apontando para o não atendimento das expectativas, no entanto, outros afirmaram que os conteúdos e a forma pedagógica de transmiti-los transcorreram a contento. A seguir apresentam-se trechos dos depoimentos:

Professora Kélia Cunha: Olha, a parte teórica ficou muito a dever, pois os nossos professores de certa forma, não ministravam aula em um curso de Educação Física. Eles eram docentes do estado em colégios, embora alguns, eu não vou assim ressaltar prá não ser indelicada. Uns tinham uma formação muito boa, tinha embasamento e tudo, mas outros infelizmente, nós não tivemos. Agora, quem quer busca e, eu fui buscar fora em alguns cursos internacionais que eu fiz e, isso prá mim foi uma experiência maravilhosa.

Professora Paula Virgínia: “Olha, na parte teórica foi muito bem. A gente tinha professores que, na época, preenchiam o requisito necessário, mas que deixaram expectativas de melhora, né! Não era o ideal ainda.”

Professor Aristeu Holanda: A parte teórica foi boa. Nós estudamos com grandes professores. Na parte de Anatomia eu me lembro bem e daqui nós fomos a uma Pós-Graduação que eu desejava. Eu dizia: eu não vou ser um professor de Educação Física com a finalidade de flexionar um braço e não saber qual é o músculo que trabalhava. Isso prá mim não interessava. E a cadeira de Anatomia foi muito boa na UNIFOR.

Professor Gilson Barreira: Eu gostava da Anatomia. Tinha um cidadão que trabalhava na Universidade Federal que chamavam de papa-defunto, e, eu chegava lá às 4 horas da manhã, tirava o defunto, botava na mesa e íamos trabalhar. Tanto é que hoje eu formolizo, eu disseco. Hoje, eu faço tudo no defunto. E daí eu aprendi Anatomia.

Professor Aloísio Lima: As aulas na parte teórica podemos dizer que foram de regular para boas.

Professor José Leorne: Eu acho que o curso, nas primeiras turmas, a gente viu, talvez, algumas dificuldades, isso falando dentro de uma realidade, não é isso? Mas a gente já conhecia através de muitos cursos que a gente já tinha feito, tanto aqui em Fortaleza quanto em outros estados, isso aí contribuiu muito e facilitou o trabalho.

Professora Marília Pombo: “Na maioria das disciplinas ofertadas o desempenho dos professores era bom e atendia às expectativas.”

No que concerne à parte prática, torna-se e relevante uma boa formação para que os futuros docentes possam atuar de forma consciente e segura no campo de trabalho (escolas, clubes e/ou associações). Sobre a forma como foi essa formação, alguns profissionais elogiaram, mas houve aqueles que chegaram a afirmar que não chegou a contemplar suas expectativas, havendo falhas na parte da estrutura física do curso:

Professora Kélia Cunha: “A parte prática era muito interessante, pois a UNIFOR não tinha nenhuma instalação. Assim, ela acontecia no Colégio Militar, no Náutico e, dessa

forma, a gente fazia essas cadeiras. A UNIFOR não tinha piscina, não tinha quadra coberta, não tinha pista de atletismo.”

Professora Paula Virgínia: Foi assim muito complicada, porque a UNIFOR se tornava distante do centro da cidade. Não tinha a parte física. Então, a gente tinha de se deslocar com a maior dificuldade, porque nem todo mundo tinha transporte, tinha que depender de ônibus que era de hora em hora. Então, foi muito sacrificado, mas valeu à pena.

Professor Aristeu Holanda: Essa daí foi fabulosa. Iniciei, tive grandes ajudas, principalmente do Zé Fuzil que era um professor e um grande técnico de voleibol na época do Náutico que era meu colega de turma, o Airton também do vôlei, Gurgel, todos os três do vôlei e, eles me deram essa oportunidade de eu ficar acompanhando. Eu anotava todos aqueles exercícios, bonecos fazendo os movimentos e aquilo foi a minha base para o futebol, porque o meu forte era o futebol que eu queria, mas eu aconselho a todos aqueles que estão iniciando na Educação Física que a parte física do voleibol é uma grande base para todos os outros esportes. Eu levei todos aqueles treinamentos, no espaço menor possível que é uma quadra de vôlei 18x9, e, levei para o campo de futebol e, fiz muito trabalho intervalado que é muito usado no vôlei e, conquistei grandes títulos e, trabalhei nos grandes clubes do futebol cearense.

Professor Gilson Barreira: Na parte prática, eu já tinha um bocado porque, quando eu morei no Rio de Janeiro, fui arremessador de peso do Fluminense. Depois eu arremessei peso e fui aprender a dar massagem. Aí eu comecei aprendendo a dar massagem, tanto é que hoje eu ainda faço alguma coisa com alongamento. Eu trabalho mais com alongamento, dor lombar, torcicolo.

Professor Aloísio Lima: “Deixou muito a desejar principalmente nós da primeira turma, porque nós não tínhamos onde fazer aulas práticas. Começamos a fazer essas aulas práticas lá no Centro de Convenções, vizinho à UNIFOR e, eu me lembro um dia, eu até nunca mais me esqueci disso. Uma vez eu acabei logo, quando começaram essas aulas práticas lá, eu acabei com uma aula de voleibol, não vou citar o nome do professor. Eu disse que aqui não era local adequado para se formar professores e, a partir daí, começaram a tomar providências, nós começamos a ter aulas no Náutico, no Colégio Militar, enfim. Abriu-se local onde nós tínhamos condições de ter uma aula digna para formar profissionais.

Professor José Leorne: A prática aí foi o complemento porque a gente já tinha feito vários cursos no Colégio Militar, na época existia a Seccional aqui em Fortaleza, né, aí tinha pela Seccional, pela Secretaria de Educação e eu fui um dos fundadores da Federação Cearense de Handebol, no caso em 1972 e a nossa turma já foi assim coroada com toda essa parte, tanto na parte teórica quanto na parte prática.

Professora Marília Pombo: “Por ser o início do curso, a carência de professor e material era grande, sendo que parte do curso, no geral, deixou a desejar.”

Com relação à área de atuação desses professores identificou-se que um maior percentual optou pelos esportes, no desenvolvimento e conhecimento de suas técnicas, além da busca pelas conquistas, ficando, assim, caracterizados como de alto rendimento. Os demais professores, em um menor percentual, optaram por atuar em estabelecimentos escolares e instituições de ensino superior. Destacam-se, a seguir alguns pontos das entrevistas:

Professora Kélia Cunha: A minha área de atuação era Universidade, eu também era do Estado e da Prefeitura. E como eu tenho o espírito de organização eu sempre dava aula e, era coordenadora. Fui coordenadora do Liceu. Consegui colocar o esporte no Liceu à noite que não tinha. Era só aquela aula de Educação Física. Os atletas não tinham essa coisa de treinar. Então, no Liceu, no Joaquim Albano e na Universidade Estadual que eu tirei o nome de Ginástica Feminina, Ginástica Masculina e botei Ginástica Aeróbica pra todo mundo.

Professora Paula Virgínia: “Me dediquei à Educação, Escola.”

Professor Aristeu Holanda: Trabalhei em grandes escolas, numa faixa de 19 anos na educação, ou seja, no Estado e no Município. Mas aí foram grandes decepções porque a gente não tinha aqueles apoios que era pra ter, ou seja, grandes quadras. Hoje não, os colégios hoje estão com excelentes ginásios, pista de atletismo e tudo. Naquele tempo não existia e, a gente tinha as dificuldades, mas mesmo assim, nós também nos tornávamos mágicos.

Professor Gilson Barreira: “Eu parti para ser técnico de futebol, preparador físico. Eu trabalhei muito no futebol. Também eu tinha uma academia de *Power Training* que era considerada a maior academia do Ceará, que era na Beira mar, vizinho ao clube Náutico.”

Professor José Aloísio Lima: “Escola. Escolas Públicas e Particulares.”

José Leorne Nogueira: “Na verdade, eu procurei mais as escolas porque eu trabalhava em escolas particulares e me dedicava muito nessa parte de Educação Física Escolar. Em clube, eu tentei algumas vezes, até porque no Handebol a gente também encontrou muita dificuldade, até hoje a gente, com certeza, tem essa dificuldade. Mas eu trabalhei em alguns clubes, trabalhei no Ceará *Sporting Club*, onde nós implantamos o Handebol na época e foi um sucesso. Eu acho que prá mim, Graças a Deus, foi sucesso!

Professora Marília Pombo: “Principalmente escola.”

Quando do período de formação ou graduação em uma instituição, depara-se com determinadas situações estruturais e/ou pedagógicas, que podem servir de parâmetro avaliativo para a atuação posterior, no local de atuação com o aluno, já na condição de profissional, no caso, atuando em escolas, clubes ou associações.

A respeito desse item, indagou-se se, ao chegarem ao local de trabalho, esses profissionais perceberam diferenças relacionadas aos conteúdos e materiais em relação ao que fora desenvolvido, quando ainda estavam na fase da graduação na universidade. Em caso positivo, solicitou-se que pontuassem tais diferenças. Detecta-se, nas respostas, que nesse item não houve unanimidade, visto que, alguns professores já possuíam experiências anteriores, quando da participação em cursos específicos de esportes, e outros já tinham desenvolvido atividades pedagógicas em escolas, clubes e empresas. Assim destacam-se:

Professora Kélia Cunha: “Por ser esportista eu não senti assim diferença não, porque eu sempre pratiquei esporte. Na minha casa tinha uma quadra de vôlei, o meu pai fazia um voleibol todo sábado à tarde, então eu não notei diferença em nada porque eu sempre pratiquei um esporte.”

Professora Paula Virgínia: “Quando você vai pra prática é bem diferente. Realmente, a escola é o local do trabalho, você tem a teoria, mas a gente encontra muita dificuldade, que é outra realidade, falta de material, falta de condições de trabalho.”

Professor Aristeu Holanda: Os conhecimentos adquiridos foram uma coisa maravilhosa, serve para todos os campos e foi demais. Eu só lhe digo uma coisa: auxiliou em tudo. Um professor de Ed. Física está apto a qualquer atividade da vida, porque a preparação é base. E você sabe que nós temos também a psicologia, então, aplicou isso aí você vai longe.

Professor Gilson Barreira: “Não, por causa da Anatomia, Fisiologia e Cinesiologia.”

Professor Aloísio Lima: Não, não foi muita diferença não, porque muitas vezes nem aula tinha né! Às vezes pegava monitores, às vezes pegava ex-atletas de futebol para trabalhar junto a esses alunos, quer dizer: aí nós começamos a mudar a condição também do próprio aluno e de dirigentes de escolas que não era aquilo que eles estavam pensando que era a Ed. Física.

Professor José Leorne: “Não porque já existia né! A gente já era professor e já tinha toda essa abertura para os trabalhos.”

Professora Marília Pombo: “o impacto foi menor em virtude de já exercer a função de professora durante a graduação.”

Quando da formação do aluno na universidade o processo deve acontecer no campo teórico e prático. Nesse particular, os docentes, além de procurarem ensinar, estimular, planejar e possibilitar a pesquisa buscam fazer que no campo profissional não haja dicotomia entre o que foi desenvolvido na academia e a realidade encontrada. Para analisar a situação indagou-se aos entrevistados se os conteúdos assimilados por ocasião das aulas práticas desenvolvidas na graduação na Universidade poderiam ser aplicados quando foram atuar no campo de trabalho. A essa indagação, os professores entrevistados responderam:

Professora Kélia Cunha: “Com certeza, com certeza.”

Professora Paula Virgínia: “Olha, a prática no papel cabe tudo. Então você aprende, tem todo aquele material, mas quando você chega na prática você tem que improvisar muita coisa, porque você não tem aquele material.

Professor Aristeu Holanda: “Sim”.

Professor Gilson Barreira: “Deu por causa da Anatomia, Fisiologia e da Cinesiologia, porque a alma da Educação Física chama-se Cinesiologia. Você sabendo Cinesiologia você sabe tudo.”

Professor Aloísio Lima: “De certa maneira sim. No dia a dia dava para se aplicar.”

Professor José Leorne: “Com certeza, com certeza absoluta até porque a gente tinha muitos companheiros tinha esse vasto conhecimento da área e tudo foi fácil pra nós.”

Professora Marília Pombo: “Muito pouco.”

De acordo com as respostas apresentadas, fica patente que, em função do que preceituava a Educação Física como sendo direcionada para a prática de atividades, a desenvoltura e desempenho desses professores atendiam plenamente ao que deveria ser trabalhado na escola.

Como já foi citado anteriormente, na capital cearense ainda não havia um curso superior de Educação Física, e, os profissionais que atuavam em escolas esperavam ansiosamente por um curso que ratificassem seus conhecimentos e os possibilitassem a investir em outros conhecimentos da academia. Entendemos então, que toda profissão busca um reconhecimento social, ademais se traduz numa forma de barganha e exigências no que tange ao mercado de trabalho. Assim, indagamos aos entrevistados o que significava ser um professor de Educação Física no momento da chegada da UNIFOR. Transcrevem-se, a seguir, suas respostas:

Professora Kélia Cunha: Até porque as academias eram muito poucas e essa prática da Ed. Física ou a prática da atividade física não tinha ênfase, não se dava ênfase a isso. Depois, acho que depois de uns 15 anos da UNIFOR, começaram a pensar, porque as pessoas formadas depois da primeira, segunda e terceira turma, abriram academias e o governo abriu concurso e a prática obrigatória nas faculdades, aí o horizonte ficou melhor.

Professora Paula Virgínia: Olha, era um curso ainda não reconhecido. Pela experiência, em casa, com a minha mãe professora de Educação Física, o professor não era ainda reconhecido. A própria sociedade achava naquele momento que a Educação Física era uma embromação na escola, mas que hoje com o passar do tempo é outra idéia, é outra concepção né!

Professor Aristeu Holanda: Naquele momento não tinha muito reconhecimento. Era nova, e tudo. Mas com o próprio surgimento da UNIFOR, e as divulgações que existia que é por ser uma nova matéria, uma nova cadeira e tudo isso, e a população sentiu a necessidade de Ed. Física como hoje. Nós já estamos na idade que estamos e como precisamos dela né!

Professor Gilson Barreira: O professor de Educação Física não era reconhecido. Naquela época até soldado do Exército era melhor do que a gente, mas era porque ninguém sabia a quantidade de aprendizado que você tinha que ter, por exemplo, Anatomia, Cinesiologia, Fisiologia, Química, Bioquímica, tudo, tudo, tudo!

Professor Aloísio Lima: Muito difícil ainda porque a Educação Física estava engatinhando. Foi a primeira turma, nós tínhamos aqui profissionais formados em outros estados, profissionais. Profissionais que tinham cursos ainda não superiores, de nível superior e isso aí veio a começar a alavancar um marco na Ed. Física do Estado do Ceará. A Educação Física sofreu muito para ser valorizada na época.

Professor José Leorne: Era uma época diferente né Airton, porque naquela época a gente tinha certo respeito por todos, pelos governantes não só em Educação Física porque o professor naquela época era respeitado, era valorizado, hoje a gente encontra muita dificuldade. E eu que estou nesse Sindicato eu sou um dos diretores mais antigos ininterruptamente.

Professora Marília Pombo: “O professor de Educação Física era um apêndice, tinha uma função que não era muito valorizada e a vinda do curso começou a mudar um pouco essa realidade.”

Em função da metamorfose do tempo, do avanço tecnológico e, acima de tudo, do avanço no campo do conhecimento, acredita-se que muitos paradigmas acompanharam essas evoluções. Isso fez interrogar aos formados na primeira turma da Universidade de Fortaleza, de que forma e qual a concepção da sociedade sobre o profissional de Educação Física após se passarem quarenta (40) anos. Sobre esse item foi quase unanimidade a afirmação de que a Educação Física já possui esse reconhecimento, pois a sociedade admite ser a ‘Atividade Física’ primordial para a saúde e, proporcionalmente e agregado a ela se encontra o profissional dessa área, cujo anseio que ficou guardado por longo tempo. Dessa forma, os professores se pronunciaram:

Professora Kélia Cunha: Olha, a busca não é pela Ed. Física. A busca é pela saúde. Onde está a saúde? Na prática de atividade física. Na verdade nos credenciou a achar que nós poderíamos ser os Deuses da prática da atividade física. Porque se você não faz nada ou com professor ou sem professor, que na verdade tem que ter um orientador. Então, ou velho ou novo, em toda praça que você chega tem o idoso, tem a criança fazendo a prática da atividade física. Então, isso nos credencia hoje a acreditar no educador físico.

Professora Paula Virgínia: “Olha, melhorou bastante, até porque você vê que hoje em dia os praticantes são bem mais. As academias estão lotadas e bombando. A qualidade de vida hoje está bem melhor.”

Professor Aristeu Holanda: Excelente, excelente. Hoje a evolução tá demais. Então, hoje a aparelhagem, o modernismo, hoje está fantástico. Hoje você tem aparelhos Cinebergs que te dá toda a posição do teu corpo, então o preparador físico pega tudo prontinho e só vai executar aquilo com os seus conhecimentos anatômicos.

Professor Gilson Barreira: Rapaz, eu acredito que sim. Todos que foram formados na Unifor eu acredito que a maioria tenha um reconhecimento muito grande, tanto na área da Ed. Física quanto na área social (escolas).

Professor Aloísio Lima: “Ah! hoje sim, está muito reconhecida até porque a UNIFOR, atualmente, é um marco aqui no Nordeste, por ser uma universidade com grandes condições. Naquela época, as condições eram mínimas, repito.”

Professor José Leorne: “O Conselho facilitou muito entendeu!”

Professora Marília Pombo: “Sim, mas ainda está longe do ideal em função das deficiências dos cursos tais como: material apropriado para o ensino das disciplinas e a necessidade de maior interesse por parte dos alunos.”

É interessante destacar que a primeira turma de graduados numa instituição de ensino superior particular no Ceará reunia jovens ansiosos em transformar suas vidas. Isso também enchia esses alunos de uma euforia efervescente, quando, muitas vezes, casos inusitados aconteciam e se transformavam em verdadeiras festas e momentos de humor. Tudo isso, era considerado por eles como sendo natural, acompanhado por certa ‘ingenuidade administrativa’, talvez, por se tratar de pessoas atléticas, admiradores da excelência no desempenho e serem possuidores de muita energia. Alguns desses casos irreverentes são descritos a seguir. Contam, inicialmente, que realizavam uma famosa procissão de São Benedito, por entre os blocos didáticos da Universidade, além desse, outros acontecimentos são relatados com muitos risos e certo teor de nostalgia. Sobre os detalhes desses eventos os participantes descrevem:

Professora Kélia Cunha: Olha, parecia uma novela, eu vou explicar o por que. A turma já estava no ponto de professor, de atuar na área. Porque eles já vinham de uma graduação, que não era graduação, mas era um curso maravilhoso da CADES, com professores de fora. Então, a turma, a maioria precisava da legalização do diploma. E, nesse quadro, assim, havia um desinteresse dos que já sabiam que já eram técnicos de basquete, que já eram técnicos de vôlei. Mas na Educação Física tinha muita coisa engraçada. Uma das coisas engraçadas da nossa turma é que o Benício, um pretinho lindo, maravilhoso, jogador do Ceará, foi eleito o São Benedito e, a turma toda botava ele numa cadeira suspendia a cadeira e saía dizendo que era a procissão dos professores de Educação Física, no *Campus* da UNIFOR. E assim: os professores, na maioria, tinham medo da turma de Educação Física, primeiro, por serem bombadões e, segundo, por serem assim, meio atrevidos. Aí ficava, segundo algumas pessoas do corpo docente, sorteando pra ver quem pegava aquela classe, porque era uma gaiatice. Então, isso eram algumas coisas super interessantes até porque eram alunos, um era jogador de futebol, era técnico de basquete, eram atletas de voleibol. Então, tudo isso contribuía pra que essa bagunça acontecesse.

Professora Paula Virgínia: Minha turma por ser precursora lá da UNIFOR era tudo improvisado. A gente tinha, na época, o colega Benício, que a gente fazia a nossa procissão. A gente vestia o Benício de São Benedito e fazíamos uma ladainha e a gente percorria ali a parte da área de Saúde todinha. Não só a parte da saúde, mas toda aquela parte ali da Reitoria que hoje é a biblioteca. Então, era muito interessante!

Professor Aloísio Lima: Naquele tempo de graduação nós criamos a procissão de São Benedito e, eu fui um dos criadores. Eu fui realmente dos que comecei a fazer, eu sempre fui brincalhão e na nossa turma naquela época tinha muita gente com idade já mais avançada. Eu era um dos mais novos da turma com vinte, vinte e

poucos anos. Tinha gente com 35, 40 enfim. Nós tínhamos de saudosa memória o Benício. Ele, que foi ex-atleta um camarada muito sério mas, gostava das brincadeiras também. Aí, nós resolvemos fazer uma procissão de São Benedito. Isso, a UNIFOR em construção, então, tinha muita madeira. Eu peguei duas escoras daquelas de andaime, coloquei uma cadeira, aquela cadeira mesmo de madeira que existia antigamente e fiz um andor. Amarrei, fiz um andor e colocamos o Benício como São Benedito. E, nós tivemos umas cadeiras no período da noite, cadeiras de psicologia dentre outras, e o pessoal que estudava à noite, que vinha do trabalho dizia: rapaz e a procissão de São Benedito não vai ter, não? Respondemos vai ter! Porque sempre a gente fazia em final de semestre. Eu disse é vamos fazer essa procissão. Um dia programei a procissão. Aí chegou Dr. Viliberto Porto que era diretor do Centro de Saúde e na época vice-Reitor da Unifor. Ele chegou e falou, olha eu to sabendo que estão programando uma procissão de São Benedito e, se essa procissão sair eu estou sabendo quem são os cabeças e você vai se dar mal. Eu disse: não, não sou eu não! Fomos lá e viemos cá, eu sei que a intimidação dele ficou de lado. Fiz tudo direitinho. Eu levei arame, me lembro como se fosse hoje, levei arame, fiz uma coroa de flores. Fui lá no centro da UNIFOR, não sei se ainda tem hoje? Tinha um lago, uma fonte e lá vizinho, tinha uns pendões muito bonitos assim parecido com pendão de milho, não sei o que seria aquilo. Eu cortei dois pendões daqueles, coloquei dois alunos na frente com aqueles pendões levantados. O Benício todo arrumado, não me lembro quem foi que trouxe vela. Eu sei que tinha vela de toda cor, no local da cadeira onde se escreve tinha vela. As mulheres de véu. Nós pegamos a professora, ainda me lembro o nome dela hoje, Sonia Malaquias, ensinava se me prece Psicologia, não me lembro qual era a cadeira, ela, estava grávida. Professora a senhora tem que ir nessa procissão aí, porque São Benedito vai abençoar o nascimento do seu filho. Ela foi à procissão. E todo mundo rezando, fomos lá para o Centro de Ciências da Humanidade onde tinha a maior concentração do turno da noite era lá. Chegamos lá, paramos entre os dois blocos, arriamos lá o andor, e, falamos e rezamos. Eu sei que acabou a aula na UNIFOR e nós passamos pelos outros centros e chegamos no lago onde fomos rebolar o São Benedito dentro do lago, dentro da fonte mas, ele foi mais esperto e não conseguimos rebolar. Quando foi no outro dia, chegou Antero Coelho Neto, Reitor da UNIFOR. A porta não sei como é hoje, a porta era atrás. Aí o Antero falou: ei você aí. Eu lá na frente, eu olhava prá trás e apontava para o vizinho é esse? Ele não! Apontava pro outro lado, aí não! Apontava pro da frente, aí ele não! Quando foi lá pras tantas aí ele disse: você mesmo. Risos...

Venha cá! Rapaz eu soube que ontem à noite foi a maior bagunça aqui, acabaram com a aula! Vamos conversar lá na Reitoria, chame aí alguns colegas seu.

Aí subimos! Subimos fomos lá pra Reitoria aí ele disse: é um negócio interessante, é uma coisa que eu gostei bastante, soube como é que foi. Vamos colocar isso nos eventos da UNIFOR anualmente. Eu disse: Dr. Antero nada programado presta, nada programado presta. Então, a última procissão de São Benedito foi essa. E nós estamos no penúltimo semestre e isso não vai mais acontecer.

Fato interessante é que as nossas turmas eram separadas, homens e mulheres e quando desse a procissão de São Benedito as turmas eram juntas homens e mulheres, então as mulheres ajudaram muito e deu uma conotação melhor.

Outro fato interessante diz respeito ao trote dos calouros que sempre era feito de forma diferente de outros cursos, como relata o professor Aloísio Lima:

Aloísio Lima: Como nós somos a primeira então como naquela época ainda hoje tem mas, diminuiu muito. Então, nós programamos a calourada com algumas pessoas que a gente já conhecia, era do meio, no caso o Hamilton Melo, Lulinha e Marciano. Esses três grandes atletas na aquela época estavam no auge de suas carreiras. O Hamilton Melo e o Lulinha eram barbados, dos três dois eram. Então dissemos: ninguém vai cortar sua barba não, vamos lá pro seu Sr Raimundo. A gente ia dia de sábado pra La, ficava atrás da UNIFOR, era quase que um sitio ele tinha uma mercearia, terreiro grande, a gente ia pra lá e a cervejada, tudo por conta deles, pronto! Era esse o nosso bicho, bem light. Ai o Lulinha não foi, mas voltando a esse trote. Sr Raimundo, tem galinha? tem! Ele criava galinha pé duro. Hamilton Melo tu vai pegar aquela galinha, Marciano tu vai pegar aquela, sem ajuda de ninguém e essa galinha é pro tira gosto. Corriam, cansavam e pegavam (risos) Eles eram atletas, mas

cansavam um pouquinho. Como o Lulinha não foi, nós dissemos: vamos lá para a praia da AABB, me parece que um dia de segunda feira e um dia de segunda feira muito boa, com muito tira-gosto e muita cerveja.

Lá no Sr Raimundo, se juntava uma turma boa, Roberto Bastos, Wilkson, o Ricardo Leite, Gilson, Jack, Benício, eu, Cícero quando estava de folga, enfim, o Dudu Ellery, uma patota boa que gostava de tomar uma cervejinha, bater um papo. Um dia resolveram marcar, começou uma discussão pra saber quem corria mais. Aí, inventamos uma corrida com o Fefe e o Gilson. Marcada a corrida, eu fui dar a largada e quem dava a chegada era o Wilkson. Eu sei que a chegada terminava na porta da mercearia do Sr Raimundo e nesse percurso o Fefe tropeçou e se esparramou no chão. Aí, o Gilson abandonou a corrida e disse: ganhei. Aí nós falamos: não, você não ganhou não! Eu sei que nessa brincadeirinha ia dando era briga feia, não era brigazinha de puxar cabelo de mulher não, era briga feia, por causa dessa corrida que não teve ganhador.

Na condição de alunos iniciantes de um primeiro curso e talvez por desconhecem as normas internas da instituição no que se refere a direitos e deveres dos alunos, a turma era agitada e considerada pelos próprios alunos como rebeldes em certas situações. Fato o é, que declaram abaixo a situação.

Professor Aloísio Lima: “Num determinado semestre, acho que foi o segundo ou terceiro semestre, por ocasião de prova ou avaliação, ninguém queria ir fiscalizar a turma de Educação Física da turma masculina. Aí resolveu lá, a coordenação fez uma reunião e resolveu colocar para fiscalizar professores que não eram da área. E chegou um determinado professor lá, bastante nervoso intimidando todo mundo. Se pescar vai ser isso, e não sei o que, irritando todo mundo e sem dar condições de certa tranquilidade de se analisar a prova. Aí, lá pelas tantas o Wilkson se levantou e deu um tremendo ‘cagaço’ no professor, porque ele estava perturbando, estava tirando a concentração. Eu sei que o cabra botou o rabinho entre as pernas. Estava programado de eu empurrar a cadeira pra traz e cair e nessa hora todo mundo pescar. Eu digo: e nessa hora onde é que eu fico? Só com a queda mesmo? Risos... O Wilkson era um atleta de 1,85, 1,88, atleta de futebol, uma marra.

Outro fato interessante aconteceu em plena sala de aula com o professor Gilson Barreira, que morou por algum tempo no Rio de Janeiro e chegou a ser atleta arremessador de peso do Fluminense Futebol Clube que em tom de alegria narrou: “na aula, a professora de Sociologia falou em ‘amor’ aí eu brinquei: que amor! Não existe amor, porque eu passei 10 anos no Rio e nunca mandei nenhuma carta. Aí alguém gritou lá detrás: também não sabia escrever!

Como se percebeu por essas declarações dos atores envolvidos diretamente no contexto histórico, resgatar a memória os fatos importantes na construção de suas histórias eclode todo um manifesto do *ego*, numa simbiose harmônica com uma realização. Integrar essa história para os que compuseram a primeira turma de graduados de Educação Física da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) traduz, não apenas, a conclusão de estudos, mas resgata o sentido de valorização e realização no desempenho das funções pedagógicas e tecnicodesportivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou compreender os percursos da história da Educação Física do Ceará, perfazendo caminhos trilhados em intervalos que resgatam subsídios para esta escrita. Percebe-se que, no Brasil, antes da chegada da família real, os índios, habitavam várias regiões e por necessidade de sobrevivência eram obrigados a praticarem atividades físicas. Sobre essas atividades, historiadores enaltecem suas forças quando do emprego da coragem e dinamismo, destacando, também, suas habilidades na canoagem, na equitação, na caça e na pesca.

No período imediato à proclamação da independência brasileira, alguns tratados surgiram na perspectiva de apresentar um norteamento para a população assimilar a intenção da importância da prática da Educação Física, naquele momento compreendido como esteio de uma boa educação, preceito básico ao desenvolvimento da saúde do corpo e à cultura do espírito, ratificando as ideias defendidas por Platão, cujo homem seria corpo e espírito, isso é, dos 07 aos 17 anos a ginástica e a música se encarregariam da harmonia do corpo e da alma.

Com o passar do tempo, outros trabalhos apareceram, tanto na esfera política quanto por meio de estudiosos médicos, que tinham como pontos norteadores a educação e, para tal, os exercícios físicos deveriam estar presentes na vida dos jovens estudantes. Assim, teses foram defendidas por esses médicos, que serviram de orientação às famílias e ao Estado, no sentido de evidenciar os exercícios na prevenção de doenças, de uma boa higiene e na busca de uma verdadeira eugenia.

Constatou-se, também, que a Educação Física teve um marco de relevância, com a interveniência de Rui Barbosa na defesa de seu parecer, que tornava a disciplina obrigatória nas escolas e equiparava os professores de ginástica aos das demais disciplinas. Esse fato abriu caminhos para uma discussão a respeito da importância da Educação Física na formação de cidadãos, contrariando o que pensaram seus antecessores.

Noutro período, ficou evidente um tratamento difuso entre meninos e meninas pelos gestores do Ministério, assegurando que essas meninas mereciam uma atividade física voltada à preparação de futuras mães, configurando assim, que a mulher seria ideal para o lar, procriação e responsável, também, pela melhoria da raça.

Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder registrou-se que, por Portaria, os alunos deveriam prestar exames físicos e que esses fossem realizados no início e final de cada ano e os exames práticos antes do início da quarta prova parcial, para os alunos de 12, 15 e 17

anos e meio, ficando patente a busca pelo acompanhamento da desenvoltura muscular e resistência do aluno.

Caracteriza-se, então, entre seus objetivos, a compreensão da Educação Física formadora de uma juventude saudável e capaz de estar pronta para o combate de forças contrárias internas e externas. Implícito a essas ideias agregava-se a intenção de um ordenamento social com a obrigatoriedade do ensino de Moral e Cívica, em todos os níveis de ensino. Entende-se, também, que o marco referencial para a Educação Física foram os reconhecimentos da Escola Superior de Educação Física do Estado do Espírito Santo e da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil.

Com a intenção de ratificar o que pensavam os educadores desse período, após a Revolução de 1964 e na década de 1970, a Educação Física esteve voltada para a busca da excelência no desempenho, e no predomínio de exercícios que tornassem o cidadão mais sadio, capaz de defender sua Pátria e possuidor de uma saúde ideal para gerar filhos saudáveis.

O estudo mostrou, ainda, que as leis foram importantes para o desenvolvimento da Educação Física, da regulamentação de sua prática e da atuação de seus professores. Dessa forma, registrou-se que, no Ceará, em termos de legalização voltada a esses profissionais, essa teve início, na década de 1960, com o curso da CADES e, para tal, a influência política foi preponderante ao pleito. Isso significou, sobremaneira, que anos após surgiu a primeira instituição de ensino superior de Educação Física em Fortaleza, cuja concretização contemplou os sonhos dos idealizadores e de uma juventude que aspirava consolidar seus ideais.

A pesquisa viabilizou um entendimento da criação do curso de Educação Física da primeira Instituição de Ensino Superior do Ceará, ao mesmo tempo em que contemplaram em narrativa os momentos que antecederam à legalização do curso superior fundamentado em leis e os percursos vividos pelos atores envolvidos no processo.

Assim, entende-se que este estudo poderá subsidiar outros estudos voltados para o tema em voga, na possibilidade de investigar, não sendo necessário seguir a mesma linha investigativa para a elucidação dos fatos e verdades, que possam estar ofuscadas no presente.

Fica evidente que, na medida em que o tempo acompanha sua metamorfose, os cursos de Educação Física estão sendo criados na perspectiva de formar profissionais qualificados para atuarem de forma científica no atendimento aos cidadãos. Na tentativa de uma retrospectiva sobre a área da Educação Física, registrou-se que os avanços são

inquestionáveis em todas as áreas do conhecimento e inversamente proporcionais aos momentos dos primórdios.

REFERÊNCIAS

- AUSTER, Paul. Entrevista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 3, 21 set. 1991.
- BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. Corpo docente e práticas terapêuticas nos guias médicos do século XIX. In: JACINTO, Barbosa Francisco Carlos. **Corporeidade: ensaios que envolvem o corpo**. Fortaleza: UFC, 2004. p. 101-111. (Coleção Diálogos Intempestivos).
- BILKEN, R; BOGDAN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Editora Porto, 1994.
- BRASIL. **Decreto –lei no. 1.044, de 21 de outubro de 1969**. Brasília, DF, 1969.
- BRASIL. **Decreto no. 450 – de 1º. de novembro de 1971**. Brasília, DF, 1971.
- BRASIL. **Lei 4.024/61**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, DF, 1961.
- BRASIL. **Lei 5.692/71**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, DF, 1971.
- BRASIL. **Lei 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. **Lei 5.540/68**. Lei da Reforma Universitária. Brasília, DF, 1968.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 19. ed. Campinas: Papyrus, 1988.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. São Paulo: Autores Associados, 2004.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1992.
- FREIRE, Jurandir Costa. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GUIMARÃES, Flávio Romero. **Como fazer?: diretrizes para a elaboração de trabalhos monográficos**. 2. ed. Paraíba: EDUEP, 2003.
- GUIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação física progressista**. São Paulo: Loiola, 1989.

- HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- JORNAL CORREIO DO CEARÁ, Fortaleza, 1965-1966.
- JORNAL 'O POVO', Fortaleza, 1972-1973.
- JORNAL TRIBUNA DO CEARÁ, Fortaleza, 1972-1973.
- LE GOFF, Jacques. **A História nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. São Paulo: Unicamp, 2008.
- MARINHO, Inezil Penna. **História geral da educação física**. São Paulo: Cia Brasil, 1980a.
- MARINHO, Inezil Penna. **Sistemas e métodos de educação física**. 2. Ed. São Paulo: Cia Brasil, 1980b.
- MARTINHO, Rodrigues Rui. A propósito de história oral. *In*: MARTINHO, Rodrigues Rui. **Linguagens da História**. Fortaleza: UFC, 2003. p. 11-21. (Coleção Diálogos Intempestivos).
- MAZO, J. **História do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria**. Santa Maria: UFSM: CEFD, 1999.
- MEDINA, João Paulo. **A educação física cuida do corpo e mente**. São Paulo: Papyrus, 1996.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- MIRANDA, João Milton Cunha de. **A Identidade Histórica do Curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza,
- MIRANDA, João Milton Cunha de. A História do Curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza. **Revista do Centro de Ciências da Saúde**, Fortaleza, n. 10, p. 124-138, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF, 1997.
- POPPER, Karl R. **A Miséria do Historicismo**. Tradução de Octany S. da Mota e Hegenberg Leônidas. São Paulo: Cultrix, 1993.
- SALES, Rodrigues Kátia. **Entrevista Reflexiva a Partir do Registro de Observação: fundamento teórico**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 1996.

SILVA, Marinete dos Santos. **A Educação Brasileira no Estado Novo (1937/1945)**. São Paulo: Livramento, 1980.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TUCHMAN, Barbara W. **A prática da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

UNIVERSIDADE de Fortaleza realiza primeiro vestibular. **Jornal Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 24 mar. 1971.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Projeto de criação do Curso de Educação Física**. Fortaleza, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Resoluções da UFC de 1984 a 1992**. Fortaleza, 1992d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Resolução do CEPE de 17/jun/92**. Fortaleza, 1992a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Resolução do CONSUNI de 03/Nov/92**. Fortaleza, 1992c.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Resolução no. 39 do CEPE de 29/out/92**. Fortaleza, 1992b.

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. **Opção para o desenvolvimento**. Fortaleza, 1983.

VIEIRA, Maria do Pilar Araujo *et al.* **A pesquisa em história**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

**APÊNDICE A – CARTA DE CONSENTIMENTO PARA EX-ALUNOS DO CURSO
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIFOR E PROFESSORES DO CURSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFC**

Carta de consentimento e livre esclarecido aos ex-alunos que colaram grau na primeira turma de Educação Física da Universidade de Fortaleza.

Fortaleza. CE.

Período da pesquisa:

Ilmo. Senhor (a)

Eu, João Airton de Matos Pontes, aluno regularmente matriculado no Curso de Pós-Graduação, na Linha de Pesquisa História da Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, estou desenvolvendo a pesquisa **“Da “Suficiência” à Graduação: percursos da formação em Educação Física no Ceará – 1950 – 1970.**

Esta investigação tem por objetivo verificar o processo histórico, teórico e prático do curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza na década de 70. Gostaria, portanto, solicitar a sua colaboração no sentido de responder aos questionamentos cujos dados contribuirão sobremaneira no auxílio desse trabalho.

Certo de contar com a sua colaboração para a concretização dessa investigação, agradeço antecipadamente a atenção dispensada e nos colocamos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos (e-mail): airtonpontes@bol.com.br ou Fone: (85) 8867. 8093.

De acordo com o esclarecido,

Eu, Professor (a) _____ estou disposto a colaborar (participar) na realização da pesquisa **“Da “Suficiência” à Graduação: percursos da formação em Educação Física no Ceará – 1950 – 1970.** estando devidamente informado sobre a natureza da pesquisa, objetivos propostos, metodologia empregada e benefícios previstos.

Fortaleza (CE), _____ de _____ de _____.

Carta de consentimento e livre esclarecido aos professores que fizeram parte da fundação do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará.

Fortaleza. CE.

Período da pesquisa:

Ilmo. Senhor (a)

Eu, João Airton de Matos Pontes, aluno regularmente matriculado no Curso de Pós-Graduação, na Linha de Pesquisa História da Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, estou desenvolvendo a pesquisa **“Da “Suficiência” à Graduação: percursos da formação em Educação Física no Ceará – 1950 – 1970.**

Esta investigação tem por objetivo verificar o processo histórico, teórico e prático do curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza na década de 70. Gostaria, portanto, solicitar a sua colaboração no sentido de responder aos questionamentos cujos dados contribuirão sobremaneira no auxílio desse trabalho.

Certo de contar com a sua colaboração para a concretização dessa investigação, agradeço antecipadamente a atenção dispensada e nos colocamos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos (e-mail): airtonpontes@bol.com.br ou Fone: (85) 8867. 8093.

De acordo com o esclarecido,

Eu, Professor (a) _____ estou disposto a colaborar (participar) na realização da pesquisa **“Da “Suficiência” à Graduação: percursos da formação em Educação Física no Ceará – 1950 – 1970.** estando devidamente informado sobre a natureza da pesquisa, objetivos propostos, metodologia empregada e benefícios previstos.

Fortaleza (CE), _____ de _____ de _____.

APÊNDICE B – LISTA DOS ENTREVISTADOS

1. JOSÉ EDUARDO GOMES BARREIRA (PRIMEIRO COORDENADOR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIFOR).
2. PROFESSORA WALKYRIA ARAUJO (PRIMEIRA MULHER CEARENSE A CONCLUIR O CURSO NA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA – 1939).
3. PROFESSOR JOSÉ LEORNE NOGUEIRA (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PELO CURSO DA CADES).
4. PROFESSOR FRANCISCO CARLOS SIQUEIRA CAMPOS (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PELA CADES).

COMPONENTES DA PRIMEIRA TURMA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIFOR:

1. ARISTEU HOLADA SILVA
2. GILSON BARREIRA LEMOS
3. JOSÉ ALOISIO BEZERRA FERREIRA LIMA
4. JOSÉ LEORNE NOGUEIRA
5. KÉLIA MARIA CUNHA DE MIRANDA
6. MARÍLIA POMBO SILVA GURGEL
7. PAULA VIRGÍNIA DE ARAÚJO CARVALHO

PROFESSORES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

1. FRANCISCO DE ASSIS FRANCELINO ALVES
2. FRANCISCO DAS CHAGAS RODRIGUES SANTOS
3. JOSÉ WILSON DE FARIAS COUTO
4. LIDIO PEREIRA NETO